



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica

Maria Irene Pestana dos Santos

A PESSOA HUMANA, UM SER EM RELAÇÃO

Uma reflexão em torno da Unidade Letiva 1, do 6º Ano do Programa da disciplina de EMRC

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada
sob orientação de:

Professor Doutor Américo José Pinheira Pereira

Professor Mestre Juan Francisco Garcia Ambrosio

Lisboa

2017

“Permaneçei no meu amor.” (Jo 15, 9)

“O amor é o milagre de uma relação perfeita.

É estar agarrado a Deus como o sarmento à videira.

É também colher de Deus o que nos liga a todos os homens.

É, pelo amor de Deus, amá-los, compreendê-los, conhecê-los.”¹

¹ CARDEAL KÖNIG, citado por René Coste, *O Amor que transforma o mundo – Teologia da Caridade*, Cáritas Portuguesa, Lisboa, 2011, 13.

SÍNTESE

O presente relatório pretende salientar que, apesar, de vivermos numa civilização predominantemente individualista, a relacionalidade é uma dimensão estruturante do ser humano e o substrato que lhe permite concretizar o que em possibilidade é: pessoa, ser em relação.

Humanizar a Educação é um desafio que a atualidade lança à Escola e esta pode encontrar na EMRC uma parceira preferencial a fim de juntas contribuírem para a formação de pessoas que se disponham a transformar a realidade para seja possível uma convivência pacífica, numa sociedade cada vez mais global e multicultural. A Escola Básica de Santo António da Parede é um paradigma de que esse pluralismo social é uma realidade na Escola. A Unidade Letiva sobre a Pessoa Humana é oportuna e os alunos aderem com entusiasmo aos seus conteúdos.

Criada *Imago Dei* a pessoa é chamada a manter essa ligação à fonte como os ramos à árvore e aí encontrar o sentido da ética que norteia o seu agir quotidiano.

A Pessoa Humana e a sua dignidade ontológica poderiam estruturar o programa de EMRC, como princípios que não se deixam condicionar por geografias ou cronologias, porque o seu horizonte é a transcendência. Numa época em que a palavra é relativizada, é importante que a EMRC saiba aliar a teoria à prática, porque mais importante do que definir pessoa é praticar com os alunos o ser pessoa.

PALAVRAS-CHAVE

Pessoa, relação, ser humano, dignidade, EMRC, indivíduo,
educação, civilização, princípios, valores, Deus, metas.

SUMMARY

This report intends to emphasize that, although we live in a predominantly individualistic civilization, relationality is a structuring dimension of the human being and the substratum that allows transforming its inherent possibility into that which is the person as being in relation.

Humanizing education is a challenge that is now being introduced into schooling and it can find in EMRC a preferential partnership in order to contribute to the formation of people who are willing to transform reality so that peaceful coexistence is possible in an ever-changing society that is ever more global and multicultural. Santo António de Parede Basic School is a paradigm of what this social pluralism is in reality at School. The Learning Unit «Human Person» is proven to be pertinent and students enthusiastically adhered to its content.

«Imago Dei», as created by God, the person is called to maintain the connection to the source the same way branches do in relation to the tree, finding thus the sense of ethics that guides the human daily action.

The Human Person and its ontological dignity could be the axis on which to structure the EMRC program functioning as the principle that is not conditioned by geography or chronology, because the horizon on what it stands is transcendence.

At a time when the word is relativized, it is important that the EMRC knows how to combine theory with practice, because more important than defining what a person consists on is to practice with the students how to be a person.

KEYWORDS

Person, relationship, human being, dignity, EMRC, individual, education, civilization, principles, God, goals.

ÍNDICE

Síntese.....	3
Palavras - chave.....	3
Summary.....	4
Keywords.....	4
Índice.....	5
Introdução.....	7
CAPÍTULO 1. EDUCAR PARA A RELAÇÃO.....	10
1.1. Desafios e oportunidades levantados à disciplina de EMRC.....	10
1.2. A Escola e a disciplina de EMRC contributo na educação para a relação.....	15
CAPÍTULO 2. A PRÁTICA LETIVA NA ESCOLA BÁSICA DE SANTO ANTÓNIO..	18
2 .1. A Escola Básica de Santo António.....	18
2.2. Matriz sociológica do Agrupamento de Escolas de Parede.....	19
2.3. Caraterização da população discente da Escola Básica de Santo António.....	22
2.4. Caraterização da Turma de EMRC – do macrocosmos ao microcosmos.....	25
2.5. Reflexão sobre a Prática de Ensino Supervisionada.....	29

CAPÍTULO 3. DE INDIVÍDUO A PESSOA.....	40
3.1. Uma filosofia da relação em Mounier e Buber.....	40
3.2. Noção de pessoa.....	43
3.3. Criado à <i>Imago Dei</i> : a pessoa - o tu de Deus.....	45
3.4. Tornar-se Pessoa.....	49
3.5. A relação eu/tu: fonte de inspiração para a ética.....	53
3.6. A relação de Deus com a humanidade – paradigma da relação entre as pessoas.....	57
3.7. Ser pessoa é protótipo de doação	63
CAPÍTULO 4. O PRIMADO DA PESSOA.....	68
4.1. O primado da pessoa no cerne da educação.....	68
4.2. A pessoa como conceito central no programa de EMRC.....	70
4.3. Dignidade humana – de valor a princípio.....	85
4.4. Breve proposta de reorganização da UL1 - <i>A Pessoa Humana</i>	90
4.5. Sugestão de reestruturação do programa de EMRC do 6º ano.....	95
CAPÍTULO 5. PROJETO PRÁTICO.....	96
5.1. Projeto lig@-te aos outros.....	96
5.2. Esquema do projeto	100
5.3. Grelha das planificações das principais atividades do projeto.....	102
Conclusão	105
Referências Bibliográficas.....	108
ANEXOS	113

INTRODUÇÃO

O Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada, realizado no contexto do Mestrado em Ciências Religiosas, especialização em Educação Moral e Religiosa Católica, tem como finalidade elaborar uma reflexão sobre a Unidade Letiva 1, do Programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, norteadas pela temática: *A Pessoa Humana, um ser em relação*.

A motivação para esta linha de reflexão foi-se impondo a partir da percepção da civilização contemporânea e do conseqüente contexto sociocultural. A nossa sociedade está organizada a partir de indivíduos, em que cada um só tem de pensar em si, em vez de ser alicerçada numa comunidade de pessoas, em que cada uma está disponível para a outra. Esta constatação suscitou em nós o interesse em aprofundar a pessoa na dimensão da relação.

O objetivo primordial é perceber se a dimensão da relação é uma adenda que é colocada no indivíduo do exterior ou algo estruturante, que brota do interior da pessoa e assume um dinamismo de vitalidade e crescimento que impulsiona o ser humano num caminho de aperfeiçoamento.

A pessoa humana, um ser em relação, será o fio condutor que nos conduzirá no itinerário que iremos percorrer ao longo das próximas páginas, que estão organizadas em cinco capítulos. Metodologicamente cada um desses capítulos, com o recurso à investigação bibliográfica e à experiência pessoal da prática pedagógica, pretende responder a várias questões e abordar alguns tópicos, formulados de acordo com o seguinte mapeamento:

I - A primeira interrogação que nos surpreendeu foi como transmitir aos alunos uma noção de pessoa, como ser em relação, quando vivemos numa sociedade que promove o individualismo, o egocentrismo, o comodismo e o consumismo? Numa tentativa de resposta, fazemos um breve enquadramento do primado do individualismo, que envolve o ambiente que

nos rodeia, para apreendermos que educar para a relação é simultaneamente um desafio e uma oportunidade, mas é sobretudo uma urgência.

Uma segunda questão entrou em cena: como ajudar os alunos a construir uma *chave de leitura religiosa sobre a pessoa, a comunidade e o mundo*, se a sociedade contemporânea pretende remeter Deus para o exílio?

De seguida, apresentamos um breve apontamento de como uma parceria entre a nossa disciplina e a Escola proveitoso para inaugurar um paradigma em que a Educação não se limitasse a transmitir conhecimentos, mas fundamentaria uma resposta a um dos desafios atuais, que é a necessidade de uma formação para a relação com o outro, sem ignorar o Outro.

II- Após este enquadramento, concentramo-nos na geografia concreta onde se situa a Escola Básica de Santo António de Parede, inserida no Agrupamento de Escolas de Parede, Escola que nos foi destinada pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa para a Prática de Ensino Supervisionada. Assim, pretendemos caracterizar sinteticamente a população do meio social envolvente, para melhor compreendermos os alunos que nos foram confiados para a lecionação da Unidade Letiva 1- *A Pessoa Humana*.

III- Após a caracterização dos alunos e do seu *habitat*, a nossa reflexão será ancorada na Prática de Ensino Supervisionada, em que abordaremos muito sucintamente os seguintes tópicos: que expectativas; que modelo de ensino foi preferido; quais foram as estratégias utilizadas na lecionação, que se pretendia formação para uma noção de pessoa como ser em relação?

III- Numa outra fase da nossa trajetória, outras perguntas foram sendo formuladas: Será que indivíduo e pessoa são sinónimos que querem dizer exatamente a mesma realidade ou apenas indicam realidades biológicas tipicamente iguais, que se diferenciam fundamentalmente na singularidade da sua dignidade ontológica, de onde brotam as atitudes perante a vida e, sobretudo, perante o Outro/outro? Como comunicar aos alunos a grandeza do ser humano,

criado *Imago Dei*, quando “o ser humano é considerado, em si mesmo, como um bem de consumo, que se pode usar e deitar fora”²

Num ensaio de resposta a estas inquietações tentaremos evidenciar alguns traços da noção de pessoa como ser em relação, alicerçados numa investigação que distingue claramente indivíduo de pessoa mostrando que, sendo esta “criada à imagem e semelhança de Deus”, é um tu de Deus. Questionar-se se esta relação eu/ser humano – Tu/Deus deve ser a fonte de inspiração para a Ética.

Será que a singular relação de Deus com a humanidade, consagrada na Aliança do Sinai, pode servir de protótipo para as relações humanas. Aprendermos assim que a pessoa é uma antítese do indivíduo, quando vive numa atitude de doação? Nascemos pessoas ou tornamo-nos pessoas?

IV-Passamos a uma outra etapa do nosso itinerário em que tentamos responder às seguintes questões: Será que a noção de pessoa é central na Educação? E no Programa da EMRC? A missão da nossa disciplina na Educação não será também atualizar princípios universais, objetivos intemporais, em vez de se estruturar sobre valores subjetivos que obedecem à versatilidade das culturas e dos indivíduos? Será possível uma outra reorganização da Unidade letiva 1 – *A Pessoa Humana* e do programa de EMRC para o 6º ano?

V-Finalizamos a nossa viagem na estação da prática: dizer pessoa, ser em relação é ser pessoa. Isto é, não basta dizer aos nossos alunos a palavra pessoa, mas, numa civilização amplamente virtualizada, em que a palavra perdeu grandemente a sua importância, mais do que definir pessoa é muito importante ajudar os alunos a experienciar o que é ser pessoa, como sinónimo de disponibilidade ao outro, numa atitude de serviço. Tentamos concretizar esta ligação da teoria à prática num projeto que se desenvolve paralelamente à lecionação das três Unidades Letivas do sexto ano e que ao título do Manual do Aluno: *Eu Estou Contigo* corresponderá o lema do projeto: *lig@-te aos outros*.

² FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, 53, in AAS 105 (2013) 1024. Doravante sempre que citar este documento do Papa Francisco utilizarei apenas as iniciais EG e o número que estiver a referir.

CAPÍTULO 1. EDUCAR PARA A RELAÇÃO

1.1. Desafios e oportunidades levantados à disciplina de EMRC. Reflexões em torno da temática *a pessoa como ser em relação* no contexto da Prática de Ensino Supervisionada

Uma das características da modernidade foi a emancipação do ser humano que passou a ser o centro do universo, tendo-lhe sido reconhecida a autonomia de espírito, a liberdade da razão e o exercício da vontade, com uma fundamentada crença em que assumiria a responsabilidade de construir uma sociedade mais justa e mais fraterna. Nesta autonomia do indivíduo e consequente reivindicação dos seus direitos individuais reside a génese do cidadão moderno, que tenderá a libertar-se da solidariedade dos grupos, quer sejam a sociedade, o estado e a religião.

A organização social passou a ser estruturada sobre o indivíduo, como pilar de uma sociedade plural, tendo o império da razão contribuído para o progresso da ciência e da tecnologia, que garantiram condições de vida, para algumas pessoas, nunca antes imaginadas. Na aurora do otimismo, emanado do desenvolvimento que parecia ilimitado, começava também a desmoronar-se no horizonte um conjunto de princípios universais que caracterizavam uma civilização denominada de cristandade e uma outra cultura se erguia marcada pelo primado do individualismo.

É neste contexto que educar para a relação constitui um autêntico desafio, porque é ir “contra corrente” e alertar para os perigos peculiares não só de uma cultura do indivíduo, mas também do consequente consumismo, como alerta o Papa Francisco:

“O grande risco do mundo atual, com a sua múltipla e avassaladora oferta de consumo, é uma tristeza individualista que brota do coração comodista e mesquinho, da busca desordenada de prazeres superficiais, da consciência isolada. Quando a vida interior se fecha nos próprios interesses, deixa de haver espaço para os outros.”³

³ EG, 2.

No auge do iluminismo, que supostamente foi a Revolução francesa, proclamou-se a igualdade e a liberdade, contudo, esta constatação denunciada pelo Santo Padre diz-nos que a fraternidade foi remetida para o baú do esquecimento e é exatamente nesta brecha que a educação, para a dimensão da relação, encontra uma oportunidade que não pode ser negligenciada.

Segundo João Duque, “o individualismo tornou cada ser humano, isolado em si próprio, presa fácil de todos os mecanismos publicitários e de consumo.” Isto apesar de simultaneamente: “assistirmos a grandes e aparatosos movimentos de solidariedade, que parecem contradizer esse individualismo.”⁴ Estes, tendem a ser eventos pontuais, como se o outro só esporadicamente tivesse necessidade de umas migalhas de generosidade. Também estas ondas de solidariedade, que mais parecem campanhas de *marketing*, incentivam a promoção de uma educação para uma fraternidade permanente, que tenham como finalidade a responsabilização pelo outro, numa vivência de solidariedade autêntica, como seria apanágio de pessoas como seres em relação.

A cultura do indivíduo foi acompanhada pelo despontar de valores centrados no ser humano, o que de certa maneira o responsabilizou pela construção da sua vida. Porém, esta postura de querer isolar o indivíduo, ao querer libertá-lo de todas as dependências, relativamente às instituições sociais, simultaneamente conduziu-o a abdicar de regras, princípios e crenças, que eram uma espécie de bússola na orientação da sua vida pessoal e de integração na comunidade. Iniciava-se assim, o desmoronamento dos princípios, que funcionavam, até então, como eixos fundamentais, absolutos, em torno dos quais girava toda a vida humana, individual, mas sobretudo a comunitária.⁵ A vaga de secularização, desencadeada pela modernidade, e que afetou diversos sectores da sociedade conduziu o indivíduo a emancipar-se da tutela religiosa tradicional e a separar-se das demais “coletividades” porque era importante afirmar o indivíduo e a sua dimensão subjetiva.⁶

⁴ JOÃO DUQUE, *Cultura contemporânea e cristianismo*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 11.

⁵ Cf - AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Ética e Teologia – declinações de uma relação*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2016, 115.

⁶ Cf - DOMINGOS TERRA, *Devenir Chrétien Aujourd'hui, un discernement avec Karl Rahner*, L'Harmattan, Paris, 2006, 20.

Esta dissociação entre indivíduo e sociedade, que se difundiu por grande parte do Ocidente, está no fundamento de uma nova visão sobre o ser humano, que o coloca no centro do universo, que até então era atribuído a Deus. À medida que o ser humano se afirmava, Deus foi sendo excluído do projeto de construção social, de quantos se deixaram seduzir pelos ideais liberais, conseqüentemente o outro também era relegado para as “periferias existenciais” e paulatinamente o vazio da falta de relação entre as pessoas foi sendo substituído por uma excessiva acumulação de bens materiais. O consumismo parece emergir assim como uma consequência lógica do individualismo e da pobreza ontológica que representa cada indivíduo isolado, pois o ser humano deixa de ser pessoa, como ser em relação e a cultura que se pretendia humanística é substituída por uma cultura economicista.

Neste contexto de negação da pessoa como bem primordial, a vida vai-se enfraquecendo no “comodismo e no isolamento”⁷ e, “o medo e o desespero apoderam-se do coração de inúmeras pessoas, mesmo nos chamados países ricos. A alegria de viver frequentemente se desvanece”.⁸

É então que o ser humano experiencia a pior das pobreza: “Uma das pobreza mais profundas que o ser humano pode experimentar é a solidão. Vistas bem as coisas, as outras pobreza, incluindo a material, também nascem do isolamento, de não ser amado ou da dificuldade de amar.”⁹ De facto, construímos uma sociedade interativa e em constante mudança, que nos possibilita o acesso imediato à informação global, que nos incentiva a cultivar uma realidade virtual, mas que nos conduz a esquecer o ser humano que está ao nosso lado, porque não cultivamos uma noção de pessoa como ser em relação.

O progresso material contribuiu para uma civilização do conforto, mas quando o ser humano permanece refém da “cultura do bem-estar fica anestesiado e apoia-se num estilo de vida que exclui os outros [...] e assim foi-se desenvolvendo uma globalização da indiferença,”¹⁰ que

⁷ EG, 10.

⁸ EG, 52.

⁹ BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, 53, in *AAS 101 (2009) 688-689*. Doravante quando referir esta Encíclica de Bento XVI indicarei apenas as iniciais *CV* e o número que corresponde à citação.

¹⁰ EG, 54.

mergulhou a nossa sociedade numa “crise antropológica profunda: a negação da primazia do ser humano. [...] que foi reduzido apenas a uma das suas necessidades: o consumo.”¹¹

O próprio ensino, a que muitos passaram a ter acesso e bem, passou a ser configurado num modelo economicista, como pensa Richard Arends: “A investigação tem vindo a mostrar, de forma consistente, que a educação está relacionada com os rendimentos.”¹² Claro, que se a sociedade se deixa orientar por um paradigma economicista e se “a escola tende a ser um espelho da sociedade na qual se insere, uma vez que nela será assumido como importante aquilo que a sociedade entender como tal,”¹³ que educação quererá a sociedade para os seus futuros cidadãos? Na perspetiva de se vislumbrar um novo protótipo educacional, seria fundamental a elaboração de um paradigma alternativo, que devolva a pessoa ao centro do debate e da preocupação primordial com uma educação mais humanizada, que pense a pessoa, como ser em relação e que conseqüentemente se preocupe com o bem comum. A este propósito refere a *Doutrina Social da Igreja*:

“Uma sociedade que, em todos os níveis, quer intencionalmente estar ao serviço do ser humano é a que se propõe como meta prioritária o bem comum, enquanto bem de todos e do homem todo. A pessoa não pode encontrar plena realização somente em si mesma, prescindindo do seu ser “com” e “pelos” outros.”¹⁴

Pensar na pessoa, como ser em relação, é educar para que cada ser humano se saiba corresponsabilizado e empenhado nesta procura do bem comum e no seu desenvolvimento de modo a que ninguém se sinta excluído. O Papa Francisco lembra que a atitude que está na raiz de toda esta crise financeira, é a “rejeição da ética e na recusa de Deus.”¹⁵ É nesta “desumanização” do ser humano que se insere o grande desafio de transmitir uma noção de pessoa, como ser em relação, numa antítese à atmosfera do individualismo, do egocentrismo, do comodismo e do consumismo.

¹¹ EG, 55.

¹² RICHARD ARENDS, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 7ª edição, 2008, 44.

¹³ JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “A educação moral e religiosa católica na escola pública”, *Communio*, 5(2001) 438.

¹⁴ CONSELHO PONTÍFICIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Lisboa, 2005, 165.

¹⁵ EG, 57.

Algumas características da atual conjuntura sociocultural permitem-nos uma analogia com a poluição existente nos oceanos e levam-nos a pensar na multidão de peixes que “um dia pensou” que esse meio aquático não era adequada para as suas vidas e então decidiu renunciar a viver na água. Claro, que a contemporaneidade constitui um autêntico desafio para uma educação para a dimensão da relação, porque, tal como os peixes asfixiariam fora da água, também o ser humano sufocará se não cultivar uma relação com a transcendência, com os outros, consigo mesmo e com o universo.

Ao falarmos de educação pensamos concretamente numa instituição que tem como missão principal educar e não ser mera transmissora de conhecimentos. Educar é olhar os desafios como oportunidades de contribuir para a formação dos cidadãos, que se pretendem pessoas que sejam construtoras de uma sociedade mais justa e mais fraterna. É nesta perspetiva que se enquadra a responsabilidade da Escola, que iremos aprofundar em seguida. Atualmente a Educação apresenta-se como a missão da Escola e esta pode encontrar na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica uma parceira preferencial na preocupação de contribuir para a educação integral da pessoa, de modo a que esta possa formar-se para uma vida em relação com os outros. E assim todos possamos assumir o compromisso de construir uma comunidade mais fraterna, fraternidade essa que antes de ser difundida pela revolução americana, esta sim, aos ideais da liberdade, da autonomia e da independência, juntou o desígnio de serviço do bem comum¹⁶, verdadeira fraternidade, característica peculiar do Evangelho.

¹⁶ Cf – AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, “A Revolução francesa e a Europa: Unidade revolucionária Vs Unidade Imperial”, in Carlos Morujão e Cláudia Oliveira, coord. de, *A ideia de Europa de Kant a Hegel*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2010, 44.

1.2. A Escola e a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica contributo na educação para a relação

Atualmente a Escola procura redefinir a sua missão, pois numa sociedade em que muitos têm acesso à informação, a Escola ultrapassou a fase em que era vista como uma transmissora de saberes. De facto, as Escolas públicas do Estado são uma conquista recente na história da humanidade, a Igreja já se tinha antecipado, começaram a surgir em meados do século XIX e a sua finalidade limitava-se então a ensinar a contar, a ler e a escrever¹⁷.

A restante formação das crianças era assumida por outras instituições que funcionavam como a ponte entre a comunidade académica e o mundo laboral. Progressivamente, a função da escola foi-se alterando e complicando, isto apesar da aprendizagem académica ser o objetivo mais importante da escolaridade, urge “desenvolver relações autênticas e de preocupação pelo outro,”¹⁸ para que numa sociedade plural seja uma preocupação da educação a procura do bem comum.

À Escola foi confiada a missão de contribuir para uma real igualdade de oportunidades entre as pessoas que a sociedade vai diferenciando e, muitas vezes, não aceita essa diversidade cultural e religiosa. Nesta perspetiva, a Escola torna-se um espaço privilegiado, onde saberes intelectuais e experiências de vida, se entrecruzam num esforço comum para o desenvolvimento do espírito crítico e do sentido de princípios que contribuam decisivamente para a formação da matriz cultural das pessoas.¹⁹

A Escola torna-se uma geografia por excelência da cultura e é na socialização de uma população tão diferenciada que se torna imprescindível a aquisição de princípios, valores, atitudes e padrões de comportamento socialmente aceitáveis numa cultura onde a dignidade da vida humana seja o primeiro dos princípios. Ao colocar o alicerce da educação na

¹⁷ Cf - RICHARD ARENDS, *Aprender a ensinar*, 7-8.

¹⁸ *Ibidem*, 200.

¹⁹ Américo Pereira afirma que “sem os princípios que dão merecimento ao viver humano a realidade humana não é propriamente possível.” Américo Pereira, *Ética e Teologia*, 115. Por esta linha de pensamento percebemos o caos civilizacional em que nos encontramos.

dignidade ontológica da pessoa como ser em relação, a Escola está a contribuir para alterar progressivamente esta mentalidade individualista, que constitui o caótico substrato do paradigma cultural contemporâneo.

A Escola pode encontrar na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica uma aliada fundamental, não só pelo contributo na educação para os princípios, como em fornecer aos educandos as respostas sobre a sua origem e conseqüentemente a mundivisão transcendente, inerente ao ser humano. Numa parceria concretizada entre a Escola e a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, pode encontrar-se uma colaboração imprescindível para a educação integral das pessoas, que são os alunos.

A EMRC, integrada no sistema educativo, é um contributo que “responde às necessidades resultantes da realidade social, contribuindo para o desenvolvimento pleno e harmonioso da personalidade dos indivíduos, incentivando a formação de cidadãos livres, responsáveis e solidários.”²⁰ É a vertente da educação para a dimensão do amor, grande ausente da cultura contemporânea, que urge desenvolver uma formação para a relação, a fim de que possamos aprender a viver juntos nesta sociedade plural.

Assim, Escola e EMRC podem aliar-se norteadas pelo objetivo de proporcionar o pleno desenvolvimento da pessoa humana, dos educandos, do sentido de reforçar a sua dignidade de pessoas e fortalecer o respeito pelos seus direitos e liberdades fundamentais. Pois, “

“a noção de uma pessoa humana ontologicamente provida de uma dignidade complementar singular, pois ela foi criada à imagem de Deus. [...] trata-se de uma base sólida para construir o edifício dos direitos humanos. Pois, qualquer que seja o progresso técnico e económico, não haverá no mundo justiça nem paz, enquanto os homens não tornarem a sentir a dignidade de criaturas e de filhos de Deus, primeira e última razão de ser de toda a criação.”²¹

²⁰ Lei nº 46/86 de 14 de Outubro, *Lei de Bases do Sistema Educativo*, Artigo 2º, §4, in SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014, III.

²¹ GIORGIO FILIBECK, *Direitos do Homem de João XXIII a João Paulo II*, Principia, Cascais, 2000, 99.

O mundo que todos sonhamos é a geografia da paz, da justiça, do amor que procura o bem comum. Não podemos ambicionar construí-lo sem começar pelo seu alicerce: a “dignidade humana que constitui um lugar primário de apelação ética, tanto nos sistemas morais religiosos como nas pretensões de construir uma ética civil fundada na autonomia da razão humana.”²² Atualizar o princípio da dignidade humana e a partir deste princípio recuperar os princípios inerentes a uma convivência interpessoal e multicultural, fundamentais atualmente na “crescente interdependência e necessária solidariedade entre os povos do mundo.”²³

Como contribuir para um mundo mais solidário se não existir como fundamento a pessoa, ser em relação? Não se tornará necessário mudar o ângulo de visão do indivíduo, para a pessoa disponível ao outro, que olha o mundo a partir do outro? A Escola tem uma missão específica na responsabilidade da educação, nesta busca atual de redefinir um novo protótipo educativo, que corresponda às novas expectativas dos alunos, como novas são as realidades de onde são oriundos.

Esta reflexão insere-se no contexto da Prática de Ensino Supervisionada, que se inscreve no Mestrado de Ciências Religiosas, especialização em Educação Moral e Religiosa Católica, ministrado pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica Portuguesa, que estabelece protocolos com algumas Escolas, onde os seus mestrandos possam ensaiar a lecionação. A Escola Básica de Santo António de Parede é um desses estabelecimentos de ensino e foi a Escola a que fomos destinadas para desenvolver um itinerário pedagógico, estágio, no âmbito da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, concretamente a temática da *Pessoa Humana, um ser em relação*, da Unidade Letiva 1, do programa Curricular de EMRC, do sexto ano de escolaridade. De seguida vamos apresentar alguns traços característicos desta Escola e do meio social que a envolve.

²² MARCIANO VIDAL, *Dicionário de Moral*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, s. d., 161.

²³ *Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro*, Lei de Bases do Sistema Educativo, 3.

CAPÍTULO 2. A PRÁTICA LETIVA NA ESCOLA BÁSICA DE SANTO ANTÓNIO

2.1. A Escola Básica de Santo António de Parede

No ano letivo 2015/2016, no âmbito do mestrado em Ciências Religiosas, especialização na Disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, foi-nos destinada, pela Faculdade de Teologia da Universidade Católica, a Escola Básica de Santo António de Parede, para a Prática de Ensino Supervisionada.

A Escola fica situada geograficamente na União das freguesias de Carcavelos e Parede, integrada no concelho de Cascais, distrito de Lisboa. A Escola iniciou o seu funcionamento no ano letivo de 1972/73, sendo o atual edifício constituído por um bloco único, cujas salas estão distribuídas por dois pisos. A legislação determinou que esta instituição educativa se unificasse com outros estabelecimentos de ensino, de modo a formarem o Agrupamento de Escolas da Parede. Assim, a Escola Básica de Santo António a 3 de julho de 2012 foi integrada no Agrupamento de Escolas de Parede, com a Escola Secundária Fernando Lopes Graça, que é desde então a escola-sede do Agrupamento. A estas duas Escolas juntaram-se outros quatro estabelecimentos de ensino²⁴, de modo a constituírem um Agrupamento, que abrange a diversidade da faixa etária que vai do pré-escolar ao *términus* do ensino secundário²⁵.

O objetivo desta arquitetura, designada de mega agrupamentos é, de acordo com as normativas, formar um “agrupamento que una escolas e estabelecimentos de educação pré-escolar de um mesmo concelho,” de modo a “integrar as escolas nas comunidades que servem e estabelecer a interligação de ensino e das atividades económicas, sociais, culturais e científicas.”²⁶

²⁴ Jardim de Infância da Parede, Escola Básica do 1º Ciclo, nº 2 da Parede, Escola Básica com Jardim de Infância, nº 1 do Murtal e Escola Básica do 1º Ciclo, nº 2 de São Domingos de Rana.

²⁵ Cf *Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas da Parede*, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 23 de abril de 2015, 10.

²⁶ *DECRETO-LEI* nº 75/2008, de 22 de abril.

E porque devemos sempre “apresentar os elementos ambientais para a compreensão do problema particular,”²⁷ vamos tentar perceber a evolução do meio social residente na geografia que rodeia esta Escola, de modo a compreendermos o *habitat* natural dos seus alunos e concretamente dos da turma que nos foi confiada para a Prática de Ensino Supervisionada.

2.2 - Matriz sociológica do Agrupamento de Escolas de Parede

A União das Freguesias de Carcavelos e Parede, foi formalizada em 2013, no âmbito de uma reforma administrativa nacional,²⁸ pela agregação das antigas freguesias de Carcavelos e Parede, tendo sido fixada a sede em Carcavelos. Trata-se de uma freguesia do concelho de Cascais com 8,11 km² de área e 45 007 habitantes, cuja densidade é de 5 549,6 habitantes por km². Ainda não existem dados geográficos e populacionais oficiais, após a nova configuração destas freguesias, os dados apresentados são calculados a partir da informação obtida pelos censos realizados em 2011, antes dos territórios serem agregados.²⁹

Na conjuntura da atual mobilidade social, facilmente percebemos que a Parede faz parte de uma freguesia muito heterogénea, cuja população residente é na sua maioria originária de Lisboa, contudo, existem igualmente outras comunidades de origem africana, da Europa de Leste, do Brasil, entre outras. Nos últimos anos a comunidade brasileira e da Europa de Leste diminuiu, devido à crise económica vivida no nosso País, ao contrário da comunidade chinesa que registou um aumento.

A construção da Avenida Marginal e a remodelação da estrada Lisboa-Cascais na viragem da década de 30 veio reforçar ainda mais o desenvolvimento de todas as localidades da Costa do Sol, pois verificou-se um desenvolvimento no acesso a Lisboa, o que permitiu uma maior

²⁷ MICHEL LESSARD-HERBERT, *Pesquisas em Educação*, Instituto Piaget, Lisboa, 1996, 35.

²⁸ Cf - *DIÁRIO DA REPÚBLICA*, 1ª Série, nº 19, Lei nº 119/2013 de 28 de janeiro (Reorganização administrativa do território das freguesias). Acedido a 3 de maio de 2017.

²⁹ www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=ine&xlang=ine/publicações - acedido a 3 de maio de 2017.

mobilidade em termos de transportes. A implementação das melhorias na acessibilidade a toda esta localidade incentivou o crescimento da Parede, particularmente na época de veraneio.

Contudo, a partir de meados do século XX e com o forte crescimento demográfico da cidade de Lisboa, associado ao acentuar da tendência para que os excedentes demográficos da capital se instalem nas periferias desta, veio reforçar-se ainda mais a função residencial a tempo inteiro na Parede. Consequentemente, a paisagem foi-se alterando porque desapareceu a maioria das suas quintas e continuam a ser demolidas muitas das suas antigas construções, dando lugar a prédios que não favorecem a relação, o convívio entre as pessoas, porque não se conhecem e, muitas vezes, não é incentivado o espírito de vizinhança, que existia nos meios populacionais mais restritos, como a tradicional aldeia, num ambiente tipicamente rural.

A atividade comercial tem-se intensificado muito e os espaços lúdicos e de convívio social têm vindo a sofrer uma profunda modificação, devido à heterogeneidade das pessoas que passaram a habitar esta geografia, devido ao fluxo migratório e a adaptação do comércio à nova realidade social, assim como a oferta turística existente, sobretudo no verão, devido à procura das praias da linha de Cascais.

Os pais e demais encarregados de educação dos educandos do Agrupamento de Escolas da Parede são, em grande número, trabalhadores por conta de outrem, operários e trabalhadores, muitos não são qualificados e com algumas situações de emprego precário. Infelizmente há alguns que conhecem o flagelo do desemprego e tudo o que esta situação desfavorável transporta consigo para a própria pessoa e para a sua família. Aliás, é o próprio Agrupamento de Escolas a reconhecer que as frágeis condições sócio-económicas de muitos dos encarregados de educação constituem um verdadeiro constrangimento ao acompanhamento regular das atividades educativas e escolares dos seus educandos. Daí que “o estímulo da ligação Escola-Família” esteja nas prioridades e objetivos do Agrupamento.³⁰

³⁰ Cf - *PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE*, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 23 de abril de 2015, 10 e Relatório do Agrupamento de Escolas da Parede/Avaliação externa in www.aeparede.edu.pt.

Segundo o Projeto Educativo do Agrupamento toda esta alteração da panorâmica social tem tido consequências nas Escolas, seja na prática pedagógica dos docentes, seja no atendimento especializado dos Serviços de Psicologia e de Apoio Educativo. Têm sido indicados relevantes problemas afetivos e de socialização de muitos alunos, em especial dos que vivem em contextos mais degradados, com condições socioculturais muito precárias e famílias desestruturadas, muitas delas originárias de outros países e conseqüentemente ainda desenraizadas do seu novo meio social.

Esta realidade social conduz-nos ao pensamento de Richard Arends quando diz que a pobreza substituiu a ideologia do racismo, enquanto problemática que afeta não apenas a escola, mas a própria nação³¹. Se é verdade para o país do autor de *Aprender a Ensinar* é também uma realidade portuguesa e afeta igualmente o Agrupamento. Esta descrição da realidade escolar conduz-nos à reflexão da descontinuidade ou até da divergência entre a cultura da escola e a cultura da criança proveniente de um meio socioeconómico desfavorecido³².

Esta constatação é apresentada no *Projeto Educativo do Agrupamento*, e é uma realidade na Escola e, como não podia deixar de ser, na turma. Claro que nem sempre dificuldades sócio-económicas correspondem a insucesso escolar, contudo, quando esses obstáculos se aliam a desenraizamento social e desestruturação familiar há caminhos desviantes, como as toxicodependências que podem-se articular para construir um autêntico labirinto do qual se torna difícil deslumbrar uma saída.

O Agrupamento tem uma Associação de Pais bastante interventiva, no sentido de tentar minimizar esse êxodo para as “periferias existenciais”. Vamos tentar perceber se esta diversidade sociológica se transfere para a população escolar e como é que vai acontecendo a integração dos alunos oriundos de outras culturas na comunidade educativa já residente.

³¹ Cf - RICHARD ARENDS, *Aprender a ensinar*, 60-61.

³² Cf - MOHAMED CHERKAoui, *Sociologia da Educação*, Publicações Europa América, s. d., 53.

2.3. Caracterização da população discente da Escola Básica de Santo António de Parede

A população escolar é proveniente de um meio social muito diversificado, em que prevalece a classe média, mas conta também com um importante número de alunos provenientes de contextos socioeconómicos vulneráveis. Pois à caracterização da matriz social do Agrupamento, acrescenta-se que muitas das dificuldades já descritas, concentram-se numa franja de habitação clandestina nas proximidades desta Escola³³. Torna-se evidente que a multiculturalidade caracteriza o mundo sociológico no interior da Escola Básica de Santo António, desde as suas origens. O próprio portal virtual da Escola³⁴ informa-nos que este estabelecimento de ensino pode ser considerado como marco de referência na integração dos alunos portugueses e de outras nacionalidades tais como os de ascendência luso-africana e outros, existindo presentemente mais de meia centena de crianças provenientes de vários países, tais como: Angola, Bélgica, Bielorrússia, Brasil, Bulgária, Cabo Verde, China, Guiné, Holanda, Hungria, Moldávia, Perú, Roménia, Rússia e Ucrânia.

Estamos perante uma panorâmica inspiradora para trabalhar a temática do nosso relatório, a pessoa como ser em relação e estabelecer essa relação com as pessoas que desconhecemos, que são diferentes e que vamos aprendendo a conhecer, a acolher, a respeitar para convivemos pacificamente. A Escola acolhe e tudo faz para que os alunos sejam bem sucedidos no seu percurso académico. De facto, a população desta Escola parece um autêntico mosaico cultural, em que existe a diversidade étnica, racial e religiosa, com tudo o que isso acarreta de riqueza e de desafio. Trata-se de um estabelecimento de ensino que acolhe o pluralismo cultural, proveniente do próprio meio social envolvente, o que exige uma atenção específica para que não aconteça uma descontinuidade que provoque o choque da rutura cultural.

³³ Cf - RELATÓRIO DA ESCOLA DE SANTO ANTÓNIO DA PAREDE/Documentos in www.aeparede.edu.pt acedido a 20.06.2017.

³⁴ www.aesap.edu.pt/portal.htm. Acedido a 3 de maio de 2017.

Na perspectiva de Arends, por cultura entende-se o “modo de vida de um determinado grupo, as suas histórias, tradições, atitudes, valores”³⁵ e princípios. Na mobilidade das pessoas algumas destas características são transportadas consigo para o local onde fixam residência. Assim, alguns alunos podem sentir-se vagabundos num mundo que ainda lhes é estranho e a sua mundivisão não pode ser descurada, num processo de integração que tem como finalidade facilitar a integração sem descurar o processo de ensino/aprendizagem e a relação com as outras pessoas.

A igual dignidade ontológica é reconhecida também no mecanismo de inserção na comunidade educativa dos alunos que são oriundos de outros países, uma oportunidade excelente para EMRC apresentar a temática da pessoa humana na sua diversidade cultural, mas unida pelo princípio de igual humanidade e interdependência universal.

A Escola procura valorizar e difundir alguns dos costumes e das tradições destes alunos, de modo a que se vão integrando progressivamente na comunidade educativa, conforme consta do Relatório da Escola para a Avaliação externa.³⁶ Ainda com o mesmo intuito são desenvolvidos instrumentos de apoio específico aos alunos problemáticos e com dificuldades de aprendizagem, não só em termos de inovação didático-pedagógica, mas também pela implementação de projetos e experiências na área da integração e recuperação de elos culturais. São tentativas em que a Escola procura que os alunos se integrem e procurem a melhor adaptação possível. A nossa disciplina pode desempenhar nesta vertente uma reflexão importante que ajude a criar a coesão dos alunos na comunidade, acrescentando alguma atividade prática específica.

O Agrupamento não ocupa um lugar de destaque no *Ranking* nacional, mas foi distinguido pelo Ministério da Educação com o “Prémio por Eficácia Educativa”³⁷ pelas dinâmicas de promoção das aprendizagens que são desenvolvidas. Este reconhecimento é fruto do trabalho

³⁵ RICHARD ARENDS, *Aprender a ensinar*, 60.

³⁶ Cf - RELATÓRIO DA ESCOLA DE SANTO ANTÓNIO DA PAREDE/Documentos in www.aeparede.edu.pt acedido a 20.06.2017

³⁷ www2.escoladesantoantonio.edu.pt/prémioporeficaciaeducativa/noticiadopublico_ – acedido a 4 de março de 2017.

desenvolvido na implementação dos projetos inovadores de melhoria no itinerário de aprendizagem e que tem como fim contribuir para a igualdade de oportunidades para todos.

Alicerçados nesta multiculturalidade encontramos o sentido para o lema da Escola: “uma casa de cultura, uma casa de aprendizagem e uma casa de afetos.” O Regulamento Interno da Escola clarifica o conteúdo desta divisa nos seus objetivos: “Criar as condições de uma prática pedagógica responsável, evitando-se o abandono escolar, através da equidade social em prol de uma concretização do desenvolvimento para todos.” E ainda “Proporcionar as condições para a integração de diferentes culturas e aceitação do outro.”³⁸

Os documentos do Agrupamento deixam perceber que existe a preocupação da inclusão dos alunos que chegam de outros países na Escola. A página *web*³⁹ confirma que é devido a esta diversidade cultural que a Escola procurou desde sempre instituir uma “rede de afetos” e que tem obtido bons resultados na integração dos alunos das diferentes culturas. Claro que há sempre a sobreposição da cultura dominante do país acolhedor, mas a *praxis* educativa reconhece a presença da diversidade cultural e se existe uma interação entre ambas, haverá vantagens para todos.

Também nesta vertente seria fundamental que a Escola perceba que uma educação da pessoa como ser em relação, contribuiria para que o enraizamento dos alunos que vão chegando se pudesse concretizar numa socialização dos que já se encontram fixados, há mais tempo e assim o intercâmbio de experiências e saberes, pudesse contribuir para o sucesso académico e integração social de todos. Se a Escola acolhe os alunos e valoriza alguns traços da sua cultura é importante que os que chegam também assimilem hábitos e costumes do grupo onde se integram.

Será que esta diversidade sociocultural é transferida para a turma que foi designada para a nossa Prática de Ensino Supervisionada? É o que vamos tentar apreender de seguida.

³⁸ REGULAMENTO INTERNO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE, Artigo 3º, in www.aeparede.edu.pt acesso a 20.06.2017.

³⁹ www2.escolasdestantonio.edu.pt

2.4. Caracterização da turma de EMRC – do macrocosmos ao microcosmos

A sala de aula é o micro espaço onde a Escola concretiza a sua missão e é nela que a educação se efetiva com sucesso ou está destinada ao fracasso. Como transformar este *habitat* num contexto educacional onde seja possível inculcar uma dinâmica de ensino/aprendizagem da pessoa como ser em relação? Como ensinar cada um dos alunos da turma, sendo todos diferentes? Como implementar uma pedagogia ativa que facilite a relação entre os alunos oriundos também de turmas diferenciadas? Que pressupostos são necessários para incentivar os alunos para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica? Para responder a estes desafios temos de nos apetrechar com um instrumento fundamental que é o conhecimento de cada um dos alunos, que constituem a turma com quem vamos percorrer a trajetória do ensino/aprendizagem na Prática do Ensino Supervisionada.

A turma dos alunos que se inscreveram na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica e que nos foi destinada eram oriundos de várias turmas do sexto ano de escolaridade: turma B, três alunos; da turma D, sete alunos e da turma F, quatro alunos, que totalizam catorze alunos do sexto ano de escolaridade. Para conhecermos os alunos procedeu-se então à sua caracterização através da elaboração de um instrumento específico, ficha/questionário feito aos alunos, cujo modelo se encontra no portefólio da PES.⁴⁰

A informação que os alunos nos forneceram permite-nos determinar uma homogeneidade etária, pois todos os alunos nasceram no ano de 2004, à exceção de um aluno de nacionalidade brasileira, que assinala 2002 como o ano do seu nascimento, e que já regista uma retenção no seu currículo. Acrescente-se a este aluno um outro de dupla nacionalidade portuguesa e moldava, mas oriundo da Moldávia. Há uma aluna cujos pais são de nacionalidade francesa, uma outra aluna de ascendência luso-francesa, outros dois alunos cujos pais são luso-angolanos, uma aluna com dupla nacionalidade, mas natural da Ucrânia. Existe ainda um aluno de cor negra, mas natural de Portugal, sendo que a sua ascendência é

⁴⁰ Cf - Portefólio da PES e Anexos deste Relatório.

lusa angolana, está perfeitamente integrado no grupo e revela-se muito sociável. Apenas seis alunos são de nacionalidade portuguesa e os pais também são portugueses, destes alunos há duas alunas que são irmãs gémeas. Todos os alunos dominam corretamente a língua portuguesa. Um dado curioso é que a multiculturalidade existente na turma é percentualmente muito superior à matriz sociológica registada oficialmente na Escola. Aliás, há nesta turma alunos com ascendência da nacionalidade francesa que ainda não constam dos dados da página *web* da Escola.⁴¹

No que respeita às habilitações literárias dos membros do agregado familiar, seis alunos revelam que os pais terminaram um curso superior, havendo mesmo um aluno que referiu que o pai é detentor de um doutoramento em música. Dois alunos não sabem o grau de escolaridade dos pais, um aluno revela que o pai tem uma outra habilitação, talvez algum curso profissional, apenas um aluno menciona que a mãe tem o ensino básico e o pai o secundário. Os restantes alunos revelam que um dos pais tem o ensino secundário e o outro o ensino superior.

Tendo como pressuposto esta escolaridade dos pais dos alunos a maioria pertence à classe média. Alguns pais são professores: numa aluna são os dois e outros dois alunos o pai. Também existem enfermeiros, há três alunas cujos pais são enfermeiros e outros dois a mãe. Há um aluno que o pai é dentista e ainda alguns dos pais trabalham noutros serviços de saúde, existe também um pai que é empresário. Há ainda outros pais que são funcionários públicos, sejam ligados à segurança social e a outros serviços. Existe uma empregada de limpeza, uma cabeleireira, uma mãe ligada ao ramo da estética, um motorista e um treinador pessoal. Todavia, há um dos alunos em que ambos os pais estão no desemprego e um outro revela que a mãe encontra-se desempregada.

Ainda assim, existem sete alunos que beneficiam dos serviços da Ação Social Escolar, sendo que três deles informam que são beneficiários do escalão A, outros três do B e um apenas do escalão C. Nesta vertente os alunos inserem-se nos dados da Escola em que, apesar de muitos

⁴¹ www.aesap.edu.pt/portal.htm. Acedido a 3 de maio de 2017.

alunos serem oriundos da classe média, há alunos com dificuldades sócio-económicas e que usufruem dos benefícios da Segurança Social.⁴² No âmbito da EMRC ser-lhes-á apresentado a relevância do ser em detrimento do ter, até porque os alunos estão numa faixa etária em que são muito sensíveis às dificuldades sócio-económicas das pessoas e revelam uma grande disponibilidade para colaborar em ações de solidariedade.

Há uma grande dispersão nas disciplinas mencionadas pelos alunos como sendo as suas preferidas e nas indicadas como as de maiores dificuldades, revelando-se já a preferência pela matemática ou pelas humanidades. Existe uma aluna que diz não ter dificuldade a qualquer uma das disciplinas. Uma das alunas consta do quadro de referência da escola por mérito no ano transato. Apenas dois alunos referiram que não podiam contar com a ajuda da família no estudo, todos os outros desfrutaram desse apoio, a maioria deles por parte dos pais ou pelo menos de um deles. Quase todos os alunos ambicionam tirar um curso superior e a maioria já tem definido a sua profissão de sonho, que vai desde a medicina ao desporto, passando pela moda e o jornalismo. Os objetivos já delineados pelos alunos podem tornar-se numa possibilidade de os interrogar sobre quais serão os sonhos de Deus para eles e assim ir introduzindo a questão da vocação.

Os alunos foram ainda questionados sobre quem é que tinha decidido a sua inscrição em EMRC. Metade deles revelou que foram os pais, mas que apesar disso a assumiam como uma opção sua, os restantes afirmaram ter sido eles próprios a querer inscrever-se. Todos consideram a disciplina importante para a sua formação. Outra pergunta incidia sobre o porquê da inscrição nesta disciplina: as respostas acentuavam a vertente moral. Esta dimensão moral a que os alunos associam a disciplina de EMRC já fora realçada na primeira aula aquando do diálogo da Professora Cooperante, Luísa Carvalho, com os alunos sobre as suas expectativas relativamente a esta disciplina.

Quatro alunos disseram que eram escuteiros e frequentavam a catequese e um outro apenas a catequese, os restantes assumem-se como católicos, mas não assinalaram a frequência na

⁴² Cf - *PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE*, 15.

catequese, admitindo um ou outro oralmente que já tinham andado na catequese, presentemente não a frequentavam, mas que eram católicos.

A maioria dos alunos reside nas imediações da Escola, a distância referida vai de 100 metros a 2 km, dado que apenas três alunos afirmam deslocar-se de carro para a escola, sendo que oito dos alunos se deslocam a pé ou no carro da família, nenhum destes alunos utiliza os transportes públicos. Entre as ocupações de tempos livres, os alunos assinalaram como primeira ordem de preferência o desporto e a música, em segundo lugar, elegem a televisão e jogar no computador/tablet/telemóvel e navegar na Internet. Esta forte ligação ao mundo virtual, tão típica nos nossos alunos, não pode ser remetida para a gaveta da indiferença, no contexto de EMRC. Um, apenas um, aluno referiu que gosta de passar os tempos livres com os amigos.

Os dados obtidos, através da leitura da ficha utilizada para a caracterização da turma, permitem-nos inserir estes alunos no contexto sociocultural atual. Trata-se de um ambiente que tem como distintivo o individualismo, que se faz sentir pela pouca socialização entre os alunos, o que se deve a frequentarem as restantes disciplinas em turmas diferenciadas, mas que também é fruto do meio social que os envolve. Ou seja, qualquer semelhança entre a caracterização desta turma e a realidade social contemporânea não é pura coincidência, a turma torna-se numa pequena amostra da realidade social que envolve os alunos.

A Unidade Letiva 1, do 6º ano, intitulada *A Pessoa Humana*, era já a temática escolhida para iniciar o percurso pedagógico na disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. As respostas que os alunos escreveram no instrumento de caracterização acentuavam a necessidade de aprofundar a noção de pessoa, como ser em relação, a fim de ajudar a educar para a responsabilidade, de desenvolver competências, adquirir princípios que inspirem valores e atitudes de socialização. As metas que foram contempladas nesta Unidade Curricular incidem sobre a educação integral do aluno e visam formá-lo para ser pessoa como ser em relação, nomeadamente as seguintes: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da*

*vida e da história. Identificar os valores evangélicos. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.*⁴³ As diversificadas estratégias de aprendizagem adotadas tinham como finalidade a interação entre os alunos, de modo a que pudessem formar um grupo, apesar de serem provenientes de turmas diferenciadas e que interagissem uns com os outros.

A reflexão sobre a lecionação é apresentada no momento seguinte em que se aprofunda a Prática de Ensino Supervisionada.

2.5. Reflexão sobre a prática de ensino supervisionada sob a temática da unidade letiva

1: *A Pessoa Humana* do 6º ano do programa de EMRC

A Prática de Ensino Supervisionada constituiu uma fase de aprendizagem bastante intensa e foram vários os elementos que tornaram esta experiência enriquecedora: desde as planificações, à lecionação, aos relatórios, como o acompanhamento sempre atento e assíduo da Professora Cooperante, Luísa Carvalho, assim como as aulas assistidas pelos docentes da Universidade Católica Portuguesa: Mestres Juan Ambrosio e Cristina Sá Carvalho. O trabalho pessoal, acompanhado da reflexão conjunta, foram contributos significativos, autênticos desafios para desenvolver as nossas competências sobre a prática letiva.

O tema escolhido do Programa de EMRC, para a Prática de Ensino Supervisionada foi a Unidade Letiva 1, do 6º ano, subordinada ao título: *A Pessoa Humana*. Quais eram as expectativas dos alunos? Que modelo de ensino poderia ser aplicado? Que estratégias revelar-se-iam mais eficazes na transmissão dos conteúdos? Eram vários os desafios em simultâneo.

A grande preocupação na lecionação de uma disciplina como Educação Moral e Religiosa Católica não é tanto a transmissão dos conteúdos, mas a forma como estes são transmitidos, de modo a que sejam uma mais valia na educação dos alunos: “A educação autêntica é o

⁴³ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014, 62-64.

percurso da personalização e não apenas da socialização e da formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa.”⁴⁴ A primazia posta na pessoa, enquanto ser em relação, visa facilitar ao aluno a construção da sua identidade como pessoa, que progressivamente o vá capacitando para estruturar os princípios que inspirem uma escala de valores, que o dignifique como ser humano e seja uma bússola orientadora da sua vida. Esta era a nossa maior preocupação.

Assim, após a mútua apresentação, entre alunos e docentes, a lecionação foi iniciada com a apresentação dos conteúdos da Unidade Letiva 1 – *A Pessoa Humana*, de modo a ajudar os alunos a perceber através da construção de puzzles, em trabalhos de grupo, dinâmica já pensada para favorecer a relação entre eles, que todos os seres humanos são detentores de algo em comum, que nos une fundamentalmente: o ser pessoa. *A Pessoa Humana*, como ser em relação, seria o fio condutor do nosso encontro semanal.

Nesta perspetiva, as aulas foram planificadas conforme consta no portefólio da PES, pois, como sabemos: “a planificação é vital para o ensino. Uma boa planificação envolve a distribuição do tempo, a escolha dos métodos de ensino adequados, a criação de interesse nos alunos e a construção de um ambiente de aprendizagem produtivo.”⁴⁵ De facto, com o pouco tempo que semanalmente é atribuído à disciplina de EMRC, torna-se imprescindível que nos preocupemos em aproveitá-lo bem para a formação, o cultivo dos princípios morais, que na antiguidade grega, eram considerados como um nível mais elevado que a instrução, o conhecimento, a aquisição das competências técnicas e as teorias científicas.⁴⁶ Além desta educação axiológica, a disciplina procura refletir com os alunos “o contributo da dimensão religiosa na construção social e no desenvolvimento pessoal dos educandos.”⁴⁷

Desde o primeiro contacto com os alunos apercebermo-nos de que poderíamos optar por um modelo de ensino construtivista e em cooperação⁴⁸, porque os alunos revelaram um

⁴⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral A escola em Portugal – Educação integral da Pessoa Humana*, CEP, Lisboa, 2008, 5.

⁴⁵ RICHARD ARENDS, *Aprender a ensinar*, 92.

⁴⁶ Cf - FERNANDO SAVATER, *El Valor de Educar*, Editorial Ariel, S. A., Barcelona, 1997, 21-22.

⁴⁷ JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “A educação moral e religiosa católica na escola pública”, 446.

⁴⁸ RICHARD ARENDS, *Aprender a ensinar*, 25.

entusiástico interesse na participação ativa nas atividades propostas. Tornou-se evidente que não se tratava de uma turma problemática em termos de comportamento, e mesmo numa fase inicial não sentimos grandes dificuldades em captar a sua atenção para os conteúdos a lecionar. Competia-nos não defraudar as suas expectativas e contribuir para que a presença de EMRC no seu percurso curricular fosse um contributo significativo na construção de uma “chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história e colabore na maturação da sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.”⁴⁹

As planificações dos níveis um⁵⁰, dois⁵¹ e três⁵² foram elaboradas atempadamente, dentro dos prazos estabelecidos. Já a planificação nível quatro⁵³ ia sendo reorganizada semanalmente, de modo a acompanhar o ritmo de reflexão proposto, para que os alunos apreendessem o essencial que a Unidade Letiva pretendia transmitir. A UL1 foi lecionada, sempre com a supervisão da Professora Cooperante, a um bom ritmo, quer nas questões relacionadas com a reflexão sobre a pessoa, quer sobre os seus valores⁵⁴ e dimensões, assim como a visão transcendente que alicerça a dimensão relacional do ser pessoa.

Tendo em conta a faixa etária dos alunos tentamos sempre que as aulas fossem dinâmicas, com estratégias diferenciadas, em que eles colaborassem e se envolvessem na abordagem, pensando que assim seria mais proveitoso para todos os intervenientes a aquisição dos conteúdos. A frase que ouvíamos entre os alunos, logo após a saudação inicial, era: “o que iremos fazer hoje?” Esta expressão desafiou-nos a planificar aulas ativas, porque percebemos que era o que ia ao encontro das expectativas dos alunos. Assim, tornava-se mais fácil os alunos adquirirem os conhecimentos transmitidos, sendo críticos, ativos e intervenientes, refletindo e investigando sobre o ser pessoa, como ser em relação, mas sobretudo

⁴⁹ Cf SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 62-64.

⁵⁰ A planificação nível 1 é a distribuição do número de aulas pelas metas a lecionar.

⁵¹ A planificação nível 2 refere-se à distribuição das temáticas pelas aulas.

⁵² A planificação nível 3 destina-se à apresentação das Unidades Letivas planificadas por período letivo.

⁵³ A planificação nível 4 é aula a aula, apresentada semanalmente. Se lecionamos EMRC como uma narrativa vamos ajustando semanalmente porque continuamos a história a partir de onde foi interrompida.

⁵⁴ Todo o programa está alicerçado nos valores em vez de princípios.

experienciando, nomeadamente nos trabalhos de grupo, interpares, a questão relacional: relação com os outros, consigo mesmo, com o mundo e com Deus.

A ilustrar o conceito de pessoa como ser em relação foi apresentada uma parábola intitulada: “O País dos poços”:

“Era o país dos poços. Qualquer visitante estranho que chegasse aquele país, só vislumbrava poços: grandes, pequenos, feios, bonitos, ricos, pobres... À volta dos poços, pouca vegetação. A terra estava seca! Os poços falavam de si, mas à distância; sempre havia um pedaço de terra entre um e outro. Na realidade quem falava era a boca do poço, a conversa acontecia na superfície da terra. E dava a impressão que ao falar ressoava um eco, porque na verdade a fala provinha de lugares ocultos. Como a boca dos poços estava oca, os poços davam a sensação de vazio, de angústia e cada um procurava encher esse vazio como podia: com coisas, ruídos, sensações raras, livros, sabedorias.... Havia poços com a boca tão larga que permitia colocar nela muitas coisas. As coisas, com o tempo, passavam de moda: então, com as mudanças chegavam continuamente coisas novas aos poços, coisas diferentes... e quem possuía muitas coisas era o mais respeitado, admirado... mas, no fundo, o poço nunca estava contente com o que possuía. A boca estava sempre ressequida e sedenta. Bem, no fundo, a maioria dos poços, pelas frechas deixadas por entre as coisas acumuladas na boca, deixavam perceber algo misterioso... os seus dedos roçavam, uma vez por outra, a água no fundo do poço. Diante desta sensação tão rara, uns sentiam medo e procuravam não voltar a senti-la. Outros, encontravam tantas dificuldades por causa das coisas que abarrotavam das suas bocas, que se punham a rir e logo esqueciam aquilo que se "encontrava no fundo". Falava-se também na superfície da terra, daquelas experiências profundas que muitos sentiam, mas havia quem risse bastante e dissesse que tudo era ilusão... Até que houve alguém que começou a olhar mais para o fundo do poço e, entusiasmado com aquela sensação que experimentou no seu interior, procurou ficar quieto, mas, como as coisas que abarrotavam da sua boca incomodavam procurou libertar-se delas. E, aos poucos, os ruídos silenciaram, até chegar o silêncio completo. Então, fazendo-se silêncio na boca do poço, pôde escutar-se o barulho da água lá no fundo e sentiu uma paz profunda, uma paz que vinha do fundo do poço. Então o poço experimentou que esta era justamente a sua razão de ser. No fundo, ele sentia-se ele mesmo. Até então acreditava que a sua razão de ser era ter uma boca larga, rica e embelezada, bem cheia de coisas...

E assim enquanto os outros poços tratavam de alargar a sua boca, para que nela coubessem mais coisas, este poço, olhando para o seu interior, descobriu que aquilo que ele tinha de melhor estava bem no fundo e que, quanto mais profundidade tivesse

mais poço seria. Feliz com a sua descoberta, procurou tirar água do seu interior, e a água, ao sair, refrescava a terra e tornava-a fértil e logo as flores brotavam ao seu redor. A notícia espalhou-se rapidamente... As reações foram diversas: uns mostravam-se céticos, outros sentiam saudade de algo que, no fundo, percebiam também. Outros ainda desprezavam "aquele lirismo" e outros acharam perda de tempo tirar água do seu interior. A maioria optou por não fazer caso, pois na verdade estava muito ocupada em trocar as coisas na entrada da boca do poço, muitos estavam satisfeitos com as sensações experimentadas fora. Sem dúvida alguns tentaram fazer a experiência de se libertar das coisas que enchiam a boca e encontravam água no seu interior.

A partir de então, as surpresas destes foram aumentando. Comprovaram que, por mais água que tirassem do interior do poço, este não esvaziava. A seguir, aprofundando mais para o interior, descobriram que todos os poços estavam unidos por aquilo que lhes dava razão de ser: a água. Assim começou uma comunicação profunda entre eles, porque as paredes dos poços deixaram de ser barreiras entre eles. Comunicaram-se em profundidade, sem se preocuparem com a abertura da boca.

A descoberta mais sensacional veio depois, quando os poços já viviam em profundidade: chegaram à conclusão que a água que lhes dava vida não nascia lá mesmo, em cada poço, mas vinha, para todos, procedente de um mesmo lugar e procuraram seguir a corrente da água. E descobriram o manancial! O manancial estava bem longe: na montanha do país dos poços e ninguém sabia da sua presença. Mas estava lá! A montanha sempre esteve lá. Um dia apenas visível entre as nuvens, outras, mais radiante... e nunca perceberam a montanha. Desde então os poços que haviam descoberto a razão do seu ser, esforçaram-se por aumentar o seu interior e aumentar a sua profundidade, para que o manancial pudesse chegar mais facilmente até eles. E a água que tiravam de si mesmos, tornou fértil a terra ao seu redor. Enquanto isso, lá fora, na superfície, a maioria dos poços continua aumentando as suas bocas, procurando ter sempre mais coisas.”⁵⁵

Trata-se de uma história um pouco longa, contudo, é uma poderosa metáfora para a caracterização da nossa sociedade atual, ela fala-nos de poços, cuja maioria concentra toda a sua atenção no bocal, na parte emergente da terra, relacionam-se superficialmente e o vazio existencial está presente, porque os poços desviaram-se daquilo que é a sua função principal: ser detentores de água que suscita a vida em si e ao seu redor. Ora, os poços estando vazios de água e cheios de coisas, fizeram com que a vida desaparecesse à sua volta e passou a existir,

⁵⁵ www.youtube.com/país-dos-poços, adaptado da autoria de Antonio Botana e Feliz Lopez.

apenas, terra ressequida, um autêntico deserto. A desertificação de princípios que dignifiquem o ser humano não nos conduziu a uma situação similar?

Cansados de uma vida inútil e solitária, alguns poços, uma minoria, inicia um processo de procura e conseguem descobrir que a sua razão de ser é a água e que esta não desapareceu, encontra-se na sua profundidade: vão à procura dessa água que lhes dá a vida a si próprios e, assim, já a podem transmitir à sua volta e sobretudo sentem que essa água os une no mais íntimo de cada um. Essa água brota de uma montanha que estava lá, sempre lá esteve e, contudo, a maioria nem se dava conta da sua existência. Ao abdicarem de serem poços em relação, impediram que a vida continuasse a brotar. Quando encontram a água e, simultaneamente, descobrem que se podem esvaziar das coisas para dela se encherem, a vida começa a brotar, a circular ao ser redor e a relação entre os próprios poços atinge níveis de profundidade impensáveis até então.

O país dos poços é uma parábola que pretende salientar a necessidade da opção pelo ser em relação ao ter. Apresenta a oposição entre o viver no bocal do poço e o viver no fundo do poço, o viver na superfície e o viver na profundidade, o alicerçar sobre valores de mera aparência e o fortificar sobre princípios que estruturam a pessoa, como ser em relação. A mensagem era muito clara e bastante forte.

Numa sociedade onde a maioria das pessoas abdicou de princípios, e vive mergulhada numa profunda mutação de valores, a Escola e nomeadamente a disciplina de EMRC, devem oferecer um contexto favorável à reflexão e ao aprofundamento da dignidade do ser pessoa como ser em relação, para poder contribuir na construção de uma sociedade mais justa e mais fraterna. A parábola presta-se a uma interpretação bastante proveitosa, na medida em que os alunos conseguissem captar a sua mensagem e aplicá-la ao nosso contexto social concreto. Será que conseguiriam fazer uma analogia entre os poços e as pessoas? Era o desafio que iríamos propor.

A parábola foi projetada em vídeo e o texto foi posteriormente distribuído aos alunos com algumas questões⁵⁶ que ajudavam a analisar a mensagem em pequenos grupos, a fazer uma leitura das nossas vidas, descortinar se existia algum paralelo com as nossas opções entre o ser e o ter. À primeira vista parecia uma reflexão difícil, contudo, os alunos conseguiram atingir os objetivos propostos, fazendo a leitura que tínhamos previsto e ultrapassaram mesmo as nossas expectativas. Nem esqueceram a presença da montanha que sempre ali esteve e que foi identificada pelos alunos como sendo Deus autor da água/vida e que a sua descoberta e consequente implicação dessa descoberta na vida, constitui um grande desafio para vivermos como pessoas em relação.

A história teve um forte impacto nos alunos, e por isso consideramos que valia a pena dedicar duas aulas à análise da metáfora, porque transmitia uma mensagem singular para aprofundar toda a Unidade Letiva 1 – *A Pessoa Humana*.

Tendo como fundamento este texto conseguimos lecionar todo este tema como uma narrativa alicerçada na pessoa como ser em relação. Quando falamos em narrativa pensamos no sentido que lhe dá Neil Postman, quando refere que a crise vivida na educação é sobretudo uma crise de narrativa cultural coerente com princípios e valores que possam dar sentido à vida dos que se encontram num processo de formação. Essa narrativa não tem como objetivo explicar o mundo, mas conferir-lhe um sentido: “Se a globalização da informação aumentou o volume da informação, ela surge descontextualizada, massificada, dirigida a todos e a ninguém... E a escola?” Pergunta o autor e responde:

“As narrativas têm como fim dar sentido ao mundo [...] mesmo num contexto de multiculturalidade a existência de narrativas partilhadas não seriam uma fonte de inspiração para a educação? Sendo a escola cada vez mais plural não terá que transmitir o valor e as regras da socialização? A própria diversidade não será uma oportunidade para a escola repensar o seu fim? A missão da escola não pode cingir-se a ser transmissora de informação... terá de saber articular: racionalidade e subjetividade, transcendência e tecnologia ao serviço da cultura.”⁵⁷

⁵⁶ Cf - *Portefólio da PES* e Anexos deste Relatório.

⁵⁷ NEIL POSTMAN, *O Fim da Educação - Redefinindo o Valor da Escola*, Tradução de Cassilda Alcobia, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2002, 222.

Referindo-se concretamente ao contexto da educação nos EUA, o autor não se coibiu de definir o fundamento da crise da educação como a ausência de narrativa e, se acompanharmos a sua reflexão, ele esclarece que a sociedade substituiu Deus pelos vários deuses, mas que estes deuses falharam. É então que se torna necessário construir narrativas com a finalidade de devolver o sentido da transcendência ao mundo, e que esse sentido venha justificar os nossos esforços, exaltar a nossa história, esclarecer o nosso presente e iluminar o nosso futuro.⁵⁸ Se por mero acaso não contarem essa narrativa aos alunos eles vão sentirem-se perdidos, sem motivação para construir um futuro porque não conseguem ancorar o sentido do presente.

Não é para esta situação quase anárquica em que vivemos que o Papa Francisco chama a nossa atenção ao se referir à atualidade como uma “maré um pouco caótica”⁵⁹? A importância da narrativa, no contexto da pessoa como ser em relação, reside nas consequências que delas poderemos beneficiar como se elas legitimassem um sentido de identidade pessoal, inserido numa vida em comunidade e nos fornecessem os princípios e valores orientadores de sentido de cada um dos nossos dias.

Essa narrativa no contexto de EMRC tinha de ser escrita com os alunos envolvidos, implicados e comprometidos, como eram, desde que lhes fornecêssemos as chaves de leitura da sociedade atual. Pois:

“Vive-se o presente na superfície da realidade. Trata-se de um “presentismo” sem passado e sem tradição. O ser humano é um ser deambulante, sem história, com uma memória debilitada, sem recordações autorizadas e sem força moral para impor um sentido ou uma direção a essa história.”⁶⁰

No meio da ilusão que é o nosso presente, Jesús Garcia faz uma leitura similar à de Neil Postman e a falta de enraizamento dos alunos, associada à falta de relação com os outros, faz

⁵⁸ NEIL POSTMAN, *O Fim da Educação - Redefinindo o Valor da Escola*, 21.

⁵⁹ *EG*, 87.

⁶⁰ JESÚS MANUEL GARCIA, *Horizontes de espiritualidade para los jovens en Europa*, Roma, s. d., texto fornecido aos alunos, por Teresa Messias, no contexto do Seminário sobre *Espiritualidade e Culturas Juvenis*, UCP, 2015.

da pessoa do aluno um estranho na sua própria escola, porque a falta de narrativa não lhe confere um sentido existencial e ele próprio procura a sua identidade pessoal.

Voltando à metáfora dos poços, que foi utilizada como pano de fundo, foram lecionadas as várias dimensões da pessoa que harmonizam o ser humano. A planificação seguiu o programa com alguma reorganização dos conteúdos, conforme consta na planificação da Unidade Letiva 1: *A Pessoa Humana*, inserida no Portefólio da PES.

Ao longo de toda a leção da Unidade Letiva, os alunos sentiram-se protagonistas do processo ensino/aprendizagem pela disponibilidade que revelaram para envolverem-se nas estratégias propostas e a ousadia com que sugeriam outras ou a repetição de alguma. A síntese da temática foi elaborada num modelo a que chamamos de EMRC-QUIZ⁶¹ que antecedeu o momento de avaliação, que nesta Unidade optamos pela tradicional Ficha de Avaliação e os resultados foram muito bons, conforme consta na grelha do Portefólio da PES.

Contudo, mais que estes bons resultados, nesta Unidade Letiva, era fundamental que os alunos tomassem consciência da dignidade ontológica da pessoa humana, assim como da necessidade de educar todas as dimensões que a constituem, para as harmonizar a fim de construir uma personalidade íntegra que vive em relação com os outros.

Consideramos que uma outra sequência na exposição da UL tornava-se mais acessível reescrever a narrativa com os alunos. Por exemplo: a fundamentar a dimensão espiritual da pessoa poderia seguir-se o conteúdo: “Deus estabelece uma relação pessoal com todos.” Este tema poderia incluir-se na meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*,⁶² na continuidade da dimensão espiritual, porque o substrato de que o ser humano é alguém que vive em relação com os outros, tem como fundamento: “Deus cria o ser humano à sua imagem e semelhança” e vive em relação com ele.

Na meta G. *Identificar os valores evangélicos*, esperamos que numa futura renovação do programa apareça princípios em vez de valores, o conteúdo sobre a Declaração Universal dos

⁶¹ O modelo encontra-se no Portefólio da PES, anexos da UL1 que integram este relatório em Anexos.

⁶² SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 62.

Direitos Humanos, na lecionação, foi antecedido por fazer uma proposta aos alunos. Estes deveriam fazer uma investigação sobre uma pessoa que tivesse posto a sua vida ao serviço da promoção dos Direitos humanos, para percebermos que a relação do ser humano com os outros tem uma expressão concreta e objetiva num documento universal que pode ser lido em clave evangélica. Aqui, pensamos que é fundamental que no contexto de EMRC se procure ir às raízes desses mesmos Direitos.

Foram apresentados alguns exemplos aos alunos para que seleccionassem uma personalidade e procedessem ao trabalho. Os alunos revelaram-se muito interessados e aderiram com entusiasmo à proposta. São pessoas que viveram em relação com os outros e investiram a sua vida na procura do bem comum. A relação é considerada como algo que brota do interior da pessoa e é estruturante no ser humano.

Ao pensarmos na nossa história é fácil percebermos que somos seres humanos absolutamente dependentes da relação que as outras pessoas estabelecerem connosco ou não? Recordemos o nosso percurso existencial, a biografia pessoal de cada ser humano: nasce ou deveria nascer fruto de uma relação de amor entre dois seres humanos. Para os crentes essa relação de amor existe, pelo menos, entre o Criador da nossa vida e a mãe. Após o nascimento, a sobrevivência biológica do ser humano está totalmente dependente da relação, que pelo menos um outro ser humano, estabelecer com o recém-nascido. Esta necessidade de sobrevivência justifica, muitas vezes, a coesão familiar e reforça os laços sociais.

E porque todos os seres humanos nascem demasiado prematuros precisam da relação com os demais para atingir uma vida plena. É nesta perspetiva que Fernando Savater pensa que “os homens nascem uns para os outros e que a inter-relação entre os indivíduos e o caráter interativo da vida social, são bem mais importantes e mais verdadeiros para a educação dos seres humanos que as outras dimensões a que designamos cultura.”⁶³

Se concordamos com a visão deste autor diríamos que a finalidade de cada ser humano não é a aquisição de saberes culturais, nem sequer construir grandes feitos, mas tão só aprender a

⁶³ FERNANDO SAVATER, *El valor de Educar*, 12-15.

relacionar-se com os outros seres humanos, a fim de, juntos, construirmos uma comunidade mais fraterna e assim tornarmos este mundo um pouco melhor do que o encontramos. Não é essa a missão confiada ao ser humano no momento da criação?

Já temos vindo a refletir que o substrato da Unidade Letiva 1 – *A Pessoa Humana* é a noção de pessoa como ser em relação. Assim, no capítulo seguinte, após distinguir indivíduo de pessoa, iremos apresentar uma sistematização do conceito de pessoa, sem pretender construir a história do vocábulo, porque essa está sobejamente feita, mas estruturar alguns filões de reflexão que alicercem a temática em aprofundamento: *A Pessoa como ser em relação*.

CAPÍTULO 3. DE INDIVÍDUO A PESSOA

3.1. Uma filosofia da relação em Mounier e em Buber

A disciplina de EMRC deve contribuir na formação do aluno fornecendo-lhe as coordenadas necessárias para desenvolver as suas competências, de forma a que fique habilitado a fazer uma leitura crítica da realidade e, conseqüentemente, contribuir para a sua transformação. Perante a atual civilização importa conhecer as raízes profundas do individualismo para não continuar a alimentar as suas frondosas árvores.

Emanuel Mounier na primeira metade do século XX caracterizou a sociedade ocidental como ideologicamente marcada pelo individualismo e este é descrito como sendo um “sistema de costumes, de sentimentos, de ideias e de instituições que organiza o indivíduo, partindo de atitudes de isolamento e de defesa.”⁶⁴ Após este diagnóstico, o autor considerava que a pessoa estava a entrar numa fase de perigoso declínio e urgia recuperar a categoria da relação como uma saída à crise individualista. Para afirmar o princípio ontológico da pessoa humana implicava fundamentalmente alicerçar a reflexão que inspirasse a construção social na fidelidade ao princípio da dignidade do ser pessoa, como um ser social, onde o primado da relação derrubasse o isolamento individualista. Era uma proposta do ponto de vista antropológico ousada porque implicava mudar radicalmente a visão sobre os alicerces da construção civilizacional.

A reflexão de Mounier destaca o específico do ser ontológico da pessoa, porque alicerça o paradigma personalista na defesa daquilo que devolve o ser humano ao fim para que foi criado: um ser para os outros. Mounier entende que a pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapropriar, de se descentrar para se tornar disponível para os outros. A pessoa no pensamento de Mounier surge-nos como uma presença voltada para o mundo e para as outras pessoas, aliás, diz que a pessoa não existe senão para os outros, não se conhece senão pelos outros, não se encontra senão nos outros. A experiência primitiva da

⁶⁴ EMMANUEL MOUNIER, *O Personalismo*, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1960, 12.

pessoa é a experiência da segunda pessoa. A pessoa é uma existência capaz de se libertar de si própria, de se desapossar, de se descentrar para se tornar disponível para os outros, numa luta contra o egocentrismo, o narcisismo e o individualismo.

O autor do personalismo apresenta uma sugestão para a saída da cultura individualista e que passa por uma alteração radical de paradigma centralizado na pessoa, que no seu entender é a antítese da civilização atual. O indivíduo só se torna pessoa numa dinâmica de êxodo, vivendo numa atitude de direção ao outro, na disponibilidade de criar a comunhão, que não é fusão, pois a pessoa não perde a sua identidade se optar por uma existência vivida em direção ao outro, porque Mounier acrescenta que a compreensão conduz a pessoa a deixar de se situar sempre no seu próprio ponto de vista, para se situar no ponto de vista dos outros, não se confundindo com o outro.

Não se trata de procurar uma pessoa igual a si própria, mas é na opção de se voltar para os outros, que a pessoa capta a sua singularidade, numa atitude de acolhimento e num esforço de recolhimento. Ser todo para todos sem deixar de ser o próprio e compreender o que é amar e ser. A singularidade de cada pessoa é apreendida exatamente no contacto com os outros. Ou seja, ser pessoa não significa emigrar do individualismo em direção ao coletivismo, mas afirmar-se como pessoa singular que assume a responsabilidade da construção de uma comunidade mais justa e mais fraterna na colaboração com os outros, em comunidade.⁶⁵

Mounier alicerça o seu personalismo na descentralização do indivíduo, voltando-o para os outros, a fim de salientar a enorme diferença civilizacional entre individualismo, o ser humano centrado sobre si próprio e uma cultura alicerçada no personalismo, a pessoa voltada para os outros, num movimento de colaboração para a construção da fraternidade.

Numa linha de pensamento similar situa-se Martin Buber na filosofia da relação. Na obra *Eu-Tu*, pensamento considerado o vértice da sua maturidade, apresenta a categoria da relação como fundamental para a compreensão do sentido da existência humana: “No princípio é a relação. [...]. Quando se vive numa relação realiza-se, neste tu encontrado, a presença do Tu

⁶⁵ Cf - EMMANUEL MOUNIER, *O Personalismo*, 12-62.

inato.”⁶⁶ Buber encara o lugar dos outros como sendo indispensável para a nossa realização existencial, defendendo que a própria palavra princípio, Eu-Tu, fundamenta o mundo da relação. Esta visão inovadora sobre a humanidade, pretendia derrubar pela base o individualismo, sendo que o autor alicerça a relação na categoria dos princípios.

Na perspectiva de Buber, a abordagem para a antropologia filosófica deve ser realizada como um ato vital, tendo como fundamento a relação, porque é nesta categoria que verdadeiramente se encontra o próprio sentido do ser humano. O eu experiencia algo, mas não experiencia o ser humano a quem diz tu, o seu eu entra em relação com ele: “A pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas. [...] A finalidade da relação é o seu próprio ser, ou seja, o contacto com o Tu.”⁶⁷ A primazia posta na relação que nos “constrói” é a relação única que nos descentraliza e nos projeta para o outro.

Buber como Mounier alicerçam o seu pensamento na pessoa, como ser em relação e assim podemos depreender que a relação é o alicerce na construção da pessoa e que tanto mais se é pessoa, quanto mais se é capaz de se relacionar com os demais. A atualidade permite-nos questionar se a falta de sentido da vida, de tantas pessoas, não terá a sua génese nesta falta de relação? A EMRC pode contribuir para a educação dos seus alunos propondo a relacionalidade como o transcender-se no dom para o outro.

Buber percebe a própria criação como relação, que expressa o lugar fundante do ser humano: “No princípio era a relação” primordial que se torna o princípio de todas as relações humanas. A ontologia da relação é afirmada assim por Buber como uma antropologia, que se encaminha para uma ética da pessoa. A filosofia do diálogo exige a intersubjetividade como um dado antropológico fundamental. Acrescenta mesmo que a relação é essencial para o fundamento da Ética Humana. O eu torna-se eu em função do Tu. A Palavra como portadora de ser, é o lugar onde o ser se instaura como revelação.

⁶⁶ MARTIN BUBER, *EU e Tu*, tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuber, Editora Moraes, São Paulo, 1974, 37.

⁶⁷ *Ibidem*, 73.

Vivemos submergidos pelo individualismo como matriz civilizacional antitético da pessoa e é importante que a EMRC apresente aos alunos estas noções, no contexto de uma Unidade Letiva que tem como finalidade refletir sobre a temática da pessoa como ser em relação, a fim de ir alicerçando um olhar crítico sobre a realidade e assim contribuir para desenvolver uma cultura personalista. Neste contexto é muito importante iniciar a leção da Unidade Letiva 1 – *A Pessoa como ser em relação* surpreendendo os alunos com uma breve noção de pessoa e é nessa perspectiva que apresentamos de seguida alguns traços gerais da noção de pessoa como ser em relação.

3.2. Noção de pessoa

A origem da noção de pessoa remete-nos para a mundividência teológica, mais concretamente para as controvérsias trinitárias e cristológicas do século IV. Embora o termo já fosse conhecido na semântica da antiguidade grega, nomeadamente na linguagem do teatro, “*prósopon*”, “*persona*”, não era até então aplicado ao ser humano e será “o Cristianismo que dará um contributo decisivo ao conceito, aplicando-o progressivamente ao ser humano”⁶⁸. A génese do conceito surge na tentativa de o ser humano tentar explicar aquilo que a fé denomina de mistério: um só Deus, três pessoas e qual a relação entre as três pessoas da Trindade divina. No campo da antropologia é o salto que é dado até à teologia para através da experiência da pessoa tentar definir o Mistério. É ao tentar desvendar algo do Mistério divino, na contemplação da inviolável majestade divina, que por participação emerge a dignidade pessoal do ser humano, que conduz a que este se autocompreenda a si mesmo como pessoa, isto é um ser em relação.

A Bíblia não nos oferece o termo pessoa, porém descreve-nos o ser humano com o recurso a uma tríplice relação: de dependência relativamente a Deus, de superioridade perante o mundo

⁶⁸ JOSÉ IGNACIO MURILLO, “Antropologia”, in César Isquierdo, dir, *Diccionario de Teología*, Ediciones Universidad de Navarra, S.A., Pamplona, 2007, 35.

e de igualdade em relação ao tu humano. Esta compreensão do ser humano bíblico, no seio da experiência religiosa, feita a partir do encontro do ser humano com a realidade divina faz com que a ideia de pessoa seja identificada com a noção de relação.⁶⁹ Assim, teologia e antropologia entrecruzam-se para dignificar a dimensão da relação como pilar estruturante do ser pessoa. É na perspectiva do ser humano como ser em relação que a designação de pessoa é aplicada à Trindade, como uma analogia de proporcionalidade, a partir da experiência da pessoa humana, numa tentativa de fundamentar racionalmente a consignação em dogma de uma crença religiosa.

A noção de pessoa atribuída a Deus é uma tentativa de pensar o modo como cada ser divino existe em si, diferente e complementar, unidade substancial, um ser pessoal, único e irrepetível, mas aludindo sempre à singularidade da vivência na relação com os outros. Sendo que a relação em Deus é a própria essência divina, o conceito de pessoa aplicado à Trindade surge da relação de auto-doação total de cada um dos seres ao outro, já que a pessoa divina nada mais é do que relação.⁷⁰ *Hipóstase* e “*ousia*” surgem então como duas coordenadas que se implicam mutuamente para definir a relação entre as pessoas trinitárias e relativamente ao ser humano clarifica que a pessoa é fundamentalmente um ser em relação.⁷¹

Segundo Lima Vaz a noção de pessoa derruba a dissonância entre *hipóstase* e “*ousia*”, essência e existência porque se realiza existencialmente entre “o em-si da estrutura e o para-o-outro da relação: o em-si que é tal no seu abrir-se para-o-outro”. Ou seja, a pessoa é um todo aberto e generoso.⁷² Como cada uma das pessoas divinas só são compreendidas na relação de cada uma com a outra, assim também o ser humano só se identifica e se realiza como um ser em relação: “A dimensão da relação é, sem dúvida, constitutiva essencial da pessoa. [...] O

⁶⁹ Cf - JUAN L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios – Antropologia teológica fundamental*, Editorial Sal Terrae, Santander, 1988, 154-155.

⁷⁰ JOSEF M. ROVIRA BELOSO, “Pessoas Divinas – História do termo “pessoa”: sua aplicação à Santíssima Trindade”, in Xabier Pikaza (dir) *Dicionário Teológico: o Deus Cristão*, Paulus, São Paulo, 1988, 702.

⁷¹ Cf - BERNARDO DOMINGUES, “Aspectos do conceito de pessoa humana em S. Tomás de Aquino”, *Didaskalia* XXX III (2003) 478.

⁷² Cf - HENRIQUE C. DE LIMA VAZ, *Antropologia Filosófica II*, Edições Loyola, Brasil, São Paulo, 1992, 189-192.

homem só forma a sua personalidade e realiza a sua pessoalidade na medida em que se relacionar com os outros.”⁷³

O Concílio Vaticano II apresenta uma definição de ser humano neste movimento de relacionalidade: “O homem define-se, antes de mais, pela responsabilidade que assume perante os seus irmãos e a história.”⁷⁴ A realidade do ser humano é incompleta em si própria, porque não se esgota nas fronteiras dos seus pés, mas prolonga-se no tu do próximo, a quem o cristianismo vai apelidar de irmão.

Numa disciplina cuja matriz se inscreve na mundividência cristã e católica é fundamental transmitir aos alunos a noção da dignidade do ser humano que lhe advém do evento criador de ser criado *imago Dei*.

3.3. Criada à *imago Dei*: pessoa - o tu de Deus

As narrativas bíblicas que relatam as origens da criação evidenciam o carácter relacional presente na criação do ser humano: “Deus disse: “Façamos o ser humano à nossa imagem e semelhança [...] Não é conveniente que o homem esteja só. [...] Ele os criou homem e mulher.” (Gn 1, 26-28). Os primeiros capítulos do *Génesis* apresentam como é e como haveria de ser a relação da humanidade criada com o Deus Criador, a relação do ser humano com a criação e a relação dos seres humanos entre si.

A reflexão bíblica transmite-nos claramente que a dimensão da relação é estruturante e moldadora da identidade do ser humano, cuja dignidade brota de ser criado à imagem de Deus. A relação do ser humano está determinada por três parâmetros: uma identidade comum: o ser humano criado do barro, Adão, em quem reside uma diferença essencial o ser humano é imagem de Deus, foi-lhe incutido um especial sopro de Deus e uma assimetria relacional: a

⁷³ JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano – Esboço de uma Soteriologia à luz do pensamento de Olegario González de Cardedal*, Paulinas, Lisboa, 2002, 17.

⁷⁴ CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo (Gaudium et Spes)*, 55, in *AAS* 58 (1966) 1076. (A partir daqui quando citar este documento será com as iniciais: *GS*, e o respetivo número de citação.)

criação foi entregue ao homem, ficando este responsável por ela. Que relação é esta querida e criada por Deus?

Voltemos ao texto bíblico: “Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança.” (Gn 1, 26). É a obra-prima da criação e Deus soleniza o momento, como só o Seu amor o sabe fazer. No ápice da criação é o coração do Senhor a falar:

“Façamos, dada a importância da obra que está para criar, Deus não se limita a pronunciar uma ordem, como tinha sucedido até então, mas dando um toque muito pessoal, Deus como que fala consigo mesmo, deixando ouvir a sua voz a ressoar, não fora dele, mas segundo um modo muito bíblico de dizer, no seu próprio coração.”⁷⁵

O ser humano nasce de um sussurro de Deus, é criado pelo impulso do Seu amor infinito. “Assim como nenhuma criança desperta para o amor sem ser amada, assim nenhum coração humano se eleva à compreensão de Deus, sem a livre oferenda da Sua graça. Um amor que me é dado só o posso compreender como um milagre.”⁷⁶ Deus reserva o maior feito da criação para a criação do ser humano e este ato criacional é envolvido pelo seu amor infinito, se o ser humano acolher o milagre desse amor está inaugurada a relação divina/humana cuja seiva que a fortalece é o amor. Criado por amor, ontologicamente relacionado ao amor, chamado a permanecer neste amor divino que é eterno.

Segundo Ruiz de la Peña a teologia da pessoa emerge desta dignidade de ser “criado à imagem de Deus” e o próprio conceito de pessoa situa-se na reflexão sobre o mistério do ser trinitário de Deus, porque se o ser humano é “criado como imagem de Deus” isso significa que o próprio Deus entra na auto compreensão do ser humano. Ou seja, Deus não cria o ser humano como uma natureza entre as demais, mas cria um tu e chama-o pelo nome. É deste chamamento originário a ser o tu de Deus que deriva a dignidade ontológica do ser humano. Criado como *imago Dei* o ser humano é alguém que na sua essência e na sua existência é

⁷⁵ ANTÓNIO COUTO, “Homem e Mulher Deus os criou – perspetivas bíblicas”, *Communio*, IX (1993) 217.

⁷⁶ HANS URS VON BALTHASAR, *Só o amor é digno de fé*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008, 54.

capaz de relação e essa relação tem a sua gênese entre o ser humano e Deus: o ser humano como o tu de Deus e Deus o tu do ser humano.⁷⁷

O ser humano é chamado à existência como um tu a quem Deus se dirige, com quem se relaciona, falando, e de quem espera uma resposta. A nenhuma outra criatura Deus tratou com tal dignidade. O ser humano está só diante de Deus e a relação deste com Deus é a primeira relação, porque o homem está só e Deus é o único com quem se pode relacionar. Para ser o tu de Deus, Adão necessita de um tu humano, um outro ser humano que seja simultaneamente semelhante e diferente: “Esta é, realmente, osso dos meus ossos e carne da minha carne.” (*Gn* 2,23). Ao reconhecer em Eva esse tu humano, o eu de Adão tem pela primeira vez a oportunidade de autoconhecer-se, de acolher-se e de aceitar-se porque não existe um eu sem existir um tu: ele e ela, seres humanos com a mesma origem e dignidade. “Deus criou a mulher e conduziu-a até ao homem.” (*Gn* 2,22) É então que a criação está completa: homem e mulher criados à imagem e semelhança de Deus e em relação um com o outro e com Deus. O paradigma das relações humanas era inaugurado no contexto da própria criação porque o próprio “Deus Uno e Trino revelou o seu projeto de partilha da comunhão da vida trinitária com pessoas criadas à sua imagem.”⁷⁸

A primeira experiência do ser humano como pessoa é alicerçada no tu, porque não existe um eu, sem um tu a quem o eu se dirige. A reflexão de Raimon Panikkar vai um pouco mais longe ao dizer que: “Deus não tem experiência de si mesmo, o que implica precisamente a Trindade. [...] Eu sou então um tu de Deus. A experiência de Deus é então a experiência do tu, a quem Deus chama tu, que sou precisamente eu, o meu verdadeiro eu é o tu de Deus.”⁷⁹ Ou seja, o próprio Deus reconhece-se na relação existente no seio da Trindade e é nessa relação que a palavra pessoa encontra a sua raiz: a humanidade acolhe a vida oriunda da divindade. A vida é dádiva divina.

⁷⁷ JUAN L. RUIZ DE LA PEÑA, *Imagen de Dios*, 176-178.

⁷⁸ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a Pessoa Humana criada à imagem de Deus*, 2004, nº 25, http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents/, acedido a 16 de abril de 2017.

⁷⁹ RAIMON PANIKKAR, *Iconos del Misterio: la experiencia de Dios*, Ediciones Península, Barcelona, 1998, 122-123.

O ser humano é conduzido a reconhecer que a relação eu-tu, acontece quando o ser humano é chamado à vida por um tu divino e assim é inaugurada uma relação entre o eu divino e o tu humano e entre o eu humano e o tu divino. É a origem do conceito de pessoa, exatamente como sinónimo de relação. A experiência de ser “criado à imagem e semelhança de Deus” é autocompreender-se como este tu de Deus e a experiência de ser pessoa acontece nesta relação humana e divina. “A experiência de Deus é a experiência do tu, sem a qual é impossível a experiência de um eu, porque o eu não pode experimentar-se a si mesmo sem objetivar-se num tu.”⁸⁰ O ser humano é pessoa na medida em que se reconhece como o tu de Deus. Ao acolher-se como o tu de Deus o ser humano está a remeter a sua realidade existencial para a transcendência. Nesta perspetiva Juan Martin Velasco afirma que

“a uma realidade absolutamente transcendente corresponderá como resposta, por parte do sujeito, uma atitude de transcendência. Para que a realidade suprema possa aparecer sem perder a sua condição de suprema, o homem deve renunciar a fazer dela um objeto justificativo de qualquer ato seu, mas deve estabelecer com a transcendência uma relação em que admita que o centro não é ele, mas a realidade suprema. Para isso, o ser humano, deve literalmente descentrar-se.”⁸¹

Ser pessoa é então descentrar-se, deixar de ser o centro, fazer a experiência de sair de si próprio para que o seu horizonte existencial seja projetado no Outro que o chamou à vida e a uma vida de relação. É quando o ser humano põe o seu centro no outro que inicia o caminho para se tornar pessoa.

Uma breve caracterização da atualidade conduziu-nos a perceber que a civilização em que estamos inseridos se encontra alicerçada no indivíduo que constrói muros à sua volta que o impedem de ver o outro e conseqüentemente de se relacionar com ele como um próximo. Vamos tentar perceber que tornar-se pessoa é derrubar as fronteiras da caverna do individualismo e que é uma tarefa que ocupa a vida toda.

⁸⁰ RAIMON PANIKKAR, *Iconos del Misterio*, 124.

⁸¹ JUAN MARTÍN VELASCO, *Introducción a la fenomenología de la religión*, Editorial Trotta, Madrid, 7ª edição 2006, 163.

3.4. Tornar-se pessoa

Não basta sermos uma realidade biológica para sermos uma pessoa, tornamo-nos pessoas. Tornar-se pessoa é cada ser humano ir tentando concretizar o que já é em possibilidade pela criação, é, portanto, um processo de aprendizagem. A educação desempenha um contributo fundamental se transmitir aos alunos que o ser humano se vai tornando pessoa, num processo de contínua transformação em direção a uma realização que está sempre mais além dele próprio e que só é realizável na abertura ao outro.

Há atualmente a tentação de só procurarmos a satisfação no horizonte material, descurando a dimensão espiritual, contudo, no contexto de EMRC, na fidelidade à sua missão e aos próprios alunos, é-lhes transmitido que:

“A primazia sempre dada ao ser humano e à sua dignificação é uma constante no itinerário educativo que percorremos com os nossos alunos, tentando ajudá-los a entender como o material e o espiritual, longe de se oporem de uma maneira antagónica, antes se completam e se aprofundam mutuamente.”⁸²

A dignificação da pessoa nasce exatamente do encontro entre o eu do ser humano e o Tu de Deus e a partir daí somos chamados a desenvolvermo-nos como seres em relação. Ao apresentar ao aluno as dimensões estruturais da pessoa é necessário ter presente a complementaridade existente entre as componentes material e espiritual e, se desenvolvermos uma em detrimento da outra, o desequilíbrio instala-se num itinerário vital que se quer de personalização, porque cada pessoa é única e com a sua dignidade ontológica ímpar é capacitada a tornar-se na pessoa que Deus, ao criá-la, quis que se tornasse.

Criado como um tu de Deus o ser humano só se torna pessoa nesta relação de parceria. A modernidade quis desterrar Deus do seu horizonte existencial e destruiu o ser pessoa, restando-nos apenas o indivíduo, que passou a constituir o pilar da civilização atual. A missão da EMRC consiste também em apresentar uma proposta de recolocar Deus no lugar de onde

⁸² JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares”, *Pastoral Catequética* 31/32(2015) 68.

nunca deveria ter saído, para que possamos voltar a construir uma cultura de pessoas com princípios, alicerçados no primeiro dos princípios que é a dignidade da vida humana que tem a sua origem primeira em Deus. O ser humano esqueceu-se que ninguém dá a vida a si próprio e de que se existimos é porque alguém nos deu a vida.

O pressuposto do ser pessoa é ser em relação, o que confere à nossa gênese vital um movimento relacional que implica uma atitude de êxodo permanente de indivíduo a pessoa. Panikkar diz-nos que é esta dependência radical que faz dos seres humanos seres solidários. Pois, “para que o ser humano se realize plenamente na sua vida, para que chegue a ser verdadeiramente pessoa, que não é mero desenvolvimento biológico, teve de ser introduzido na vida por alguém que não o próprio. Ninguém dá a vida a si próprio. O ser humano é um ser solidário.”⁸³ No itinerário existencial, o grande empenho está no tornar-se pessoa, pois ser pessoa, como refere Joaquim Teixeira, é “uma tarefa a realizar”.⁸⁴

Segundo os Bispos portugueses “a educação é o percurso da personalização”⁸⁵. A educação é então este processo de ajudar os alunos a deixarem de serem indivíduos para se estruturarem como pessoas. Para se tornar pessoa é necessário ao indivíduo descentrar-se de si próprio e inaugurar a categoria do encontro entre o eu e o Tu, porque “a finalidade da relação é o contacto com o Tu.”⁸⁶ A EMRC desempenha nesta perspetiva a sua missão peculiar que é incentivar o aluno a estar disponível para o outro e para a transcendência. Ou seja, sair de si, transcender-se, para se tornar pessoa. No pensamento de Juan Ambrosio é:

“a atitude religiosa que aponta obrigatoriamente para um movimento que consiste num radical descentramento, através do qual a pessoa se transcende a si mesma e se fundamenta na presença do Mistério [...] essa presença acontece no centro da própria pessoa [...] é esta união indissolúvel entre transcendência e imanência que ajuda a explicar como o movimento de saída e descentramento de si mesmo, inerente a toda a experiência religiosa, coincide com um movimento de profundo encontro de cada um

⁸³ RAIMON PANIKAR, *Iconos del Misterio*, 64.

⁸⁴ JOAQUIM DE SOUSA TEIXEIRA, “Pessoa”, in Roque Cabral, dir de, *Logos, Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1992, 103.

⁸⁵ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *A Escola em Portugal - Educação Integral da Pessoa*, CEP, Lisboa, 2008, 5.

⁸⁶ MARTIN BUBER, *EU e TU*, 73.

consigo mesmo. O que assistimos, pois, é a uma atitude por parte do ser humano, que ao contrário de o levar ao seu aniquilamento o pode conduzir à sua plena realização.”⁸⁷

Esta reflexão ajuda-nos a perceber como o tornar-se pessoa é um movimento de relação entre a transcendência e a imanência. Isto é, pela iniciativa de Deus, o ser humano é criado nesta relação divino-humano, contudo não se trata de um ato de criação estático e definitivo. Deus não criou, cria constantemente, e ao ser humano compete deixar-se criar permanentemente rumo à sua plena realização. Quem é que não quer realizar-se como pessoa?

Nesta perspectiva Mounier esclarece que o movimento do personalismo não pode ser confundido com falsos espiritualismos, nem idealismos, mas que se inicia quando o ser humano rompe com a natureza, singularizando-se num movimento de transcendência que o conduz até às mais elevadas possibilidades espirituais⁸⁸. Este mundo de possibilidades abre-se diante do ser humano a quem compete ir desenvolvendo e tornando concretas tais possibilidades na sua *praxis* quotidiana.

Seguindo a linha de raciocínio de Juan Ambrosio é a partir do seu interior que o ser humano se transcende e procura a vivência que o ajudará a experienciar-se segundo a finalidade para que foi criado:

“Este movimento de transcendência, longe de ser algo que é artificialmente acrescentado a partir da experiência do exterior, brota do seu próprio interior, surgindo como o horizonte de emergência do conhecimento humano acerca de si mesmo. Verdadeiramente a experiência constitui um modo de ser especificamente humano. O ser humano é um ser de experiência e, a este nível, a transcendência surge como o horizonte do especificamente humano.”⁸⁹

Estamos numa época em que há muitas pessoas, sobretudo jovens, que procuram diversas experiências e deambulam em busca da sua identidade. Sendo assim, a experiência do religioso poderia contribuir para estruturarem essa identidade não fosse “o ser humano um ser

⁸⁷ JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “O amor uma gramática para dizer Deus”, *Communio* 4 (2005) 405-406.

⁸⁸ Cf - EMMANUEL MOUNIER, *O personalismo*, 44.

⁸⁹ JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “O Cristianismo e a experiência religiosa”, *Cadernos ISTA*, 6 (2001) 52-53.

de experiência.”⁹⁰ Tornar-se pessoa é efetivar esta experiência, é viver neste movimento de acolhimento da transcendência, o que exige a própria transcendência do ser humano para o divino, voltando a atualizar neste encontro do eu humano com o tu divino o ato da criação. É só então que o ser humano se torna efetivamente pessoa: “A experiência de Deus é uma experiência necessária para que todo o ser humano chegue à consciência da sua própria identidade. O ser humano chega a ser plenamente humano quando faz a experiência do seu último fundamento, do que realmente é.”⁹¹ Não basta ao ser humano ser criado como um tu de Deus, é preciso que faça a experiência que é efetivamente esse tu de Deus e que Deus é o seu Tu. Tornar-se pessoa é também perceber essa proximidade de Deus, pois como diz Américo Pereira: “é nesta vizinhança com o divino que o ser humano encontra a possibilidade da sua realização mais perfeita.”⁹² Quando Deus é eclipsado do horizonte do ser humano este perde o seu fundamento e não tem onde lançar a âncora da sua vida. Religar o ser humano à fonte para que possa desenvolver-se como pessoa em relação com a transcendência e com os outros é uma componente fundamental da EMRC.

Numa Unidade Letiva organizada sob a temática da *Pessoa Humana* como não transmitir aos alunos esse substrato que é estruturante do seu itinerário de personalização e um contributo significativo no processo de ir desabrochando como pessoa que deseja realizar-se plenamente? Se é nesta atmosfera divina que o ser humano não só é criado, mas é chamado a manter-se nessa relação com Deus e com os outros como não enraizar aqui os princípios da ética?

⁹⁰ JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “O Cristianismo e a experiência religiosa”, 53.

⁹¹ RAIMON PANIKAR, *Iconos del Misterio*, 51.

⁹² AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Ética e Teologia – declinações de uma relação*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2016, 119.

3.5. A relação eu / tu: fonte de inspiração para a ética

No contexto da Unidade Letiva 1- *A Pessoa Humana* é transmitido ao aluno que Deus estabelece com todos, quer os que o aceitam, os crentes, quer com os não crentes, porque Deus é pura gratuidade, uma relação pessoal e que aqui reside o elemento fulcral da mensagem cristã.⁹³ Isto para os cristãos, se pensarmos esta iniciativa divina num contexto de diálogo inter-religioso, esta relação acontece exatamente a partir do momento da criação e é nesta verdade que se alicerça a dignidade ontológica do ser humano. Esta relação é instituída com todos e com cada um dos seres humanos: porque

“Deus não criou o homem só: na verdade, desde o princípio “criou-os homem e mulher” (*Gn* 1, 27), união esta que foi a primeira expressão da comunhão de pessoas. O homem é, com efeito, por exigência profunda da sua natureza, um ser social e não pode viver nem desenvolver as suas qualidades, à margem da relação com os outros.”⁹⁴

O Concílio Vaticano II acentua esta dimensão social do ser humano desde a sua génese. O texto bíblico só apresenta a Criação concluída após Deus ter criado “homem e mulher”. Se é pela relação com Deus que o ser humano se singulariza, torna-se um tu de Deus, único e pela capacidade de romper com a natureza,⁹⁵ diferenciando-se desta, esta criação só encontra a sua plenitude quando o ser humano também é capaz de se relacionar com outro ser humano: “osso dos meus ossos e carne da minha carne.” (*Gn* 2, 23). Nesta expressão é inaugurada a relação horizontal já que a vertical antecede-a sempre porque é da iniciativa de Deus.

Martin Buber ao apresentar a relação eu-Tu, apresenta simultaneamente a relação eu-tu, isto é, não existe distinção relacional geral entre o Tu divino e o tu humano, de tal modo que, a dado momento, afirma: “a pessoa aparece no momento em que entra em relação com outras pessoas.”⁹⁶ E, um pouco mais tarde, como que inverte as coordenadas: “Só aquele que está

⁹³ Cf - SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 64-65.

⁹⁴ *GS*, 12.

⁹⁵ Cf - EMMANUEL MOUNIER, *O personalismo*, 39-40.

⁹⁶ MARTIN BUBER, *Eu e Tu*, 73.

vinculado com os seres está pronto para o encontro com Deus.”⁹⁷ O autor parece estar a parafrasear São João: “aquele que não ama o seu irmão, a quem vê, não pode amar a Deus, a quem não vê.” (1 Jo 4, 20) Não será esta coincidência de pensamento que leva o autor da obra *Eu e Tu* a afirmar que

“o Evangelho de João é o Evangelho da relação pura, onde Deus e o Homem constituem o par indestrutível, os dois suportes da relação primordial, que vinda de Deus ao homem se chama missão e mandamento, indo do homem a Deus se chama contemplação e escuta e entre os dois se chama amor.”⁹⁸

O amor surge assim como o alicerce de uma relação ontológica entre Deus e o ser humano que convivem numa perfeita harmonia, relação esta que coincide com o plano primordial de Deus que antecede a criação do ser humano. “O amor é o milagre de uma relação perfeita. É estar agarrado a Deus como o sarmento à videira. É também colher de Deus o que nos liga a todos os homens. É, pelo amor de Deus, amá-los, compreendê-los, conhecê-los.”⁹⁹ O amor é a seiva que liga o paraíso divino ao mundo humano e que confere a dignidade ontológica ao ser humano. Xabier Pikaza refere que não existe fé sem um Deus que ame os homens.¹⁰⁰ O amor divino antecede sempre a criação do ser humano e a resposta à sua revelação. Uma vez acolhido é modelo para as relações humanas.

E se esta ontologia relacional fundamentada no amor divino e acolhida pelo ser humano fosse a fonte de onde brota a ética? A pessoa como ser em relação é por si só um princípio estrutural no ser e conseqüentemente no agir: “O homem é exactamente os seus actos: após uma essência dada, pela qual não é responsável, o homem é o que os seus actos forem, adquirindo para si uma outra essência, realizada, coincidente com esses mesmos actos.”¹⁰¹ Esta afirmação de Américo Pereira é proferida no seu trabalho sobre Louis Lavelle, cuja obra incide sobre

⁹⁷ MARTIN BUBER, *Eu e Tu*, 120.

⁹⁸ *Ibidem*, 99.

⁹⁹ CARDEAL KÖNIG, citado por René Coste, *O Amor que transforma o mundo*, 13.

¹⁰⁰ Cf - XABIER PIKAZA, *El fenómeno religioso*, Editorial Trotta, Madrid, 1999, 189.

¹⁰¹ AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *A Fundamentação Ontológica da Ética na obra de Louis Lavelle*, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, Lisboa, 2007, 15, www.lusoSofia.pt, acedido a 28.05.2017.

uma reflexão profunda em que desenvolve a absoluta coincidência do ato que se é com a essência que para si mesmo se realiza:

“Tocamos o Absoluto no momento em que cumprimos o destino que nos cabe, por mais humilde que seja, com a maior simplicidade. É esta porta estreita, cuja descoberta depende de nós, que é o caminho da perfeição, o único que nos permite atravessar o mundo das aparências e ter acesso ao Ser verdadeiro.”¹⁰²

A relação com o absoluto, iniciada no momento da criação, é atualizada em cada ato como se fosse único e ousássemos ter a absoluta consciência de tocar o absoluto, é uma absoluta possibilidade, depende de nós concretizá-la é por aí que se realiza o nosso caminho de perfeição. Ou seja, em cada ato, por mais simples que seja, estamos a tentar concretizar essa imagem de Deus que está na gênese da criação, mas que é também intrinsecamente a vocação que somos chamados a realizar: “sede perfeitos como é perfeito o vosso Pai celeste.” (*Mt,5,48*). É exatamente neste contexto que se situa a responsabilidade de cada um dos nossos atos, conforme nos esclarece Américo Pereira:

“A ética nasce deste e neste universo de sentido e encarna ontologicamente em cada acto próprio do acto de ser humano: não é um epifenómeno, antes o mesmo seu modo próprio de ser. Ética encarnada como o mais próprio do ser do homem, de que é indiscernível, enquanto exactamente própria do ser homem, isto é, sem este modo ético de ser, não há homem: haverá um outro qualquer ser, mas não é homem. A salvação do sentido próprio, original, do homem passa necessariamente pela compreensão do seu ser ético como seu ser ontológico próprio: o homem é eticamente. O seu ethos é o seu ontos. Como consequência, a dignidade ontologicamente própria da pessoa humana radica naturalmente neste seu modo ético de ser. Não lhe é conferida, de fora, por quaisquer concessões políticas, é ontologicamente anterior a qualquer reconhecimento político, mergulhando as suas raízes mais profundas na constituição íntima desta presença total, que é o absoluto actual do ser. É um absoluto dom de possibilidade, uma vocação única e inalienável, independente de quaisquer outros poderes que não o absoluto poder de ser, absoluto poder-ser participante.”¹⁰³

¹⁰² LOUIS LAVELLE, citado por Américo Pereira, *A Fundamentação Ontológica da Ética na obra de Louis Lavelle*, 15, em nota de rodapé.

¹⁰³ *Ibidem*, 16.

O autor deste texto não se fica por meias palavras ao afirmar: “o homem é eticamente.” A dignidade ontológica do ser humano fundamenta-se no modo ético como se exprime. Isto é, o ser humano não pode ser uma coisa e parecer outra, ele atualiza-se ontologicamente no ato de ser, ato implica ação, porém na sua dimensão ética existe uma mais que coincidência, uma espécie de simbiose entre o que o ser humano é e o seu ato. O sentido de cada ato é conferido pelo absoluto da novidade que cada ser humano conseguir pôr-lhe atualizando a presença do ato criador nesse mesmo ato: “Pelos frutos os conhecereis,” (Mt 7,20) é a simplicidade evangélica a dizer-nos que a árvore boa não pode dar maus frutos, ou seja, a mensagem de Jesus pressupõe a existência de uma ética estruturada ao ponto de a consciência moral não poder auto-dispensar-se de constituir-se na liberdade que é concedida a cada ser humano. “A ética decorre necessariamente da ontologia, melhor, do acto próprio de cada acto de ser humano.”¹⁰⁴ Ser pessoa é ser em relação e o ser é relação, a ética é ato de relação infinita que parte da interioridade da própria pessoa como bússola orientadora de toda a sua ação que envolve as demais pessoas.

No decurso da Unidade Letiva 1 – *A Pessoa Humana*, é pedido aos alunos que “sejam autênticos e fiéis, coerentes entre o que são e o que aparentam ser.”¹⁰⁵ A meta que lidera este objetivo e conseqüente conteúdo é a meta G: *Identificar os valores evangélicos*. Ora, os valores evangélicos alicerçam-se no princípio universal de que a dignidade ontológica própria de cada ser humano radica neste seu modo ético de ser que coincide com o seu agir. É a partir deste princípio da igual dignidade ontológica de toda e qualquer pessoa que podemos apresentar aos alunos o porquê de cumprirmos os deveres e respeitarmos os direitos. Neste contexto da Unidade Letiva que serve de substrato à nossa reflexão, poderíamos apresentar aos alunos pessoas que são exemplos de que é possível esta coincidência entre ser e agir que o Evangelho confere às suas vidas.

¹⁰⁴ AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *A Fundamentação Ontológica da Ética na obra de Louis Lavelle*, 103.

¹⁰⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 62-63.

A pessoa autêntica e a vivência autenticamente humana é o critério do juízo moral objetivo sobre o agir responsável da pessoa e, conseqüentemente, alicerça a relacionalidade como paradigma ético-teológico.¹⁰⁶

A teofania do Sinai e o Código da Aliança de Deus com Israel não será um exemplo de que a relação do ser humano com Deus é concretizada na prática quotidiana na relação com as outras pessoas? Vamos responder a esta questão, de seguida, tentando apreender que Deus criou o ser humano e não o abandonou à sua sorte, está sempre disponível para intervir porque nutre pelo ser humano uma relação de amor gratuito.

3.6. A relação de Deus com a humanidade - paradigma da relação entre as pessoas

O Sinai representa a geografia do encontro de Deus com o seu povo Israel e a Aliança marca a história do povo hebreu, pois é Deus quem Se revela e se torna acessível ao ser humano. Ao responder afirmativamente ao apelo divino, Israel inicia uma história humana e divina, porque doravante Deus e o ser humano tornam-se aliados numa Aliança que vai nortear a vida do povo. Esta relação inaugurada e selada na Aliança, pela iniciativa divina, só falhará quando o povo quiser porque da parte de Deus, permanecerá para sempre. Esta revelação, que torna Deus acessível ao ser humano leva Buber a dizer que:

“a grande obra de Israel não está em nos ter transmitido o Deus único e verdadeiro, origem e fim de todas as coisas, mas sim no saber mostrar-nos a apelabilidade deste Deus, tê-lo invocado como a um tu, ter estado com ele na sua presença [...]. Na estrutura vital da relação pura, o Eu na presença do Tu, a lei segundo a qual o homem, embora possa encerrar o mundo no encontro, não pode ir para Deus e encontrá-lo senão como pessoa.”¹⁰⁷

A experiência do Sinai será sempre considerada por Israel como o evento fundador da sua história santa porque a história israelita será sempre a história da sua relação com Deus.

¹⁰⁶ Cf - VIDAS BALCIUS, “Relacionalidade como paradigma ético. Reflexão ético teológica sobre a vida humana,” in Sergio Bastianel, Coord. de, *Entre limites e possibilidades – Uma teologia moral em demanda*, tradução de Artur Morão, Editorial Cáritas, Lisboa, 2013, 179 – 180.

¹⁰⁷ MARTIN BUBER, *Eu e Tu*, 131.

Segundo Martin Velasco a experiência religiosa de Israel ocorre na história, mas porque é Deus que irrompe na vida do homem e a converte em história. O encontro com Deus não acontece à margem da vida, mas é toda a vida do povo que se converte em lugar de encontro, porque acrescenta o autor: “A experiência do homem faz-se teofânica e teoprática.”¹⁰⁸ O autor convida-nos a olhar o significado do Sinai como a pedra angular da religião israelita, porque a manifestação divina poderia continuar numa transcendência abstrata se não conduzisse o povo a uma *praxis* condizente com a continuidade desse encontro na vida. Entre Deus e o ser humano estabelece-se um encontro em diálogo de Deus com as pessoas, porque o Deus que se manifesta a Israel é um Deus pessoal. É neste diálogo entre Deus e os seres humanos que a história é teofania e antropofonia. Teofania como lugar da manifestação de Deus, expressão de sentido. Antropofonia como âmbito de realização do ser humano.¹⁰⁹

É neste contexto de parceria divina/humana que Vidas Balcius compreende a Aliança como essa pedra angular do edifício religioso e vital daquilo em que Israel se tornou exatamente a partir do acontecimento sinaítico que assinalou as fronteiras do caminho, a fim de o povo viver em permanente relação com o Deus que o tinha libertado:

“A instituição da Aliança, como evento criador da *relação fundadora*, estrutura a história do povo e a história pessoal como dinamismo responsorial: no Êxodo, o povo é libertado e constituído interlocutor de Deus para poder acolher o dom da vida autêntica; o acontecimento do Sinai expressa e sela esta relação, indicando o caminho para permanecer na autenticidade do vínculo com Deus e com o próximo. O mandamento, com a sua observância, será, pois, uma expressão da resposta fiel de amor ao Senhor e uma ajuda para viver, de forma genuína, as relações interpessoais humanas, doravante interpretadas a partir da relação com Deus.”¹¹⁰

É nesta linha que os dez mandamentos¹¹¹ são os princípios orientadores e estruturantes da conduta daquele povo e uma manifestação concreta de que toda a vida de Israel passa a ser alicerçada nesta relação. A antecipar o Código existia a declaração divina: “Vou fazer uma

¹⁰⁸ JUAN MARTIN VELASCO, *El Encuentro con Dios – Uma interpretación personalista de la religión*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1976, 55.

¹⁰⁹ Cf - XABIER PIKAZA, *El fenómeno religioso*, 189.

¹¹⁰ VIDAS BALCIUS, “Relacionalidade como paradigma ético, 180.

¹¹¹ Cf Ex 34, 14-24.

aliança contigo” (*Ex*, 34,10) e, como Juan Ambrosio refere, “a constituição desta aliança estará sempre na base da identidade de Israel: Tu serás o meu povo e Eu serei o teu Deus.”¹¹²

Se atualmente há muitos jovens em busca da sua identidade não será pela falta da âncora que poderia representar esta relação com Deus? Pois, a tarefa mais importante, sobretudo dos jovens, é a construção da sua identidade, ser o próprio, parece ser a sua reivindicação primordial. Contudo, quanto mais procuram pontos de referência, mais se indignam com a tentativa de recrutamento ou endoutrinamento. Os jovens querem ser reconhecidos, e consideram que o são recusando a autoridade dos pais, das instituições, religião incluída. Neste contexto, muitos correm o risco de se tornarem vagabundos, porque faltam-lhes as referências e a tradição religiosa milenar que era um porto de abrigo para muitos, tornou-se para a juventude atual uma geografia, cujas fronteiras muitos jovens desconhecem.¹¹³

É neste contexto que EMRC deve assumir a responsabilidade de indicar caminhos alternativos aos labirintos sem porta de saída em que muitos jovens se encontram. Até porque a nossa disciplina é detentora de uma novidade divina que apresentada como modelo de construção de uma identidade pessoal pode ser uma grande esperança para muitos desses jovens que são os seus alunos. É que a relação de Deus com o seu povo tornar-se-á mais real no Verbo de Deus feito carne, evento que alterará radicalmente a possibilidade de relação divina/humana. Deus, o totalmente outro, torna-se um Tu, quando se avizinha do ser humano na pessoa de Jesus Cristo. Não será este um contributo fundamental que a EMRC pode oferecer aos seus alunos? Não teremos de recuperar princípios que nos permitam conviver numa sociedade tão multicultural como a nossa? A nossa disciplina não poderá dar um contributo significativo à educação ajudando a encontrar “o princípio universal de humanidade”¹¹⁴ que reequilibre a convivência pacífica entre as pessoas?

Quando a modernidade deixou de reconhecer Deus como o substrato da organização social, o caos começou a instalar-se e é então que a filosofia pretendeu repor a pessoa no centro do

¹¹² JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “O amor uma gramática para dizer Deus”, 414.

¹¹³ Cf – ASSEMBLEIA DOS BISPOS DO QUÉBEC, *Proponer hoy la fe a los jóvenes: una fuerza para vivir*, Vitória, Espanha, 2006, 4 – 6.

¹¹⁴ AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Ética e Teologia*, 116.

debate, para que esta seja um fim e nunca um meio. Devido à radicalização da autonomia imanente da vontade, tornou-se necessário “secularizar o código sinaítico que é a ética kantiana.”¹¹⁵ A EMRC tem também como missão narrar a génese dos princípios ético-morais, entretanto arquivados, que podem ajudar a sair desta civilização individualista, contribuindo assim para o desenvolvimento do aluno, até porque o docente da disciplina não pode deixar-se limitar pelas paredes de uma sala de aula e, ao olhar a realidade, percebe que:

“A história humana sempre foi conflituosa, mas há elementos novos que acentuam o perigo e, especialmente, o extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade no decorrer do século XX. A opinião pública, através dos meios de comunicação social, torna-se observadora impotente e até refém dos que criam ou mantêm os conflitos. Até agora, a educação não pôde fazer grande coisa para modificar esta situação real. Poderemos conceber uma educação capaz de evitar os conflitos, ou de os resolver de maneira pacífica, desenvolvendo o conhecimento dos outros, das suas culturas, da sua espiritualidade?”¹¹⁶

Este texto é já dos finais do século passado, mas é detentor de uma atualidade espantosa “este extraordinário potencial de autodestruição criado pela humanidade” a que não podemos ficar indiferentes. Sabemos que muitos desses conflitos acontecem por desconhecimento dos outros, das suas culturas, incluindo a religiosa, o que gera a intolerância e o preconceito. A educação em geral e a EMRC em particular, depara-se com um dos maiores desafios que é despertar a convicção de que é possível a convivência pacífica com outros grupos, diferentes, mas de uma mesma humanidade, e que temos de abdicar de preconceitos infundados, a fim de derrubar muros e construir pontes de entendimento. A construção de uma cultura da paz depende da nossa capacidade de aprender a viver como pessoas, seres em relação, e a conviver com a multiculturalidade.

O Conselho de Peritos sobre a liberdade de religião e crença da ODIHR/OSCE¹¹⁷ reuniram-se em Toledo preocupados com a onda de atentados que já então se fazia sentir e delinearam

¹¹⁵ JOAQUIM DE SOUSA TEIXEIRA, “Pessoa”, *Logos, Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*, 104.

¹¹⁶ JACQUES DELORS, *Educação, um tesouro a descobrir*; Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, 96-97, in <http://unesdoc.unesco.org>.

¹¹⁷ ODIHR – Office for Democratic Institutions and Human Rights da OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa.

alguns princípios orientadores que serviriam para o ensino religioso nas escolas públicas. Após concordarem em que era necessário promover esforços internacionais para motivar o ensino sobre as religiões e crenças nas escolas, pronunciaram-se deste modo:

“As religiões e as crenças são forças importantes nas vidas dos indivíduos [...]. É necessário entender estas convicções se pretendemos que as pessoas se compreendam mutuamente nas sociedades plurais como as nossas [...]. Estudar as religiões e as crenças abre as mentes dos alunos a perguntas sobre o sentido e a finalidade da vida, e põe-os em contacto com as questões éticas que têm preocupado a humanidade ao longo da história. [...] A aprendizagem sobre as religiões e as crenças faz parte da educação própria da pessoa, amplia os horizontes e aprofunda a visão sobre a complexidade do passado e do presente. O próprio conhecimento das religiões e das crenças pode ajudar a promover um comportamento de respeito e a incrementar a coesão social.”¹¹⁸

Neste documento é reconhecida a importância do ensino religioso nas escolas públicas para que, numa sociedade plural como a nossa, as pessoas se compreendam mutuamente, e é admitido que o conhecimento das religiões e das crenças contribui para a formação e desenvolvimento da própria pessoa. A EMRC pode contribuir significativamente nesta missão, ajudando os alunos a tornarem-se pessoas, no respeito pelas outras pessoas, que são diferentes nas suas crenças e mundividências, mas iguais em humanidade e consequentemente em dignidade.

Os peritos da OSCE admitem que o ensino das religiões e das crenças fornece aos alunos uma hermenêutica específica relativamente ao sentido e finalidade da vida. Há ainda neste texto um reconhecimento específico de que o conhecimento das religiões e crenças põe os alunos em contacto com as questões éticas, que devem integrar uma educação completa e que podem ajudar a promover um comportamento de respeito para com o outro e fomentar a coesão social. São pilares que se inscrevem na matriz do programa da EMRC e que correspondem a uma necessidade civilizacional de “aprendermos a viver juntos”.

¹¹⁸ OSCE/ODIHR, *Principios orientadores de Toledo sobre la enseñanza acerca de religiones y creencias en las escuelas públicas*, Toledo 2007/Varsóvia 2008, 24-26. Documento fornecido pelo Professor Juan Ambrosio aos alunos de Didáctica específica de EMRC, UCP, 2015.

Embora o texto se refira a um outro tipo de ensino sobre a religião é nesta linha que deve inscrever-se a preocupação da nossa disciplina como refere Juan Ambrosio quando diz que a nossa reflexão sobre EMRC tem de ser inserida num contexto mais amplo: “Os eventos que estamos a viver no nosso momento histórico não podem deixar de ser uma grande interpelação para nós porque na nossa sociedade é crescente o número de pessoas que não só pensa diferente como acredita de modo diferente.” Perante esta evidência Juan Ambrosio revisita os quatro pilares do Relatório da Educação para o século XXI para destacar o terceiro: “aprender a viver juntos” porque devido à multiculturalidade crescente é inevitável que pensemos em construir um futuro diferente¹¹⁹. Para “Aprender a viver juntos” é necessário haver um conhecimento progressivo do outro, para estabelecer relações de proximidade, porque a diversidade de credos origina uma multiplicidade de visões do mundo, que não devem impedir que tomemos consciência da semelhança alicerçada na igual dignidade e interdependência entre todos os seres humanos.

A EMRC pode ser uma referência útil porque nas suas aulas já conta com alunos que não professam o mesmo credo religioso e é importante acolher e conhecer os universos religiosos que esses alunos transportam consigo a fim de incentivar a convivência com quem é diferente. No contexto da temática da pessoa, como ser em relação, a dimensão religiosa que nos trazem os alunos de credos diferentes pode contribuir para aprofundar a relação com a transcendência, de um modo diferente da nossa, mas que remete sempre para a relação com o religioso, como estruturante da própria personalidade de pessoa.

Esta convivência com as pessoas que são diferentes em visões da vida e crença é uma oportunidade para o aluno sair de si em direção aos outros e contribuir para a construção de um futuro diferente que é da igual responsabilidade de todos nós. O êxodo do indivíduo à pessoa, do eu ao tu, passa por acolher o outro que acredita de modo diferente, mas é detentor da mesma dignidade e humanidade.

¹¹⁹ Cf - JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “Finalidades, Domínios e Metas Curriculares”, *Pastoral Catequética* 31/32(2015) 64-65.

Ao contrário do indivíduo que se fecha e espera tudo receber, a pessoa doa-se, sai de si em direção aos outros para construir a comunhão.

3.7. Ser pessoa é protótipo de doação

O paradigma da pessoa como ser em relação é inspirado no modelo trinitário, pois foi por meio da teologia trinitária e da cristologia que a patrística grega se encaminhou para a definição de pessoa como ser em comunhão, o que permite pensar tanto as pessoas divinas como a pessoa humana. João compreendeu no Verbo feito carne que o modelo relacional divino era proposto à humanidade.¹²⁰ É Santo Agostinho quem perceber a pessoa divina como relação, doação na lógica do amante, amado, amor¹²¹. Será Boécio quem compreenderá que a relacionalidade é essencial ao ser humano. Buber depreende a importância do tu na formação do eu que situa o eu/tu no centro da antropologia teológica. Mounier entende que ser pessoa é “ser com”, em antítese ao indivíduo.

O eu é sempre afirmado na presença do tu, numa relação amorosa, feita de disponibilidade e fidelidade ao fim para que o ser humano foi criado. Ser pessoa é ser dom que se atualiza em cada ato do ser pessoa e como “merece-se o que se é”¹²² e se ser pessoa é dádiva tornar-se pessoa é ser dom. Perceber que a pessoa não nasce do nada é abrir-se ao sentido transcendental da dignidade ontológica que emana da divindade: a pessoa é um tu de Deus. Xabier Pikaza define a religião como o momento em que o ser humano faz a experiência do sagrado e inaugura uma relação com o divino. É então que o ser humano transcende a natureza e constrói um mundo próprio de sentido.¹²³

Numa atmosfera que prima pelo individualismo ou nos deixamos afundar ou abrimos janelas para acolher o sentido transcendente da ontologia profunda, própria do ser-se humano/tu

¹²⁰ Cf. Jo 5,19.

¹²¹ Cf - PAUL MCPARTLAN, “Pessoa”, in Jean – Yves Lacoste, dir de, *Dicionário Crítico de Teologia*, Edições Loyola /Paulinas, São Paulo, Brasil, 2004, 1396.

¹²² AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Ensaios de antropologia platónica. Estudos platónicos III*, Lusosofia, Covilhã, 2017, 140, in www.lusoSofia.net, acessido a 08.06.2017.

¹²³ Cf - XABIER PIKAZA, *El fenómeno religioso*, 76.

divino. Adentrar-se, acolher-se na sua interioridade como pessoa e viver num paradigma de doação, supõe viver cada ato como um momento de suprema atenção ao outro, à possibilidade do bem comum, como a realização da contingência suprema do que sou chamado a ser como pessoa¹²⁴.

Dar e doar-se gratuitamente está fora de moda, mas inscreve-se na matriz da EMRC o transmitir aos alunos que ser pessoa é doar-se, numa atitude de partilhar a vida, é oferecer o seu próprio ser gratuitamente. O personalismo de Mounnier defende que a força do ímpeto pessoal se fundamenta na generosidade e no ato gratuito, na dádiva sem medida e sem esperança de recompensa. A economia da pessoa é uma economia de dádiva, não da compensação ou do cálculo.

A pessoa foi criada como o maior dom divino e, fruto da doação divina, é criada para a doação, porque, “a vida é presença, existência partilhada. A existência é diálogo de amor, de tal modo que Aquele que me cria e envia não está fora de mim mesmo, mas dentro de mim, partilhando a minha existência e fazendo que eu seja.”¹²⁵ Deus criou o ser humano e partilha a sua existência para que se torne em dom porque na sua origem está a gratuidade divina.

A modernidade ao procurar emancipar o ser humano quis excluir Deus como instância legitimadora da sua vida e da construção social e, progressivamente, como que foi desmoronando os princípios que eram construtores da relação das pessoas entre si. Bento XVI identifica essa ausência de dádiva:

“A caridade na verdade coloca o ser humano perante a admirável experiência do dom. A gratuidade está presente na sua vida sob múltiplas formas, que frequentemente lhe passam despercebidas por causa de uma visão meramente utilitarista da existência. O ser humano está feito para o dom, que exprime e realiza a sua dimensão de transcendência. Por vezes, o ser humano convence-se, erroneamente, de que é o único autor de si mesmo, da sua vida e da sociedade.”¹²⁶

¹²⁴ Cf – AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Ensaios de antropologia platónica*, 143.

¹²⁵ XABIER PIKAZA, *El fenómeno religioso*, 97.

¹²⁶ *CV*, 34.

A gratuidade é uma palavra que não faz parte do dicionário geral da atualidade e Bento XVI veio trazê-la à memória para que não nos deixemos engolir pela visão utilitarista da vida. É a própria caridade que funciona como motor desse movimento de projeção para o outro, para que ambos procurem construir o bem comum.

O amor é, assim, como que essa força cósmica que vai celebrar o milagre da doação do ser humano ao outro ser humano, porque é o amor que o relaciona com aquele que o criou e o contempla no amor. Ao ignorar o amor, o ser humano corta a raiz que o fazia tratar o outro por tu. Só o amor assume a responsabilidade de um eu por um tu, pois, necessariamente aquele que ama sabe dizer tu. Aquele que responde, a partir de uma contemplação, doa-se ao outro, torna-se presente ao outro “que é um dom. A justa relação com as pessoas consiste em reconhecer, com gratidão, o seu valor [...]. Abrir a porta do nosso coração ao outro, porque cada pessoa é um dom [...]. Cada vida que se cruza connosco é um dom e merece aceitação, respeito, amor.”¹²⁷

É esta linguagem do amor que a nossa disciplina precisa de recuperar e colocá-la no seu lugar próprio, amor que é dom. Recorrendo ao pensamento de Mounier podemos afirmar que quando o indivíduo ama torna-se pessoa e é pessoa na medida em que ama: “só existo na medida em que existo para os outros, ou numa frase-limite: ser é amar.”¹²⁸ “Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida pelos seus amigos” (Jo15,13), dirá Jesus que é paradigma de doação até doar a Sua própria vida: “ninguém me tira a vida, sou eu que a dou livremente” (Jo 10,18). Assim disse e fez dessa palavra vida, até atingir o seu ponto culminante no sepulcro vazio, sendo a Sua ressurreição a revelação do ápice do amor do Pai pelo Filho, que esteve sempre disponível à vontade do Pai.

A passagem de uma visão individualista para a conceção relacional passa pela compreensão do ser pessoa como dom, como disponibilidade ao outro. É esta perspetiva do dom que ajuda o ser humano a compreender-se como pessoa ser em relação. O reconhecimento do ser

¹²⁷ FRANCISCO, *Mensagem do Papa para a quaresma 2017, A Palavra é um dom. O outro é um dom, 2017*, in pt.radiovaticana.va - acesso a 3 de julho de 2017.

¹²⁸ EMMANUEL MOUNIER, *O Personalismo*, 60.

humano como pessoa entronca na natureza essencialmente relacional em que a presença ativa do outro torna-se capaz de criar relação gratuita e incondicional.¹²⁹ A doação é o ponto alto da bondade do ser humano que se exprime na superabundância do ser pessoa, como refere Bento XVI:

“O dom ultrapassa o mérito; a sua regra é a excelência. [...] Enquanto dom recebido por todos, a caridade na verdade é uma força que constitui a comunidade, unifica os seres humanos, segundo modalidades que não conhecem barreiras nem confins. [...] A lógica do dom não exclui a justiça e precisa, se quiser ser, autenticamente humano, de dar espaço ao princípio da gratuidade como expressão de fraternidade.”¹³⁰

O autor deste documento, apela à excelência do dom na caridade que o inspira. É este amor ativo, chamado caridade, que derruba muros e constrói pontes, fazendo com que as pessoas ultrapassem as fronteiras das possíveis divergências. Este dom não é uma atitude estática, porque entrar na “lógica do dom” implica movimento, saída de si e atenção à necessidade do outro, que se vai alterando e atualizando conforme a sua necessidade concreta. O Papa põe a gratuidade como princípio para que seja expressão da fraternidade na construção do bem comum.

A humanidade globalizada é uma humanidade que corre o risco de não apresentar um rosto e nesse desfocar a pessoa, esta tornou-se objeto de consumo em que só interessa enquanto consome e é consumido. Torna-se urgente que a disciplina de EMRC construa espaços de reflexão e descortine geografias de ação que fomente o espírito crítico desta realidade para que demos pequenos passos em direção a uma cultura da dádiva, porque é “na doação que a vida se fortalece [...]. A vida alcança-se e amadurece à medida que é entregue para dar vida aos outros.”¹³¹

Será ousadia propor no contexto da Unidade Letiva 1: *A Pessoa Humana*, o paradigma da gratuidade como uma porta de saída do caos civilizacional em que nos encontramos? Vamos,

¹²⁹ Cf - VIDAS BALCIUS, “Relacionalidade como paradigma ético, 200-201.

¹³⁰ CV, 34.

¹³¹ EG, 10.

em seguida, tentar perceber se a categoria de pessoa é um eixo nuclear ao programa de EMRC, para podermos apreender a grandeza da preocupação que a disciplina dedica à pessoa.

CAPÍTULO 4. O PRIMADO DA PESSOA

4.1. O primado da pessoa no cerne da educação

A afirmação do primado da pessoa na educação é uma possível proposta de saída de uma cultura do individualismo e do consumismo. Seria rasgar “caminhos de personalização, frente a uma dissolução progressiva da pessoa concreta na massa anónima.”¹³² Ao contrário do indivíduo, que se fecha em si próprio, preocupado exclusivamente consigo, isolando-se numa redoma de autodefesa dos outros, a pessoa vive em estado de abertura e de doação aos outros. A Conferência Episcopal tem manifestado uma grande preocupação por colocar a pessoa e a dignidade humana, bem como o bem comum, no centro das preocupações sobre a educação, perante a atual “globalização massificante”¹³³:

“A educação é o percurso da personalização, e não apenas da socialização e formação para a cidadania. A educação autêntica é a educação integral da pessoa. Isto exige a promoção dos valores espirituais [...] Exige ainda a promoção do homem-pessoa em recusa do homem-objeto de mercado, rejeição de todas as formas de alienação do ser humano, defesa do primado da solidariedade e da fraternidade sobre o interesse egoísta e a competição desenfreada. [...]

Este princípio e esta finalidade exigem à escola a luta contra a realidade da marginalização, que caracteriza as nossas sociedades e o mundo no seu conjunto, e a rejeição da crescente mentalidade individualista, ancorando-se no valor da vida e numa ética do bem comum e da solidariedade entre seres humanos e instituições.”¹³⁴

Este excerto, da *Carta Pastoral A escola em Portugal: Educação integral da pessoa humana*, aponta para a necessidade de se criar as condições para um compromisso na educação de instituir a dignidade humana, como um princípio primordial, capaz de formar pessoas que sejam aptas a transformar a comunidade e, assim, serem construtoras de um mundo mais humano e mais solidário. Fazendo da pessoa o pilar sobre o qual se estrutura a educação é optar por um compromisso de rejeição da “mentalidade individualista” que domina boa parte da contemporaneidade e enveredar por um caminho de sentido contrário, que concentraria as

¹³² JOÃO DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea,” *Pastoral Catequética*, 5(2006) 37.

¹³³ *Ibidem*, 31.

¹³⁴ CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral A escola em Portugal: Educação integral da pessoa humana*, CEP, Lisboa, 2008, 5-6.

aspirações essenciais da pessoa numa educação humanizadora que se centralize “na vida e numa ética do bem comum,” conforme consta no documento supracitado.

Os nossos Bispos pretendem, de facto, que a educação contribua para a saída desta mentalidade individualista em que a dignidade do ser humano é um princípio desvalorizado. Na linha de continuidade da Doutrina Social da Igreja, torna-se necessário que a educação se desenvolva “afirmando a centralidade da pessoa humana e a partir do princípio que afirma a sua intangível dignidade”¹³⁵ e, assim, se procure instaurar uma nova ordem humanizadora, em “que a pessoa seja sempre um fim e nunca um meio para atingir determinados fins. Só assim considerada a pessoa, na sua grandeza e dignidade, podemos pensá-la na sua dimensão ética”¹³⁶. Da dignidade do seu ser de pessoa brota a dignidade do seu agir. É fundamental inculcar este espírito crítico nos nossos alunos, pois como diz o Papa Francisco: “torna-se necessário uma educação que ensine a pensar criticamente e ofereça um caminho de amadurecimento nos valores,”¹³⁷ ou na revitalização dos princípios.

Se esta orientação da Igreja é relativa à educação em geral, será que na Educação Moral e Religiosa Católica a Pessoa é apresentada como um conceito central? A reflexão que apresentamos de seguida será fruto de uma incursão pelo Programa de EMRC a fim de percebermos se a pessoa é uma categoria transversal às metas, objetivos e conteúdos na totalidade da nossa disciplina.

¹³⁵ CONSELHO PONTÍFICIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 106-107.

¹³⁶ MARCIANO VIDAL, *Moral de la Persona. Moral de atitudes*, Gráficas Valencia, Madrid, 1985, 114-115.

¹³⁷ *EG*, 64.

4.2. A pessoa como conceito central no programa de EMRC

A Educação Moral e Religiosa Católica tem como missão primordial contribuir significativamente para a formação integral do ser humano. “O seu objeto é a totalidade da realidade como campo do agir humano.”¹³⁸ A leitura desta “realidade” está marcada por uma cultura do individualismo, que despersonaliza o ser humano, tendo o anonimato passado a ser a geografia da sua habitação. Queremos contribuir para a transformação desta civilização, humanizando-a e sabemos que “o ponto de partida, porque estamos na escola, é a cultura [...]. Cultura que queremos iluminar, humanizar e engrandecer com o evangelho, certamente, para que ela possa ser, sempre mais, uma realidade ao serviço da dignificação do ser humano.”¹³⁹

Neste contexto é importante perceber se a dignidade da pessoa humana é suficientemente salientada na trajetória educativa e se o conceito de pessoa é central no programa de EMRC, através da observação das suas metas, objetivos e conteúdos, assim como, apreender como é que são distribuídas ao longo do percurso de formação. Os três domínios específicos são: o primeiro: “Religião e experiência religiosa”, o segundo: “Cultura cristã e visão cristã da vida” e o terceiro: “Ética e Moral”, as metas apresentadas neste último domínio são as seguintes: a meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*,¹⁴⁰ especificamente centrada na dignidade da pessoa humana, em que ser e agir se interligam na categoria da pessoa que é responsável pela sua ação.

Analisando este mesmo domínio da “Ética e Moral” encontramos as seguintes metas: a meta M: *Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano*; a meta N: *Promover o bem comum e o cuidado do outro e a meta O: Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.* ¹⁴¹ Deste modo, a totalidade das metas deste domínio, referente à Ética e Moral: M, N, O e Q pretenderem centrar a reflexão sobre a pessoa, a dignidade da sua vida e, inevitavelmente, no seu agir. Trata-se de um

¹³⁸ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 154.

¹³⁹ JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “Finalidades, Domínios e Metas Curriculares”, 72.

¹⁴⁰ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 8.

¹⁴¹ *Ibidem*, 17.

domínio que salienta a ação do ser humano, como a capacidade de observar a realidade, mas sobretudo com a responsabilidade de a transformar. A pessoa que cada um é exterioriza-se na sua ação. A pessoa vive em relação com outras pessoas, porque é ontologicamente um ser em relação.

Segundo João Duque “o processo de individualização, a que a modernidade deu muita força e a que a pós-modernidade deu corpo social e que foi mesmo massificado, pode ler-se no sentido dessa personalização ter sido impulsionada pelo cristianismo”¹⁴². O autor esclarece:

“um dos elementos centrais introduzidos pelo cristianismo na cultura ocidental foi a concentração da dignidade do ser humano na pessoa concreta, sujeito de opções livres, porque criado à imagem de Deus, isto arrancou a definição da dignidade humana à relação com a *polis* (no mundo grego), ou com o *imperium* (no mundo romano), ou mesmo com o povo ou etnia (como era ainda o caso do mundo judaico).”¹⁴³

Claro que esta dignidade do ser humano pretende salientar a singularidade da criação de cada pessoa à imagem e semelhança de Deus e ainda esclarecer que o ser cristão é uma possibilidade pessoal, dependente de uma opção e não se é cristão automaticamente, mas o liberalismo vai potenciar esse suposto individualismo e reduzir a ação pessoal dependendo unicamente da vontade individual, como esclarece o autor no mesmo texto¹⁴⁴.

O cristianismo nunca incentivou o individualismo conforme o vivemos atualmente e sabemos que desde os seus primórdios os primeiros seguidores de Jesus tinham a consciência de que a sua referência à comunidade era fundamental para que não existisse injustiça entre eles: “possuíam tudo em comum.” (*Act* 2,44). Tentavam viver o que pregavam e certamente aprenderam do Mestre a dimensão comunitária da fé e da salvação: “ou nos salvamos todos ou nos perdemos todos.”¹⁴⁵ Esta afirmação de Américo Pereira por si só deveria bastar para desmoralizar o individualismo. A EMRC pretende inscrever no seu programa esta procura do bem comum, porque ser pessoa é ser em relação. Não fosse o próprio conceito de pessoa

¹⁴² JOÃO DUQUE, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea,” 31.

¹⁴³ *Ibidem*, 31

¹⁴⁴ *Ibidem*, 32

¹⁴⁵ AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Ética e Teologia*, 121.

formatado no interior do cristianismo e, nestas metas que inspiram os objetivos para a dimensão ética, é salientada a relacionalidade como o paradigma do agir humano.

A preceder o cristianismo já na Grécia pensava-se que o ser humano só podia viver em relação com a comunidade que habitava a sua cidade, a *polis*: “O ser humano é, por essência, um ser de relação com tudo: consigo próprio, num permanente diálogo ético interior, mas também com tudo o que não pertence irredutivelmente a esta mesma esfera de pura interioridade: é essencialmente, também, um ser político.”¹⁴⁶ A própria educação era pensada para integrar o ser humano na comunidade da sua *polis*. É nesta linha que se insere o pensamento de Américo Pereira:

“para que o ser humano possa integrar-se nisso que é a harmonia do bem-comum da cidade, há que ser para tal adestrado: é a questão da “paideia” que surge. A “paideia” não pode ser entendida no sentido, humana e espiritualmente pobre, hodierno, de uma qualquer educação e instrução destinada a preparar cidadãos, que mais não são do que títeres nas mãos de tiranos e oligarcas – já fora contra isto que Sócrates de Atenas lutara e morrera –, mas no sentido da formação integral do ser humano, não como isto ou aquilo de redutor, mas precisamente como ser humano, única grande especialização digna da grandeza específica de sua mesma possibilidade ontológica, na sequência da “paideia” antiga, de tipo inspirado em Homero, em que se visava a formação de seres humanos com certas virtudes, necessárias ao bem da “polis” como um todo e não apenas ao exclusivo bem idiota de cada cidadão.”¹⁴⁷

O autor deste texto esclarece que a educação era pensada no âmbito da formação integral e não como mera transmissão de conhecimentos. A trave mestra era educar a totalidade da pessoa para a procura do bem comum, sem a qual a vida da comunidade tornava-se impossível. Seria importante que num novo paradigma pensado para a educação se revisitasse esta *paideia* e se recuperasse o princípio do bem comum, como estruturante na formação dos alunos, não sem antes recuperar o primeiro dos princípios que é a dignidade humana.

¹⁴⁶ AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Da Ontologia da “Polis” em Platão*, 2011, 10.

¹⁴⁷ *Ibidem*, 11.

No âmbito do programa da EMRC, ao refletir com os alunos o primado da noção de pessoa como ser em relação, temos de simultaneamente ajudá-los a compreender que a ação humana exprime exatamente a dignidade do ser pessoa e ser pessoa em relação. Neste domínio, que o programa apresenta como sendo da ética, este deve ser pensado como a possibilidade do bem, da capacidade que o ser humano transporta em si de decidir em cada momento, o seu melhor modo de agir, e esta é uma atitude que temos de atualizar sempre. Deste modo, a ética é a nascente, que brota do domínio interior em que a ação humana tem a sua génese e que estrutura o carácter da pessoa, é o motor da inteligibilidade da *praxis* humana nas suas mais distintas dimensões práticas.

Numa outra vertente do programa de EMRC surge o domínio da “Religião e experiência religiosa”, em que se define a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.*” Trata-se de uma meta que nos remete para a origem da pessoa e conseqüentemente para a finalidade da sua vida, assim como da história, que no caso de Israel foi sendo construída numa clara parceria humano/divina. “Na tradição cristã é acentuado o aspeto pessoal do divino, apresentando a experiência religiosa como expressão do poder e da ação concreta de um Deus que liberta o ser humano da sua pequenez e lhe oferece a sua presença.”¹⁴⁸ No contexto da EMRC, mesmo que a finalidade não seja suscitar a fé, existe toda a legitimidade para apresentar as chaves de leitura da história, onde Deus está presente nesse acontecer histórico, independentemente do ser humano o acolher ou não.

Assim, podemos perceber que a estruturação das metas e a sua distribuição pelos diferentes níveis de escolaridade estão organizadas de modo a que a disciplina possa ajudar os alunos a compreender que o que torna o ser humano diferente dos outros seres é a possibilidade de fazermos escolhas, de podermos ponderar as nossas próprias ações possíveis. A genuína grandeza humana está no fazer coincidir aquilo que é na sua dignidade de possibilidade com aquilo que faz, porque a pessoa, *imago Dei*, atualiza-se no ato de ser, de modo único em cada

¹⁴⁸ XABIER PIKAZA, *El fenómeno religioso*, 215.

ser humano, o que implica que aquilo que cada pessoa realiza define a pessoa que é. As metas centralizam-se na pessoa humana e conseqüentemente na sua ação.

Vamos verificar a estruturação e distribuição das metas pelas Unidades Letivas ao longo de todo o percurso educacional proposto pelo programa:

No primeiro ano, as metas, mas sobretudo na organização dos seus objetivos e conteúdos, verificamos que este nível de educação é iniciado exatamente pelo objetivo: “Reconhecer o valor da vida e da pessoa”; que deriva exatamente da meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*.¹⁴⁹ A meta N: *Promover o bem comum e o cuidado do outro*, oriunda do domínio da ética quer salientar exatamente que a pessoa vive em relação e que a sua ação tem de ser conseqüente com aquilo que é. Nesta mesma perspectiva é introduzida a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*. Tratando-se do primeiro contacto que os alunos têm com a disciplina, é transmitida uma boa introdução à noção do que é ser pessoa e da responsabilidade do seu agir.

No segundo ano, é introduzida a questão da relação com os outros através das metas N: *Promover o bem comum e o cuidado do outro*. A meta M: *Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano*. Assim como a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*.¹⁵⁰ A leção da disciplina continua a aprofundar com os alunos a conceção do ser humano, já iniciada no ano anterior.

O terceiro ano é iniciado com a Unidade Letiva 1: *A Dignidade das Crianças*, em que a meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*, introduz os conteúdos sobre as crianças, adaptados à faixa etária em que se encontram. Segue-se a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*. Na Unidade Letiva 2, sob o tema: *Ser Solidário* é abordada novamente a meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*, incidindo já sobre a dignidade de todo o ser humano esta Unidade Letiva termina com a meta N: *Promover o bem comum e o*

¹⁴⁹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 22.

¹⁵⁰ *Ibidem*, 26-33. (O intervalo de páginas corresponde ao programa para a totalidade do ano, seguirei esta metodologia até ao nono ano e no Ensino Secundário por Unidade Letiva.)

*cuidado do outro. É introduzida a meta M: Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano.*¹⁵¹

Na Unidade Letiva 3 – *Diálogo com Deus*, a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, está inserida por duas vezes, em que os objetivos são: *Reconhecer a dimensão espiritual da pessoa humana* e já é introduzida a relação com Deus de modo a que se ajude o aluno a perceber que essa relação com Deus é concretizada na relação com os outros, pela ação concreta de cada um de nós. O programa de EMRC para o terceiro ano privilegia de facto a categoria da pessoa, seja na sua dignidade, seja na relação com Deus e com os outros, que é desenvolvida na totalidade das dimensões do ser pessoa.

O quarto ano é centralizado na dimensão axiológica e é com a meta M: *Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano*, que os alunos começam a ser surpreendidos com os objetivos que lhes são propostos. A lecionação continua com a transmissão da responsabilidade de cada um na construção da história e, com esta finalidade, é a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*. O verbo apresentado indica ação, dá claramente ao aluno a noção de que ele é também protagonista dessa história, que está habituado a que lhe seja contada a partir do exterior. Agora ele passa a ser também seu construtor e, conseqüentemente, também responsável.

No patamar imediatamente a seguir, surge a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*. A responsabilidade que foi introduzida na Unidade Letiva anterior é já aprofundada. Logo após, entra em cena a meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*,¹⁵² que marca presença por duas vezes. É a pessoa em ação que é proposta aos alunos com os valores que devem pautar o seu comportamento.

Assim, no primeiro ciclo do programa de EMRC, as metas vão sendo apresentadas em espiral. Há uma abordagem inicial que vai sendo aprofundada, de modo a ir facilitando ao aluno a

¹⁵¹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 32 – 41.

¹⁵² *Ibidem*, 42-49.

compreensão da sua formação, como pessoa que vive em relação com os outros e é responsável pelo seu agir. Existe, desde o início, uma grande preocupação de transmitir aos alunos que a dignidade humana consiste em compreender cada pessoa, e agir, tratando toda e qualquer pessoa, sempre como um fim e nunca como um meio.¹⁵³

No quinto ano, a Unidade Letiva 1, *Viver Juntos*, é inaugurada com a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*. A Unidade Letiva 3 – *A Família, Comunidade de Amor*, vem apresentar esse viver juntos numa comunidade concreta que é a família. A Unidade é lecionada sob a meta M: *Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano,*” onde a pessoa é sempre pensada num movimento interrelacional.

A quarta Unidade Letiva - *Construir a Fraternidade*, é apresentada aos alunos a meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*, com os seguintes objetivos: “Reconhecer a igual dignidade de todo o ser humano” e “Valorizar a comum filiação divina.” Os conteúdos são centralizados na noção de fraternidade, no seu alcance social e religioso, sendo que, leva ao compromisso explícito na meta N: *Promover o bem comum e o cuidado do outro.*¹⁵⁴ A noção de pessoa, como ser que vive em relação, é já desenvolvida neste ano e procura responsabilizar os alunos, de acordo com a sua faixa etária, na construção de um mundo mais justo.

No sexto ano o programa inicia-se com a temática: *A Pessoa Humana*, na Unidade Letiva 1. A primeira meta é a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, com os seguintes objetivos: “Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros” e “Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente”. Os conteúdos são propostos de modo a que sejam privilegiadas as várias dimensões da totalidade da pessoa humana, terminando a reflexão temática com o apelo ao compromisso contido na meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a*

¹⁵³ Cf - MARCIANO VIDAL, *Dicionário de Moral*, 163.

¹⁵⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 52 – 61

peessoa, a comunidade e o mundo. Esta meta volta a inspirar os conteúdos do início da Unidade Letiva 3 – *A Partilha do Pão* que termina com a meta N: *Promover o bem comum e o cuidado do outro*. Já a meta M: *Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano*,¹⁵⁵ é lecionada na Unidade Letiva 2 – *Jesus, um Homem para os outros*. Trata-se de um ano em que a Pessoa Humana é a noção principal, sendo o tema da Unidade Letiva 1, e que é de certo modo completada na Unidade Letiva 3: *A Partilha do Pão*. A Unidade Letiva 2 é direcionada à Pessoa de Jesus, que pela Sua Encarnação, confere um outro sentido ao ser Pessoa.

A temática *As Origens*, da Unidade Letiva 1, do sétimo ano, privilegia a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, e apresenta uma reflexão sobre a génese da criação, incluindo a do ser humano, a finalidade e sentido da sua vida. Esta Unidade termina os conteúdos com a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*. Trata-se de uma Unidade que centraliza objetivos e conteúdos a partir das narrativas das origens, o que permite uma reflexão séria sobre o ser humano ao nível da faixa etária dos alunos.

Na Unidade Letiva 2, apesar desta estar submetida ao tema: *As Religiões*, a proposta inicia-se com a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, abordando a dimensão religiosa do ser humano. Neste mesmo ano a Unidade Letiva 3 – *Riqueza e sentido dos afetos* é centralizada no itinerário vital do ser humano e estão presentes as metas O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*. A meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*, inspira a reflexão proposta para a Unidade Letiva 4 – *A Paz Universal*, que integra ainda nos seus objetivos a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*, assim como a meta N: *Promover o bem comum e o cuidado do outro*.¹⁵⁶ É um ano em

¹⁵⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 62-69.

¹⁵⁶ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 71-85.

que o programa de EMRC privilegia o valor da pessoa como conceito principal e aprofunda a reflexão sobre o seu desenvolvimento em todas as dimensões.

O oitavo ano presenteia os alunos com a temática *O Amor Humano*, na Unidade Letiva 1 e a meta privilegiada para iniciar a lecionação é a meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana.* É seguida pela meta M: *Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano*, em que também são abordadas questões relacionadas com a pessoa. A Unidade termina com a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*. Na Unidade Letiva 3 – *A Liberdade*, volta a retomar as metas Q e M e os objetivos são estruturados em torno da noção de pessoa. Na Unidade Letiva 4 – *Ecologia e Valores* é da meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, que brotam os conteúdos, com o seguinte objetivo: “Reconhecer na dignidade humana a sua relação com a totalidade da criação enquanto dádiva de Deus”¹⁵⁷, em que a reflexão incide sobre a ação humana alicerçada na dignidade da pessoa. Na conclusão deste ano letivo é com a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade pessoal perante a pessoa, a comunidade e o mundo*, que é salientada a necessidade de um compromisso dos alunos na transformação da realidade que os envolve.

O programa para o nono ano propõe, logo na Unidade Letiva 1, *A Dignidade da Vida Humana*. Trata-se de uma Unidade totalmente centrada na vida humana, seja na sua dignidade, seja no seu valor, que se fazem presentes na totalidade dos objetivos emanados das metas: Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*, e M: *Reconhecer a proposta do agir cristão em situações vitais do quotidiano*. Na Unidade Letiva 3, *O Projeto de Vida*, é lecionado a partir da meta Q, que já foi apresentada na Unidade Letiva anterior, mas que pretende aprofundar a dignidade da vida e da pessoa humana, à luz da experiência do encontro com Deus. É a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*,¹⁵⁸ que aparece como facilitadora dos últimos conteúdos a

¹⁵⁷ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 86-93.

¹⁵⁸ *Ibidem*, 94 – 101.

lecionar neste ano, em que os alunos são apresentados com a categoria da pessoa humana como central, para que seja um contributo significativo nesta fase do seu percurso académico. As Unidades Letivas destinadas ao Ensino Secundário apresentam uma outra abordagem que tem como finalidade o aprofundamento dos temas estruturantes para a formação dos alunos. A grande finalidade consiste em motivá-los para as temáticas que os comprometem como pessoas na transformação do contexto sócio-cultural.

Nesta perspetiva, faz todo o sentido iniciar a abordagem aos conteúdos, com a Unidade Letiva 1, *Política, Ética e Religião*, à luz da meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*. É seguida pela meta M: *Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano*¹⁵⁹. A meta O é apresentada por duas vezes nesta Unidade Letiva 1 e está presente novamente na Unidade Letiva 2 – *Valores e Ética Cristã*¹⁶⁰. Curiosamente, na Unidade Letiva 3, cuja temática é *Ética e Economia*, a meta que inicia a reflexão é a meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*, acompanhada pelas metas B, O e N.¹⁶¹ que são inseridas no cerne da reflexão sobre o ser humano como centro da atividade económica, bem como a necessidade de a solidariedade ser globalizada, como global é a sociedade em que estamos inseridos.

A Unidade Letiva 4, *A Civilização do Amor* é iniciada com a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*, seguida pela meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*. Após este percurso é do domínio da Religião e experiência religiosa que vem a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*. Esta leitura da realidade é completada com uma reflexão sobre o compromisso possível na sua transformação através da meta M: *Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano*.¹⁶² São pilares

¹⁵⁹SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 104-107.

¹⁶⁰ *Ibidem*, 108-111.

¹⁶¹ *Ibidem*, 112-117.

¹⁶² *Ibidem*, 118-121.

da reflexão em que a abordagem é o amor como o sustentáculo de uma civilização que todos somos chamados a construir.

A Unidade Letiva 5 – *A Religião como Modo de Habitar e Transformar o Mundo*, é lecionada propondo ao alunos que pensem o ato de crer como fundante da experiência de relação. A meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, surge por três vezes como inspiradora dos conteúdos, assim como a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*, e a reflexão termina com a meta N: *Promover o bem comum e o cuidado do outro*.¹⁶³ A própria temática da Unidade Letiva é um desafio para repensar o modo como habitualmente compreendemos a Religião e simultaneamente um apelo a fazer memória: “Israel realizou, de uma vez por todas, a grande ruptura antropológica/teológica, interpretando a realidade definitiva (ser divino e humano) como história. Israel descobriu Deus como Senhor e Amigo transcendente no seu processo de realização como povo.”¹⁶⁴

Na Unidade Letiva 6, *Um Sentido para a Vida*, é o tema abordado à luz das metas B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, da meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*, da meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo* e ainda da meta N: *Promover o bem comum e o cuidado do outro*.¹⁶⁵ A estratégia pensada é ajudar o aluno a pensar-se como pessoa, num diálogo interior consigo próprio, de transcender-se em direção ao outro, comprometer-se na procura do bem comum e simultaneamente ir construindo o sentido da vida.

Na Unidade Letiva 7, intitulada como *Ciência e Religião* os conteúdos são abordados a partir da meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*, e da meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*.¹⁶⁶ Sendo uma

¹⁶³ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 122-127.

¹⁶⁴ XABIER PIKAZA, *El fenómeno religioso*, 185.

¹⁶⁵ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 128-131.

¹⁶⁶ *Ibidem*, 132-135.

Unidade que se inspira em dois campos do saber, que muitas vezes, foram motivo de conflito, os alunos são convidados a perceber que não são antagónicos, mas sim complementares.

Já a Unidade Letiva 8, *A comunidade dos crentes em Cristo*, a reflexão sobre esta temática é norteada pela meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.*¹⁶⁷

A Unidade Letiva 9, *A Arte Cristã* as metas que inspiram os conteúdos são dos domínios da cultura cristã e visão cristã da vida, assim como a meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa,*¹⁶⁸ *da vida e da história*, do domínio da Religião cristã e experiência religiosa.

O itinerário formativo que é proposto no programa da EMRC encerra com a Unidade Letiva 10, *Amor e Sexualidade*, em que são inseridas as metas do domínio da Ética e Moral, tais como a meta M: *Reconhecer a proposta do agir ético cristão em situações vitais do quotidiano*; a meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo* e a meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*. A meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*¹⁶⁹, também integra-se na reflexão proposta. Trata-se de um tema bastante pertinente para abordar nesta faixa etária, de modo a que os alunos desenvolvam um pensamento crítico e assim possam comprometer-se na edificação de uma civilização que seja defensora absoluta do princípio da dignidade da vida humana.

Após o levantamento das metas do domínio da Ética e Moral e da meta B do domínio da Religião e Experiência Religiosa, onde a noção de pessoa e o seu agir estão contemplados de forma exímia, apresentamos um quadro com todas as metas por anos de escolaridade e, no secundário num bloco único, com o número de vezes que se repetem de modo a que seja possível precisar a sua graduação nas diferentes fases do programa:

¹⁶⁷ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 136-139.

¹⁶⁸ *Ibidem*, 140-145.

¹⁶⁹ *Ibidem*, 146-149.

METAS POR ANOS DE ESCOLARIDADE		
Anos de escolaridade	Metas privilegiadas	Metas que aparecem mais do que uma vez
1º	B. G. N. E. L. J. P. F. O. M.	N. (3 vezes) F. (2 vezes) G. (2 vezes)
2º	E. F. M. J. L. P. B. G.	E. (2 vezes)
3º	Q. E. O. G. M. N. B. A. F.	Q. (2 vezes) B. (2 vezes) A. (2 vezes) E. (2 vezes)
4º	M. B. O. Q. G. F.	G. (2 vezes) M. (2 vezes) Q. (2 vezes)
5º	B. F. P. G. A. L. M. N.	G. (3 vezes) P. (3 vezes) L. (3 vezes) Q. (2 vezes)
6º	B. G. I. E. O. K. M. J. N.	E. (2 vezes) B. (2 vezes) O. (2 vezes)
7º	B. L. F. C. G. K. O. A. K. E. D. Q. N.	B.(3 vezes) C. (3vezes) F. (2 vezes) O. (3 vezes) G. (2 vezes) Q. (2 vezes) L. (2 vezes) E. (2 vezes) D. (2 vezes)
8º	Q. M. H. F. O. E. D. I. G. L. P. B. C. J.	Q. (2 vezes) M. (2 vezes) G. (2 vezes) O. (2 vezes)
9º	Q. M. E. L. A. C. B. J. I. G. B.	Q. (3vezes) M. (2 vezes) C. (2 vezes)
Secundário	O. I. H. M. G. L. F. Q. B. N. H. P. C. D. A. E. J. K.	O.(10 vezes) M. (7 vezes) L. (12 vezes) G. (5 vezes) I. (5 vezes) N. (4 vezes)Q. (5 vezes) F. (5 vezes) B. (11 vezes) A. (4 vezes) H. (5 vezes) J. (6 vezes) C. (2 vezes) E. (5 vezes)D. (2 vezes) K. (4 vezes)P.(2 vezes)

Conforme consta na tabela, rapidamente verificamos que as metas B. M. N. O. Q. que centram a reflexão na noção de pessoa, na dignidade da vida humana e do seu agir, são transversais à totalidade do programa, estão presentes em todos os anos de escolaridade e gradualmente vão sendo apresentadas aos alunos, como estruturantes no seu itinerário de formação.

O quadro seguinte sintetiza as metas que têm como finalidade transmitir ao aluno a noção de dignidade da vida humana, a pessoa e o seu agir, isto é a meta B do domínio da Religião e Experiência Religiosa e as restantes do domínio da Ética e Moral, por ciclos de escolaridade:

Número de vezes que as metas: B. M. N. O. Q. aparecem por ciclo					
CICLO	META – B.	META –M.	META – N.	META - O	META – Q
1º	5	5	4	3	6
2º	3	2	2	2	2
3º	5	4	1	8	7
SECUNDÁRIO	11	7	4	10	5

Rapidamente depreendemos que as metas centradas na pessoa humana e na sua ação trespassam todo o programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica. Há um itinerário que é proposto pelas Metas Curriculares de modo a que os alunos possam desenvolver progressivamente o seu processo de formação. É a partir da constatação da realidade que o aluno percebe que:

“o primeiro ato da sua iniciação à vida pessoal é a tomada de consciência da sua vida anónima. O primeiro passo, correlativo, da sua iniciação à vida comunitária é a tomada de consciência da sua vida indiferente: indiferente aos outros porque é indiferenciada dos outros. Estamos aqui no limiar onde começa a vida solidária da pessoa e da comunidade.”¹⁷⁰

É nesta perspetiva que o contributo de EMRC consiste em ajudar o aluno a perceber a cultura individualista em que está inserido e que este seja capaz de transformar essa mentalidade com a sua própria vida, adotando uma atitude de saída de si, como indivíduo, para se tornar pessoa, disponível ao outro. Pois “a disciplina desempenha um papel muito importante ao preocupar-se em ajudar os alunos a ter uma visão humana e humanizadora [...] dando sempre a primazia ao ser humano e à sua dignificação.”¹⁷¹

Alicerçada nesta mundividência, que é peculiar das finalidades da disciplina de EMRC, é proposto ao aluno um novo estilo de vida, de um ser humano que vive no movimento de

¹⁷⁰ EMMANUEL MOUNIER, *Manifesto ao serviço do personalismo*, tradução de António Ramos Rosa, Livraria Morais Editora, Lisboa, 1967, 109.

¹⁷¹ JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, “Finalidades, Domínios de aprendizagem e Metas Curriculares”, 68.

abertura ao outro ser humano, porque não é possível a pessoa realizar-se, fechando-se em si mesma. Como pensa Juan Ambrosio, compete à disciplina:

“afirmar a totalidade da pessoa porque a formação integral da pessoa supõe tomar consciência de todas as dimensões que constituem a realidade humana. É que se definimos a pessoa exclusivamente a partir de uma dimensão, o seu desenvolvimento será exclusivamente linear, o que nos colocaria perante a construção do ser humano unidimensional, qualquer que seja a natureza da referida dimensão. Se partimos de uma concepção bidimensional, então já somos obrigados a pôr em jogo mais variáveis, o que nos permite ultrapassar o perigo de uma construção redutora da pessoa humana. Mas podemos e devemos ir mais longe, concebendo a pessoa a partir de três dimensões, o que nos permite alcançar outra profundidade e outra consistência na construção da personalidade. Aqui estamos, pois, perante uma concepção de pessoa como unidade fisicobiológica, social e transcendente (de sentido). Nela todas as dimensões estão organicamente inter-relacionadas, interagindo e formando um todo. No processo de personalização é, naturalmente, este todo que tem que ser assumido. Ao trabalhar a dimensão do transcendente, como proposta clara de um processo personalizador, a EMRC contribui especificamente para que a escola possa realizar a sua missão.”¹⁷²

O autor deste texto considera que a nobre preocupação que ocupou o pensamento dos autores do programa da Educação Moral e Religiosa Católica foi a categoria da pessoa, da dignidade ontológica da sua vida e conseqüentemente no paradigma ético-moral da sua ação. Isto significa, de acordo com Juan Ambrosio “afirmar a totalidade da pessoa” sem a amputar da sua “dimensão transcendente” porque a pessoa não se reduz a uma única dimensão. A educação preconizada pela nossa disciplina é a formação da pessoa integral, porque a dimensão física e social só está completa quando lhe juntamos a dimensão do transcendente, o que levou Emmanuel Mounier a dizer: “A realidade pessoa implica uma transcendência íntima [...] Eu sou mais que a minha vida.”¹⁷³

Se retornarmos ao processo da criação do ser humano, em que só se torna verdadeiramente humano quando se diferencia da natureza e entra em relação com outras pessoas, diríamos que

¹⁷² JUAN FRANCISCO GARCIA AMBROSIO, *Identidade e finalidades de EMRC*, apontamentos disponibilizados aos alunos em “Didática específica de EMRC”, UCP, 2014, 42.

¹⁷³ EMMANUEL MOUNIER, *O Personalismo*, 122.

o auge da evolução vital é a capacidade existencial de relação com a transcendência, que é o substrato da vida com sentido.

Paulatinamente os alunos vão aprofundando a categoria da pessoa como ser em relação e, conforme a faixa etária, vão-se desenvolvendo competências que ajudam o aluno a adquirir uma consciência crítica perante este ambiente sócio-cultural e o transformem.

A noção de pessoa é transversal ao programa de EMRC, fazendo parte do seu ADN, porque está presente em todos os anos de escolaridade, é aprofundada em espiral e até ao fim do itinerário académico. A pessoa e a sua ação porque eminentemente em relação.

Apesar da permanente presença da categoria de pessoa ao longo da distribuição das metas, vamos tentar perceber se o programa está estruturado a partir de princípios ou apenas em valores? Será que a própria dignidade humana é o principal e primeiro dos princípios? E os restantes princípios estarão explícitos?

4.3. Dignidade humana - de valor a princípio. Reflexão sobre o princípio da dignidade humana como trave mestra do programa de EMRC

O programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica encontra-se estruturado em “Finalidades, Domínios e Metas”¹⁷⁴ que são posteriormente operacionalizados em Unidades Letivas, distribuídas pelos doze anos de escolaridade. Trata-se de um itinerário proposto que tem como finalidade contribuir significativamente para a formação global dos alunos. Contudo, ao fazer uma observação atenta pela distribuição das metas ao longo do percurso escolar, rapidamente nos apercebemos de que, apesar da categoria da pessoa ser transversal a todo o programa, trata-se de um programa alicerçado em valores e não em princípios. A dignidade ontológica da vida humana, a liberdade, o bem comum nunca são mencionados, muito menos desenvolvidos, como princípios.

¹⁷⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 16-17.

Só a título de exemplo, podemos interrogar-nos por que é que a dignidade da pessoa humana aparece apenas na meta Q: *Reconhecer, à luz da mensagem cristã, a dignidade da pessoa humana*, que coincide com a última meta, do último domínio que é apresentada? Até porque na distribuição das metas já vimos que a dignidade da pessoa humana vai sendo proposta nos diferentes níveis etários e é objeto de reflexão oportuna nos respetivos conteúdos, porém como valor, nunca como princípio. O cerne da questão é se, em vez de ser apresentada como valor, a dignidade da vida humana não deveria surgir como um princípio, sobre o qual se fundamentava a reflexão sobre todas as dimensões da vida humana? Será que nos sentimos confortáveis nas fronteiras dos valores e nem damos conta de que entramos na mesma confusão que se vem historicamente fazendo entre princípios e valores?

Os princípios deveriam tornar-se gonzos que articulariam todos os conteúdos do programa. Trata-se de enraizar os valores nos princípios, o que altera completamente o ponto de partida da visão do programa e assim a disciplina poderá contribuir com uma outra eficácia na transformação da civilização do individualismo, conforme esclarece Américo Pereira:

“[...] há uma diferença abissal entre uma coisa e a outra. O princípio é absolutamente objetivo, dispensando mesmo, em termos teóricos, um sujeito que o pense. [...] O valor, por sua vez, depende sempre de um qualquer avaliador. Sem este avaliador e o seu ato de avaliação, um valor não pode ser um «valor». Será outra coisa qualquer, mas um «valor» não é. Ora, sem que se recorra à absoluta objetividade do princípio, quando se avalia seja o que for, não há como proceder a tal ato de forma que não seja submetido ao arbítrio do avaliador. [...]

Não admira que a nossa dita civilização esteja no estado caótico em que efetivamente está, insistindo em ser fundada sobre valores. É o preço a pagar por se ter prescindido da objetividade dos princípios e se ter optado pela subjetividade inultrapassável dos valores.”¹⁷⁵

O autor faz um diagnóstico forte, mas realista, sobre o caos cultural em que nos encontramos, porque arquivámos os princípios e edificámos uma civilização sobre os valores. Abandonamos a solidez da rocha e construímos sobre a areia, esquecendo o conselho

¹⁷⁵ AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Princípios e valores – Vida e morte de uma civilização*, http://www.snpcultura.org/principios_e_valores_vida_e_morte_de_uma_civilizacao.html, acesso a 29.05.2017.

evangélico. E bem podemos dizer que valores, cada um tem os seus, tal é a sua subjetividade que se assemelham à movediça areia. Os princípios, como a rocha, firmes, são evidentes por serem objetivos e universais. Já os valores são subjetivos e estão nos alicerces de uma cultura que temos vindo a chamar de individualista.

Vamos tentar desvendar o fundamento deste desmoronamento dos princípios para compreendermos como é que o individualismo foi grassando e se impôs com tal força que é uma das características principais da atual civilização e perguntamos a quem sabe:

“O princípio é, simbolicamente um eixo vertical, que liga Terra e Céu, vida segundo a matéria, vida segundo o espírito. Sem terra e sem céu, não há como colocar o eixo. Os princípios são eixos que se referem a um sentido transcendental de humanidade, que transcende a situação espacial e cronológica, revelando-se como *universais e necessários* para que a humanidade se afirme como algo digno de sua própria possibilidade. E é nesta relação ontológica entre o que a humanidade é de facto e a sua possibilidade própria que se joga o sentido do princípio e, com ele, o sentido da humanidade. Neste universo então o valor é compreendido como o absoluto do possível posto ao dispor da pessoa.”¹⁷⁶

Américo Pereira apresenta este excerto numa reflexão sobre “Os valores matriciais do Ocidente” em que recuando à Grécia Antiga diz-nos que “o ser humano era entendido como ser misto entre uma dimensão terrena e uma dimensão pró-celeste, pré-celeste, também inalienável. Sem uma ou a outra, sobre a Mãe Terra, não há seres humanos. A redução de uma ou de outra dimensão, sobre a terra anula a humanidade.”¹⁷⁷

A modernidade ao querer dizer ao ser humano que o Céu não existia iniciou um processo de destruição da própria humanidade. O resultado é a realidade que nos envolve, daí a importância fundamental de recuperar os princípios para atualizar os valores. Deus, a transcendência existe, o Céu está lá, urge recolocar os eixos para que o terramoto não destrua completamente a humanidade.

¹⁷⁶ AMÉRICO JOSÉ PINHEIRA PEREIRA, *Ética e Teologia*, 116-117.

¹⁷⁷ *Ibidem*, 117.

É imprescindível a EMRC propor este raciocínio aos alunos, explicando-lhes as raízes do individualismo para que não continue a alimentar as suas frondosas árvores. Urge iniciar a rota da mudança dos valores para os princípios, que transcendem geografias e cronologias, para que possamos oferecer aos nossos alunos um contributo mais significativo na transformação da cultura do individualismo.

O programa da Educação Moral e Religiosa Católica, apesar de poder dirigir-se a alunos de todos os credos e àqueles que não têm qualquer credo, é portador de um substrato muito bem fundamentado porque se enraíza numa tradição secular: a Doutrina Social da Igreja. Ora, esta reflexão do Magistério, define como primeiro “princípio a dignidade da pessoa humana, no qual todos os demais princípios ou conteúdos da mesma doutrina têm fundamento: do bem comum, da subsidiariedade e da solidariedade.”¹⁷⁸

O pilar da dignidade humana é o alicerce destes princípios que apresentam um carácter geral e a partir deles deveriam emanar os critérios de orientação e ordenação da vida em comunidade, porque vida em relação. A igualdade em dignidade de todas as pessoas, de qualquer vida humana é a fonte de onde brotam todos os outros princípios:

“Deus não faz distinção de pessoas (Act 10, 34; cf Rm 2, 11; Gl 2, 6; Ef 6, 9), pois todos os homens têm a mesma dignidade. A Encarnação do Filho de Deus manifesta a igualdade de todas as pessoas quanto à dignidade: “Não há judeu nem grego; não há servo nem livre, não há homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus.” (Gl 3,28; cf Rm 10, 12; 1 Cor 12, 13; Cl, 3, 11).

Uma vez que no rosto de cada homem resplandece algo da glória de Deus, a dignidade de cada homem diante de Deus é o fundamento da dignidade do homem perante os outros homens. Este é o fundamento último da radical igualdade e fraternidade entre os homens independentemente da sua raça, nação, sexo, origem, cultura, classe.”¹⁷⁹

O programa de Educação Moral e Religiosa Católica centrado no princípio da dignidade humana proporcionaria que fosse salientado, antes de tudo, o serviço à pessoa humana, já o é como valor, é só pô-lo mesmo no alicerce de toda a construção como princípio, a promoção

¹⁷⁸ CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 160.

¹⁷⁹ *Ibidem*, 144.

da dignidade ontológica de toda e qualquer pessoa, a afirmação do direito inviolável à vida, desde a concepção até à morte natural, primeiro entre todos os direitos da pessoa e a condição primeira para afirmar todos os outros princípios.

A partir deste princípio primordial emanam os outros princípios e, como acrescenta o *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, os valores têm o seu espaço numa relação de reciprocidade, porque pressupõem a vivência dos princípios:

“A doutrina social da Igreja, além dos princípios que devem presidir à edificação de uma sociedade digna do homem, indica também valores fundamentais. A relação entre princípios e valores é indubitavelmente de reciprocidade [...] Os valores requerem, portanto, quer a prática dos princípios fundamentais da vida social, quer o exercício pessoal das virtudes e, conseqüentemente, das atitudes morais correspondentes aos próprios valores.”¹⁸⁰

Numa cultura não apenas individualista, mas “cultura de morte”, em que a morte é permitida por leis anti-vida, anti-dignidade humana, é fundamental que saibamos preconizar uma “cultura da vida”, para que possamos:

“construir a civilização do amor. [...] Este amor pode ser chamado caridade social ou [...] amor social encontra-se nos antípodas do egoísmo e do individualismo. [...] Para tornar a sociedade mais humana, mais digna da pessoa, é necessário revalorizar o amor na vida social, fazendo dele a norma constante e suprema do agir.”¹⁸¹

Só ancorada no amor é possível pensar uma vida em comunidade porque nenhuma pessoa é uma ilha e todos vivemos em relação uns com os outros. Este é o contributo fundamental que a EMRC pode preconizar na construção de uma outra civilização que entre nos eixos.

Na sequência de tentarmos pensar a nossa disciplina, já alicerçada em princípios, apresentamos uma proposta de reorganização da Unidade Letiva 1 – *A Pessoa Humana* do sexto ano.

¹⁸⁰ CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 197.

¹⁸¹ *Ibidem*, 580-582.

4.4. Proposta de reorganização da unidade letiva 1 - *A Pessoa Humana* do 6º ano, a partir da experiência da PES

A Educação Moral e Religiosa Católica tem como grande finalidade “a formação global do aluno, que permita o reconhecimento da sua identidade e, progressivamente, a construção de um projeto pessoal de vida.”¹⁸² É nesta perspetiva que a disciplina, alicerçada nos grandes princípios que a justificam, se insere no currículo escolar dos alunos oferecendo-lhes um Programa específico com as suas “Finalidades, Domínios de aprendizagem” e “Metas Curriculares”. Tem havido um esforço generoso de uma grande equipa de docentes que atualizam o programa e os manuais, de modo a que a disciplina se enquadre adequadamente no sistema educativo português.

Parece-nos evidente que cada docente, ao operacionalizar os conteúdos de cada uma das Unidades Letivas, faça uma leitura pessoal do programa e planifique as suas aulas conforme entenda ser o melhor para cada turma de alunos concreta. Acontece que muitas vezes na mesma escola, com alunos dos mesmos anos, o mesmo professor leciona exatamente os mesmos conteúdos, com estratégias diferenciadas, porque o que resulta muito bem numa turma, já não terá a mesma eficácia noutra turma se as estratégias não forem diferenciadas.

Neste exercício pessoal de concretização e planificação da Unidade Letiva 1, *A Pessoa Humana*, apercebemo-nos de que os conteúdos poderiam ser estruturados de um modo diferente e é nesta linha que sugerimos a sua reorganização.

Vivemos numa cultura fortemente marcada pelo individualismo e, conseqüentemente, começaríamos por sugerir uma pequena, mas significativa alteração no título: em vez de *A Pessoa Humana* seria: *A Pessoa, um ser em relação*. Como gonzo central das metas e objetivos seria o princípio da dignidade humana: *a pessoa como ser em relação* não ficaria apenas a ilustrar a Unidade como título, mas seria a seiva que permitiria “dar vida” a todos os conteúdos desta Unidade. A fonte da qual sairiam todos os riachos seria o conceito relacional

¹⁸² SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 4-5.

de pessoa humana e a dimensão espiritual atravessaria todos os restantes conteúdos da Unidade Letiva 1, que passaria a se intitular: *A Pessoa, ser em relação*. A vertente espiritual alicerça a nobreza do serviço peculiar que a EMRC pode ter na educação como proposta.

Sugerimos que, logo no início da Unidade Letiva, seja apresentada uma noção simples de pessoa, como ser em relação. Assim, o ponto de partida altera-se completamente e o princípio que fica na base é uma ontologia da relação, fundada na própria comunhão trinitária. O vocábulo pessoa era explicado como específico da cultura cristã e a dimensão relacional apresentado como estrutural do ser humano.

No contexto muito próprio de EMRC a visão apresentada é fundamentada na tradição judaico-cristã: “criado à imagem e semelhança de Deus” (*Gn 1,26*). É uma definição de pessoa, que já torna claro que o ser humano não se define apenas numa referência ao mundo, mas que é criado num âmbito de singular diferenciação da natureza, em relação com Deus e com os outros: “Ele os criou homem e mulher [...] Não é conveniente que o homem esteja só [...] Esta é, realmente, ossos dos meus ossos e carne da minha carne.” (*Gn 1,1,27. 2, 18.23*).

É desde as origens que o ser humano é criado na relação e para a relação. Esta dimensão relacional do ser humano com o divino transmite a noção clara de que a pessoa não pode realizar-se excluindo Deus do seu projeto de vida. A noção de pessoa como ser em relação, seria bem sistematizada, como estruturante para a identidade da pessoa.

A partir deste fundamento seriam então lecionados os restantes conteúdos de acordo com a nova reorganização. A meta B: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa*, seria a primeira meta, mas era seguida pela meta E: *Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo*, em que nesta Unidade é lecionada com um objetivo único: “Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter da relação de Deus com cada ser humano”. Deste objetivo brotaria o seguinte conteúdo: “Deus estabelece com todos uma relação pessoal.” Esta universalidade da iniciativa de Deus, que se relaciona com todos, deve ficar clara, para que os alunos percebam que Deus está sempre disponível para o ser humano. Não

reside aqui o fundamento da dimensão relacional/transcendental do ser humano? Então por que não a estruturar de seguida? A proposta atual apresenta as dimensões, depois os valores, meta G, seguida da meta I e então voltamos à meta E. A nossa proposta é que seja encadeada a dimensão espiritual/transcendental com a dimensão relacional e de seguida a materialização das restantes dimensões: dimensão afetiva-sexual, racional e volitiva.

A partir daqui, introduziam-se as características da pessoa, previstas na meta G: *Identificar os valores evangélicos*. Nesta reestruturação das metas fundamentamo-nos em Joaquim Teixeira quando diz que “É a dignidade ontológica que fundamenta a dignidade axiológica”¹⁸³. No contexto da reflexão sobre esta Unidade Letiva, esta afirmação tem de ser salientada de modo a que ajude o aluno a percorrer um caminho de autenticidade, porque na organização atual fala da pessoa autêntica, sem remeter para o porquê do ser pessoa ser sinónimo de ser autêntica.

Só no final da Unidade Letiva é que apresentaria que o ser pessoa implica cumprir deveres e respeitar direitos. Entraria aqui o compromisso na construção de uma comunidade mais justa e mais fraterna, expressos na meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo*.¹⁸⁴ Esta meta permite-nos desafiar os alunos a investigar biografias de pessoas que vivem ou viveram este compromisso e contribuíram para deixar o mundo melhor do que o encontraram.

Sabemos como os alunos procuram ídolos e como estes podem influenciar as suas vidas, porque não apresentar-lhes vidas concretas com sentido? Por outro lado, vivemos numa época em que “a secularização da cultura fez desaparecer, quase por completo, romances, filmes, emissões de televisão ou peças de teatro das figuras críveis de crentes?”¹⁸⁵ Seria uma oportunidade para tomar conhecimento dessas vidas e poderíamos dar atenção aos patronos das Escolas e das localidades dos alunos, assim como à religiosidade popular, dado que o seu

¹⁸³ JOAQUIM DE SOUSA TEIXEIRA, “Pessoa”, *Logos, Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*, 117.

¹⁸⁴ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, 64-65.

¹⁸⁵ PAUL ANDRÉ GIGUÈRE, “Trabalho autobiográfico e novo nascimento”, in Philippe Bacq e Christoph Theobald, *Dir de, Uma Nova Oportunidade para o Evangelho*, Paulinas Editora, Lisboa, 2004, 232.

fundamento é desconhecido, devido à “iliteracia” atual dos jovens, incultura religiosa, ou, como defende Alfredo Teixeira:

«O que, com facilidade, designamos de incultura nas jovens gerações é uma outra cultura, que se pode definir como cultura da extensão. Dá prioridade ao espaço em detrimento do tempo, do imediato em detrimento da duração, aproveitando isso da maior parte das inovações tecnológicas (sampling e zapping, culto do directo e imediato, montagem instantânea e viagens ultrarápidas). Alargamento vertiginoso dos horizontes e retracção drástica das cronologias. Contracção planetária e pulverização do calendário. A deslocalização é tão rápida quanto a des-historicização». Seguindo este quadro de ideias, o acesso educativo a uma cultura religiosa pode ser visto como uma forma de «historicização» da experiência do mundo (sobretudo, através de dois recursos fundamentais: a narrativa e a genealogia).¹⁸⁶

O autor deste excerto intitula aquilo que nós chamamos de incultura dos jovens de “cultura da extensão”. O acesso rápido que os jovens têm à informação fá-los viajar no espaço e a história é algo que para eles não faz qualquer sentido. Os jovens preferem a geografia em detrimento da história. Se o jovem ignora a cronologia, como irá perceber *kairologia*? Aliás, este espaço é, muitas vezes, virtual, porque os jovens viajam sem sair, muitas vezes do seu *habitat* natural, basta-lhe o acesso a um simples meio de comunicação. É uma das características da globalização atual e que os jovens facilmente aderem sem a preocupação de filtrar essa informação. Uma outra característica é a imagem em detrimento do texto, sabemos que essa imagem é muitas vezes fragmentada e que o jovem, muitas vezes não sabe como construir o mosaico. Trata-se um pouco da crise de narrativa¹⁸⁷ que já ninguém conta aos jovens, a fim de os inserir como protagonistas dessa história, que dê sentido aos seus dias.

Contudo, apesar dos jovens se inserirem nesta cultura da informação globalizada, isso não impede que se os inicie na compreensão da pluralidade das vivências religiosas, na aquisição de um espírito crítico e na possibilidade desse conhecimento aproximar os jovens dessa experiência religiosa.

¹⁸⁶ ALFREDO TEIXEIRA, “A cultura na escola”, *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 54.

¹⁸⁷ Cf - Neil Postman e a crise da educação é sobretudo uma crise de narrativa in *O Fim da Educação - Redefinindo o Valor da Escola*.

É o Papa Francisco quem nos incentiva a fazê-lo: “O processo de secularização [...] com a negação de toda a transcendência [...] provoca uma desorientação generalizada, especialmente na fase tão vulnerável às mudanças da adolescência e da juventude.”¹⁸⁸ A disciplina de EMRC tem como missão prestar esta colaboração no processo da educação. O alerta do Papa é um desafio para que EMRC, oportunamente, possa ir fornecendo chaves de leitura das tradições, usos e costumes que estão presentes, ainda que de modo difuso, na vida dos nossos alunos e assim possam desenvolver as competências do conhecimento que lhe abra a porta de acesso à transcendência.

No caso da Escola onde concretizamos a Prática de Ensino Supervisionada, cujo patrono é Santo António, é a vida deste Santo que ilustra os diferentes espaços exteriores da Escola, assim como alguma geografia interior. Santo António é a referência para o feriado municipal, que habitualmente é festejado na Escola, e tornou-se inspiração para a *password* de acesso à sua página *web*. É uma oportunidade para fornecer aos alunos as chaves de leitura destas vidas.

Certamente cada aluno encontrará ainda outras vidas que dão nome e concedem inspiração para localidades geográficas e obras sociais e conforme já referimos na primeira parte deste trabalho eles aderem com entusiasmo a estas iniciativas. São propostas de paradigmas de vidas a que podemos lançar ainda a provocação: e eu? Que sentido estou a assegurar à minha vida? Que autobiografia estou a construir? Quais são os princípios que me inspiram? O livro ainda está quase totalmente em branco, compete a cada um escrevê-lo com sentido, e a disciplina de EMRC pretende contribuir para que seja escrito bem alicerçado numa vida em relação consigo próprio, com Deus, com os outros e com o mundo. Esta reorganização pretenderia ainda colocar cada conteúdo num lugar que facilite a lecionação da Unidade numa narrativa corrente conforme já apresentámos na primeira parte deste trabalho. Porque não conferir este eixo de proposta de reorganização a todo o sexto ano, do programa de EMRC? É o que vamos sugerir em seguida.

¹⁸⁸ EG, 63.

4.5. Sugestão de reestruturação do programa de EMRC do 6º ano

Neste contexto de ir construindo com os alunos uma narrativa com sentido, em que cada peça se encaixa no seu devido lugar, propomos ainda uma outra estrutura para as três Unidades Letivas do sexto ano de escolaridade. A primeira ficaria exatamente onde se encontra, com as alterações que já sugerimos: *A Pessoa, um ser em relação*.

Na continuidade desta Unidade lecionada a partir da perspectiva da relação, viria a Unidade Letiva 3 – *A Partilha do Pão*¹⁸⁹, ficando a questão de se poderia ou não assumir um outro título. Por exemplo, *Ser pão partilhado*, de modo a realçar que mais importante que dar pão é ser pão e viria no seguimento da pessoa como ser em relação.

E a Unidade Letiva 2- *Jesus, um Homem para os outros*¹⁹⁰, trocava de posição e passava para Unidade Letiva 3, com uma ligeira alteração no título – *Jesus, uma Pessoa para os outros*. Jesus era assim apresentado aos alunos como o paradigma de uma Pessoa em relação, que é pão partilhado. Ele próprio tornou-Se pão que deu a vida e dá Vida¹⁹¹. Nesta Unidade Letiva sobre Jesus, como os conteúdos estão organizados seguindo a ordem cronológica da Sua vida histórica, manter-se-iam como estão.

A estratégia é ir construindo uma narrativa com os alunos a partir do ser-se pessoa, que se dá, sendo pão partilhado e terminando com a figura de Jesus. É uma proposta de um itinerário que nos parece conferir uma melhor direção ao programa de EMRC do sexto ano.

As páginas que se seguem apresentam um projeto prático em que se tenta aliar o dizer pessoa ao ser pessoa, onde se treina a gratuidade nos pequenos gestos, na prática do bem, que tenha como fim o bem comum.

¹⁸⁹ SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Estou contigo! Manual do 6º ano – Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2015, 81.

¹⁹⁰ *Ibidem*, 49.

¹⁹¹ Cf. *Jo* 6,35. *Mt*,26,26.

CAPÍTULO 5. PROJETO PRÁTICO

5.1. Projeto lig@-te aos outros

A reflexão sobre a pessoa como ser em relação ficaria no plano meramente teórico se, no contexto da EMRC, não tentássemos implementar estratégias que articulem a reflexão com a prática do bem, em prol das outras pessoas, isto é, na procura do bem comum.

É nesta linha que apresentamos um projeto, para concretizar com os alunos, que tem como objetivo principal articular a teoria da temática: “a pessoa, ser em relação”, com a prática, concretizada em algumas atividades que têm como finalidade promover a relação mútua entre os alunos e dos alunos com as outras pessoas. O projeto está previsto para ser concretizado ao longo do ano letivo, paralelamente à lecionação, e envolva as metas e os conteúdos do sexto ano de EMRC que estejam mais direcionados para a inter-relação.

Assim, ao tema do Manual do Aluno: *Eu estou contigo*, corresponderá o tema do projeto *lig@-te aos outros*. Esta espécie de *slogan*, que dá nome ao projeto, é inspirado na primeira parte deste trabalho, quando nos informamos acerca de como os alunos da turma da PES, gostavam de passar os seus tempos livres, e à exceção de um aluno, todos os restantes escreveram que gostariam de os passar ligados ao mundo virtual. É uma espécie de desafio incentivar a que os alunos, se liguem, se relacionem também com as pessoas.

O projeto seria lançado logo no início do ano, primeira semana de outubro. Depende do contexto, se houver poucos alunos inscritos em EMRC, faz-se um encontro com todos, se forem muitos convoca-se uma representação de cada turma. A reunião terá o seu início com uma atividade simples: a teia da solidariedade, em que um novelo de fio é entregue a um aluno e esse aluno vai entregá-lo à pessoa que menos conhece no grupo, ficando com a ponta do fio, entrevista esse/a colega a fim de o/a conhecer melhor. O que acabou de ser entrevistado, repete o exercício, entrega o novelo, mas segura a parte seguinte do fio à do colega que lhe entregou, e assim sucessivamente, até que todas as pessoas presentes se conheçam um pouco melhor. Esta atividade só terá sentido se as pessoas presentes não se

conhecerem, se elas se conhecerem, desenvolve-se uma outra atividade, por exemplo um aluno apresenta o colega, destacando as qualidades relacionais dessa pessoa.

Quando este primeiro exercício terminar é projetado o vídeo sobre a parábola do Samaritano (Lc 10, 30-37), que funcionará como texto fundamento do projeto: quem é o meu próximo? O próximo de cada um é o que queremos tentar descobrir com algumas atividades que iremos desenvolver. De seguida, é apresentado o projeto ao grupo, neste trabalho, um pouco adiante, daremos uma explicação mais completa do mesmo.

A ação seguinte é proposto a cada um dos alunos o partir de si e ir à descoberta do outro, que será o seu próximo, com quem irá partilhar o que é. A atividade concreta que vamos realizar é uma visita às pessoas que passam por dificuldades, seja pela idade, seja por doença, seja ainda porque vivem sozinhas. Será uma visita que servirá sobretudo para percebermos a realidade do meio geográfico/social próximo dos alunos e a partir desta atividade poderemos desenvolver outras ações que serão decididas com os alunos, convidaremos outros a se juntarem a nós, estabelecendo parcerias. O objetivo é envolver os alunos do sexto ano como protagonistas, mas vamos alargando a participação a quem quiser juntar-se a nós. Este primeiro encontro será encerrado, com a calendarização da próxima reunião, após o que escutaremos o hino do projeto: “Se eu penso em mim tu ficas só, se eu penso em ti seremos nós...”, cântico inspirado na Parábola do Samaritano.

A estratégia do projeto é introduzir um movimento de partilha e aqui são apenas apresentadas as atividades principais: uma para cada Unidade Letiva, iniciadas no início de cada período letivo. A partir de cada uma destas ações serão projetadas e concretizadas outras atividades, sugeridas pelos alunos, como resposta à prospeção que é feita.

O projeto é pensado para os alunos do sexto ano da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica, tendo presente a faixa etária em que se encontram, que é caracterizada fundamentalmente pela ação. “Que vamos fazer?” é a pergunta que se ouve na quase totalidade das aulas. Ao aliar-se esta atitude às respostas dadas pelos alunos no formulário

inicial, que tinha como finalidade conhecer um pouco melhor cada um deles e a sua grande ligação com o mundo virtual, queremos “ligá-los” também às pessoas.

Queremos ainda ir um pouco mais longe e aproveitando essa vontade de ação vamos propor que cada aluno procure a sua autorrealização como pessoa humana, agindo para a humanização de si e dos outros. Neste contexto, quando “falamos de atividade, referimo-nos ao agir na procura do bem comum, e iniciar também os alunos numa noção de trabalho que tem como finalidade a construção de um futuro melhor.”¹⁹² Esse futuro depende, em parte, de cada um de nós. Para alargar a possibilidade de concretizar este bem comum no desenvolvimento do projeto vão-se constituindo parcerias: interdisciplinaridade; pais e outros encarregados de educação, restante comunidade educativa, pessoas e entidades que iremos associando, conforme a oportunidade e o objetivo pretendido com cada atividade concreta.

Uma outra vertente presente neste projeto é a de iniciar os alunos na noção de bem comum, pois o bem comum é um dos princípios da Doutrina Social da Igreja e “a pessoa não pode encontrar plena realização em si mesma, prescindindo do seu ser “com” e “pelos” outros”¹⁹³, pretendemos fazer compreender aos alunos que cada um de nós é responsável pela concretização deste bem comum na comunidade onde estamos inseridos, na medida em que procuramos contribuir para a transformação das condições de vida menos dignas de algumas das pessoas que nos rodeiam. Se o bem não for de todos não se trata do bem comum.

Ao longo do desenvolvimento do projeto pretendemos acentuar o carácter relacional da pessoa na concretização do bem comum e, assim, vamos tentando enriquecer o processo de ensino/aprendizagem, completando o trabalho da sala de aula, relacionando a teoria com a prática e simultaneamente inculcando o gosto pelo envolvimento dos alunos em projetos sociais, que têm como finalidade transformar a realidade concreta das pessoas. Trata-se do substrato evangélico que o Papa Francisco chama “suave e reconfortante alegria de evangelizar”,¹⁹⁴ e que se traduz em gestos concretos.

¹⁹² MIGUEL YAÑEZ, S. J., “O agir moral como construção do futuro do homem,” in Sergio Bastaniel, Coord. de, *Entre possibilidades e limites*, tradução de Artur Mourão, Editorial Cáritas, Lisboa, 2013, 231.

¹⁹³ CONSELHO PONTIFÍCIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 164-165.

¹⁹⁴ *EG*, 10.

Poderá ser também uma oportunidade de conceder alguma visibilidade a EMRC, sobretudo em escolas onde a percentagem de alunos que se inscrevem na disciplina é baixa, porém, é fundamentalmente um projeto que se insere na promoção do conceito de pessoa como ser em relação. Através da concretização desta ação procuraremos ajudar os alunos a perceber que:

“Toda a ação humana gera consequências a diversos níveis de relações: interpessoais, de grupo, sociais. O agir humano desenrola-se em pleno tecido das relações interpessoais e é tendencialmente construtor de uma trama relacional capaz de favorecer relações de reciprocidade e acolhimento.”¹⁹⁵

Esta será a conclusão objetiva de uma possível contribuição de cada ser humano na transformação da sociedade em que nos inserimos e da consequente construção de um mundo mais justo e mais fraterno. Pretendemos que os nossos alunos percebam que pequenos gestos podem desencadear grandes transformações e que, se cada um fizer a sua parte podemos deixar o mundo melhor do que o encontramos. No alicerce específico da disciplina de EMRC e no âmago das suas finalidades, sabemos que:

“Ao descobrir-se amado por Deus, o homem compreende a própria dignidade transcendente, aprende a sair de si e a encontrar o outro, numa rede de relações cada vez mais autenticamente humanas. Feitos novos pelo amor de Deus, os homens são capacitados a transformar as regras e a qualidade das relações, inclusive as estruturas sociais: são pessoas capazes de levar a paz onde há conflitos, de construir e cultivar relações fraternas onde há ódio, de buscar a justiça onde prevalece a exploração do Homem pelo Homem. Somente o amor é capaz de transformar de modo radical as relações que os seres humanos têm entre si. Inserido nesta perspetiva, todo o Homem de boa vontade pode entrever os vastos horizontes da justiça e do progresso humano na verdade e no bem”¹⁹⁶.

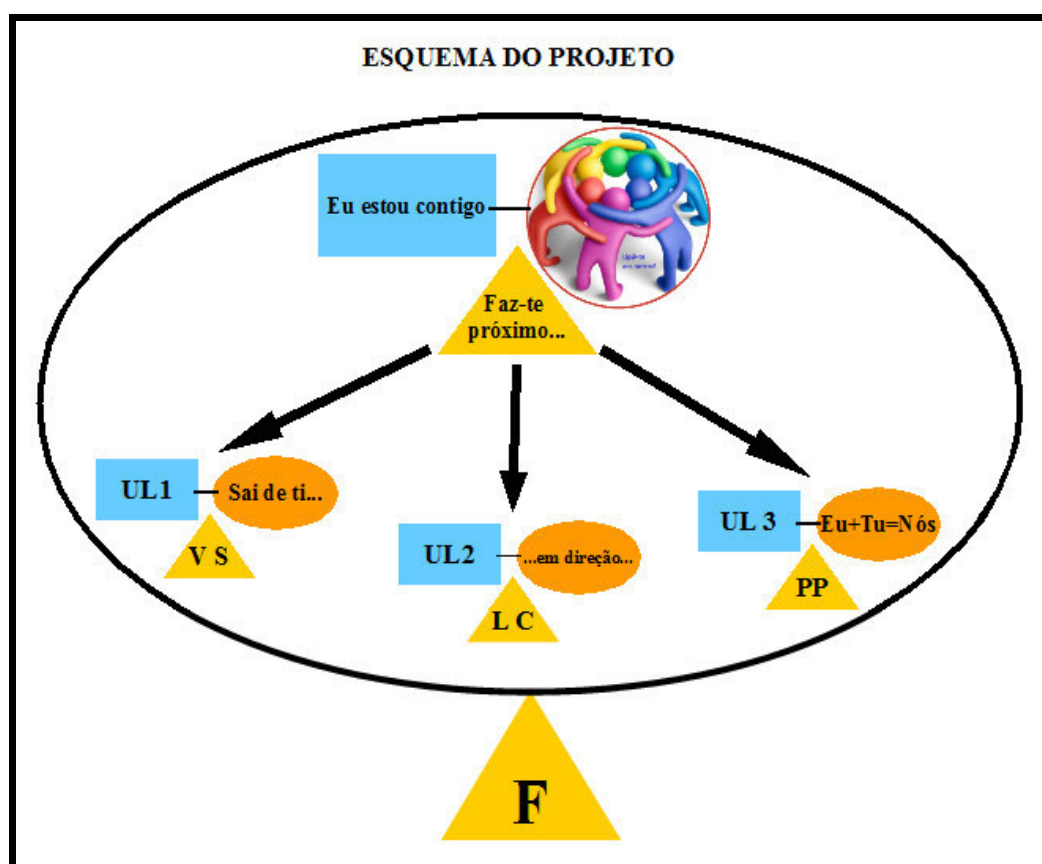
O projeto pretende transmitir a mensagem de que o amor de Deus é manifestado em gestos concretos e será concluído com uma atividade no final do ano letivo que terá como objetivo festejar toda a experiência vivida, de forma partilhada com todos os seus intervenientes. A sua

¹⁹⁵ MIGUEL YAÑEZ, S. J., “O agir moral como construção do futuro do homem,” 241.




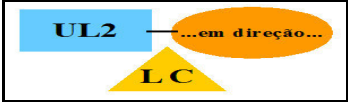


¹⁹⁶ CONSELHO PONTIFÍCIO JUSTIÇA E PAZ, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, 4.

avaliação terá como base um questionário a ser respondido posteriormente, que dará não só uma visão de tudo o que foi vivido, mas igualmente uma possível projeção de continuidade.

5.2. Esquema do projeto



Este esquema será explicado na tabela seguinte.

Esquema do projeto lig@-te aos outros	Explicação do esquema
	<p><i>Eu estou contigo</i> é o título do Manual do Aluno. O desenho à direita é o logótipo com o tema do projeto: lig@-te aos outros.</p>
	<p>Faz-te próximo é o nome atribuído à atividade de lançamento deste projeto.</p>
	<p>UL1- Unidade Letiva 1 - A Pessoa Humana. Sai de ti – início da concretização do projeto numa atividade que é: VS – Visita a seniores/Lar/Centro de Dia/Pessoas que os alunos conheçam da sua geografia que vivem sozinhas (daqui começam a surgir outras atividades sugeridas pelos alunos)</p>
	<p>UL2 - Jesus, um homem para os outros ... em direção aos outros – continuação da atividade com um LC – levantamento de campo/prospeção das necessidades que existem no espaço cívico em redor dos alunos.</p>
	<p>UL 3 – Unidade Letiva 3 - A Partilha do Pão Eu+Tu=Nós – Saí de mim... em direção aos outros... concretizei a partilha de mim para sermos nós. PP – Peddy-Papper que terminará com a partilha do que fomos angariando ao longo do ano, na tenda da solidariedade.</p>
	<p>F – Festejar/Celebrar/Avaliar/Projetar</p>

5.3. Grelha das planificações das atividades propostas

PLANIFICAÇÃO/CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO – LIG@-TE AOS OUTROS						
Objetivo do projeto	Responsáveis	Calendarização	Parcerias	Atividades	Recursos materiais	Avaliação
*Promover a relação mútua inter-alunos e destes às outras pessoas: “eu sou pessoa, um ser em relação”.	Docente da EMRC e alunos do 6º ano, inscritos na disciplina.	Início: 1ª semana de outubro Fim: última semana de maio.	interdisciplinaridade com EVT; EM e outras que queiram aderir. Pais e outros Encarregados de educação; Comunidade educativa; Entidades.	As que estão descritas no esquema e as que vão sendo sugeridas pelos alunos.	Os necessários para cada atividade.	- No final de cada atividade; - No final do Projeto: questionário individual/coletivo que abranja os conteúdos trabalhados ao longo do ano.

LIG@-TE AOS OUTROS – “Faz-te próximo...” - atividade de lançamento do projeto						
Objetivos	Responsáveis	Calendarização	Parceria	Atividades	Recursos materiais	Avaliação
*Promover a proximidade *Incentivar a inter-relação	Docente da EMRC e alunos do 6º ano-uma turma/todos/ representação... dependendo do contexto.	1ª semana de outubro		1- Construção da teia da amizade. O novelo é entregue a quem menos conheço e vou entrevistar essa pessoa e assim sucessivamente. 2- Projeção do vídeo da parábola do Samaritano... 3- Lançamento do projeto “Lig@-te aos outros.” 4 – Encerramento da atividade com o Hino do Projeto.	Novelo; Vídeo; Esquema do projeto; Hino.	Observação por parte do professor: - Nível de adesão - Abertura ao outro - Abertura a mim próprio

LIG@-TE AOS OUTROS – Sai de ti...						
Objetivo	Responsáveis	Calendarização	Parceria	Atividade	Recursos materiais	Avaliação
*Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	Docente da EMRC e alunos do 6º ano.	2ª semana de outubro	Pais e todas as pessoas que queiram aderir.	Visita a seniores: Lar; Centro de dia; Outras pessoas da localidade.	Cartões feitos em contexto de EVT. Canção aprendida em EM.	Questionário direcionado à pessoa que eu sou e à pessoa que quero ser quando chegar à idade das pessoas que visitei. Impacto. Se visitei: - pessoas tristes; - pessoas que vivem sozinhas... - ... não posso ficar indiferente... - como vou ser próximo? Como vou sair de mim? Atividades para angariação de fundos sugeridas, exemplo montar uma tenda da solidariedade.

LIG@-TE AOS OUTROS – ... em direção aos outros...						
Objetivos	Responsáveis	Calendarização	Parceria	Atividade	Recursos materiais	Avaliação
*Mobilizar a vontade de ação dos alunos para os comportamentos concretos nas situações do quotidiano.	Docente da EMRC e alunos do 6º ano.	2ª semana de janeiro	Pais e todas as pessoas que queiram aderir.	Levantamento de campo/ diagnóstico das necessidades in loco por zonas geográficas.	Notebook	Perante o que constatamos o que vamos fazer? Contactar entidades que queiram colaborar connosco? Quem? O quê? Como? Quando?

LIG@-TE AOS OUTROS – EU+TU=NÓS...						
Objetivo	Responsáveis	Calendarização	Parceria	Atividades	Recursos materiais	Avaliação
*Promover o bem comum, o cuidado do outro e incentivar uma atitude de voluntariado	Docente da EMRC e alunos do 6º ano.	2ª semana do 3º período	Pais e todas as pessoas que queiram aderir.	PeddyPaper direcionado ao aluno a fim de avaliar o itinerário percorrido em direção ao outro. Partilha.	Dependente da dinâmica da atividade	Escutar o sentir dos alunos relativamente à experiência pessoal do peddy-papper e a partir daí, juntos, criar uma linha de trabalho para o período letivo.

LIG@-TE AOS OUTROS – ...NÓS VAMOS FAZER FESTA						
Objetivo	Responsáveis	Calendarização	Público alvo	Atividade	Recursos materiais	Avaliação
*Festejar	Docente da EMRC e alunos do 6º ano.	1ª semana de junho	Todos os envolvidos no projeto ao longo do ano.	Festa	A definir	Uma reportagem filmada <i>in loco</i> com entrevistas feitas durante a atividade.

As tabelas sintetizam a planificação de apenas uma das atividades para cada Unidade Letiva, ação que se desenvolverá paralelamente à lecionação. No lançamento do projeto o título e o logótipo constituem um desafio ao aluno para fazer-se próximo. Na semana seguinte, é iniciada a lecionação da UL1 – *A Pessoa Humana* e no projeto o convite é dirigido a cada aluno: sai de ti. A ação, visita a pessoas seniores, é pensada tendo como finalidade provocar os alunos e se fosse eu? Que pessoa quero ser quando chegar àquela idade? Como é que quero ser tratado? Como trato estas pessoas? As questões serão adaptadas ao grupo concreto.

Na Unidade Letiva 2, *Jesus, um Homem para os outros*, o projeto desafia os alunos a irem ao encontro dos outros, como Jesus que fez-Se Pessoa para ir ao encontro das pessoas. A atividade tem como finalidade perceber a realidade social no meio onde vivem os alunos, conhecer o *habitat* das pessoas, fazendo um levantamento de campo: que “periferias existenciais”¹⁹⁷? EMRC “em saída”¹⁹⁸ para transformar a realidade.

A Partilha do Pão, título da Unidade Letiva 3, é por si só sugestiva para uma atividade prática, que centra o aluno em si próprio para analisar como se relaciona com os outros. É esta a ideia subjacente ao peddy-papper e que termina com a partilha dos bens, mas sobretudo da experiência que cada um foi vivendo ao longo do ano.

A finalizar o projeto pretende-se reunir todos os envolvidos direta e indiretamente para fazer a festa. Será um momento para reforçar as relações sociais que foram sendo consolidadas, avaliar a pertinência da continuidade do projeto e celebrar. É sobretudo uma tentativa de dizer aos alunos que ser pessoa é ser em relação e que a relação com os outros concretiza-se no nosso agir, nos pequenos gestos de cada um dos nossos dias.

¹⁹⁷ EG, 20.

¹⁹⁸ EG, 20.

CONCLUSÃO

A pessoa humana como um ser em relação permitiu-nos construir um itinerário de investigação que nos ajudou a responder às questões formuladas inicialmente e que muito sinteticamente nos levou a concluir que vivemos numa civilização que é fortemente marcada pelo individualismo. Trata-se de uma das consequências do que é suposto ser um grande evento da história da humanidade, em que se pretendia criar uma nação igualitária, racional, descristianizada, totalmente devotada à transformação do mundo, porque a restante geografia só tinha de imitar esse epicentro, para que a Europa se tornasse numa espécie de pátria das liberdades e dos direitos humanos.¹⁹⁹ O sucesso de grande parte destes ideais contribuiu para um desenvolvimento que trouxe melhores condições de vida para muitos, mas não foi construtor de uma sociedade de iguais, porque ao destruir, paradoxalmente, a fraternidade que existia no Antigo Regime, transformou pessoas em indivíduos, sem Deus e sem os outros, e a subjetividade foi eleita como o substrato da visão do mundo e da construção social.

A preocupação com estas características conduziu-nos a perceber que a EMRC na Escola poderia traçar um paradigma inovador para uma formação humanizadora, em que os nossos alunos possam desenvolver competências que os capacite a olhar o contexto sociocultural que os rodeia, em que sejam capazes de assumir atitudes de pessoas como seres em relação e assim trabalhar para a transformação desta cultura predominantemente individualista.

Os alunos que nos foram confiados para a PES, apesar de inicialmente se descreverem como resultado da civilização em que se inserem, demonstraram entusiasmo, interesse, empenho, alegria, compromisso, nunca desmentidos ao longo do ano, o que os tornou em verdadeiros protagonistas do processo de ensino/aprendizagem, constituindo um enorme desafio para que não defraudássemos as suas expetativas.

¹⁹⁹ Cf - JOSÉ MIGUEL SARDICA, “Messianismo revolucionário e europeísmo francocêntrico: dos Estados gerais a Santa Helena”; in Carlos Morujão e Cláudia Oliveira, coord. De, *A ideia de Europa de Kant a Hegel*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2010, 66.68.

Nos alicerces da atual civilização impera a subjetividade do indivíduo: fomos pedir à filosofia que nos ensinasse a distinguir indivíduo de pessoa. Mounier e Buber foram dois grandes luzeiros a iluminar o caminho, contudo, ainda não completamente esclarecidos, batemos à porta da antropologia para nos completar essa noção relacional de pessoa. Ruiz de la Peña disse-nos que essa é uma competência da teologia. Ficámos em sobressalto e acolhemos a resposta que a teologia nos deu: a pessoa é um tu do Deus criador e é exatamente a partir deste ato criador que dizer pessoa é dizer relação. Relação não é apenas uma noção, é um movimento de aperfeiçoamento do ser humano até que se concretize em si o que já é em possibilidade: *Imago Dei*.

A partir desta dignidade do ser humano, criado à imagem de Deus, era essencial perceber se esta parceria relacional, fonte da ontologia do ser pessoa, poderia tornar-se numa fonte de inspiração para a ética. O mundo seria tão diferente se a relação Deus/humanidade fosse o modelo de relação entre as pessoas, numa sociedade multicultural e com um enorme potencial de autodestruição. Esta pesquisa levou-nos a entender a pessoa, como doação, atitude que situa o ser humano nos antípodas do indivíduo.

Era importante depreender se a noção de pessoa e da dignidade humana estava no cerne do programa de EMRC, bem como é transmitida aos alunos no seu processo de aprendizagem. Concluimos que a categoria é transversal à totalidade do programa e é apresentada gradualmente aos alunos, ligada à ação da pessoa. Contudo, ao abordar esta temática, no programa de EMRC, concluimos que não se encontra no programa como um princípio, “eixo estruturante que liga a terra ao céu.” É a missão primordial da disciplina recuperar o céu e atualizar os princípios para que se restaure a humanidade.

A nossa PES foi concretizada numa turma de alunos do sexto ano, e, tendo em conta que é uma faixa etária que gosta muito de agir/fazer, pensámos que por mais diferenciadas que

fossem as estratégias seria muito mais eficaz realizar com eles uma prática de pessoa como ser em relação, que se concretiza nos pequenos gestos de cada um dos nossos dias.

Os objetivos delineados no início foram alcançados, mas foram surgindo outras questões ao longo do caminho, questões que queremos partilhar:

Como contribuir para recuperar esta ligação à transcendência, presente no ato da criação, de modo a que se possa transmitir aos alunos este horizonte de sentido vital, de modo a que possa reencontrar na atmosfera divina a seiva que revitaliza e orienta o rumo da sua vida?

O programa da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica está alicerçado em valores, subjetivos, mutáveis, ambíguos. Não seria de começar a pensar numa futura renovação do programa, pedindo a colaboração de pessoas com as competências adequadas, num contexto amplo de interdisciplinaridade, enraizado em princípios, por uma questão de dupla fidelidade ao Evangelho e aos nossos alunos?

O cristianismo é detentor de um imenso manancial sobre a noção de pessoa como ser em relação. Não seria possível, numa futura reestruturação da Unidade Letiva intitulada *A Pessoa Humana*, introduzir uma breve noção de pessoa como ser em relação?

Uma última questão, que é mais uma preocupação. Fomos fortemente surpreendidos com o grande interesse que os alunos demonstraram pela disciplina, que contrasta com as estatísticas da inscrição em EMRC. Não sei que tipo de trabalho teria de ser feito de modo a incentivar outros alunos a inscreverem-se e afirmar a EMRC como uma disciplina que dá um contributo importante na formação das pessoas. Qual é o perfil do aluno que se inscreve? Por que é que há alunos que são acólitos, catequizandos e escuteiros que não se inscrevem em EMRC?

A grande conclusão é que não finalizámos o nosso trabalho, porque descobrimos que a pessoa é estruturalmente um ser em relação, o que é, essencialmente, uma questão em aberto e “que só atinge a plena maturidade quando opta por fidelidades que valem mais do que a vida.”²⁰⁰

²⁰⁰ EMMANUEL MOUNIER, *O personalismo*, 99.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

I – Documentos do Magistério:

BENTO XVI, *Carta Encíclica Caritas in Veritate*, in *AAS 101* (2009) 641-730.

FRANCISCO, *Exortação Apostólica Evangelii Gaudium*, in *AAS 105* (2013) 1019-1137.

FRANCISCO, *Mensagem do Papa para a quaresma 2017, A Palavra é um dom. O outro é um dom, 2017*, in pt.radiovaticana.va.

CONFERÊNCIA EPISCOPAL PORTUGUESA, *Carta Pastoral A escola em Portugal – Educação integral da Pessoa Humana*, CEP, Lisboa, 2008.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição pastoral sobre a Igreja no mundo contemporâneo Gaudium et Spes*, in *AAS 58* (1966) 1025-1120.

CONSELHO PONTÍFICIO “JUSTIÇA E PAZ”, *Compêndio da Doutrina Social da Igreja*, Principia, Lisboa, 2005, in http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cfaith/cti_documents.

III - Documentos curriculares:

ODIHR – Office for Democratic Institutions and Human Rights da OSCE – Organização para a Segurança e Cooperação na Europa, *Princípios orientadores de Toledo sobre la enseñanza acerca de religiones y creencias en las escuelas públicas*, OSCE/ODIHR, Varsóvia, 2008.

PROJETO EDUCATIVO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE, aprovado em reunião do Conselho Geral do dia 23 de abril de 2015, in www.aeparede.edu.pt

RELATÓRIO DO AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE/Avaliação externa, in www.aeparede.edu.pt

SECRETARIADO NACIONAL DA EDUCAÇÃO CRISTÃ, *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2014.

_____, *Estou contigo! Manual do 6º ano – Educação Moral e Religiosa Católica*, SNEC, Lisboa, 2015.

III- Monografias

ARENDS, Richard, *Aprender a ensinar*, McGraw-Hill, Madrid, 7ª edição, 2008.

BALTHASAR Hans Urs Von, *Só o amor é digno de fé*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2008.

BUBER, Martin, *EU e Tu*, tradução do alemão, introdução e notas por Newton Aquiles Von Zuber, Editora Moraes, São Paulo, 1974.

CHERKAOUI, Mohamed, *Sociologia da Educação*, Publicações Europa América, s. d..

COSTE, René, *O Amor que transforma o mundo – Teologia da Caridade*, Cáritas Portuguesa, Lisboa, 2011.

DUQUE, João, *Cultura contemporânea e cristianismo*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2004, 11.

FILIBECK, Giorgio, *Direitos do Homem de João XXIII a João Paulo II*, Principia, Cascais, 2000.

GARCIA AMBROSIO, Juan Francisco, *Encontro com Cristo, plenitude do ser humano – Esboço de uma Soteriologia à luz do pensamento de Olegario González de Cardedal*, Paulinas, Lisboa, 2002.

MARTÍN VELASCO, Juan, *Introducción a la fenomenología de la religión*, Editorial Trotta, Madrid, 7ª edição 2006.

_____, *El Encuentro com Dios – Uma interpretação personalista de la religión*, Ediciones Cristiandad, Madrid, 1976.

LESSARD-HERBERT, Michel *Pesquisas em Educação*, Instituto Piaget, Lisboa, 1996.

MOUNIER, Emmanuel, *O Personalismo*, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1960.

_____, *Manifesto ao serviço do personalismo*, tradução de António Ramos Rosa, Livraria Moraes Editora, Lisboa, 1967.

PANIKKAR, Raimon, *Iconos del Misterio: la experiencia de Dios*, Ediciones Península, Barcelona, 1998,

PEREIRA, Américo José Pinheira, *Ética e Teologia – declinações de uma relação*, Editorial Cáritas, Lisboa, 2016.

_____, *A Fundamentação Ontológica da Ética na obra de Louis Lavelle*, Universidade Católica Portuguesa, Faculdade de Ciências Humanas, Lisboa, 2007, in www.lusoSofia.pt

_____, *Princípios e valores – Vida e morte de uma civilização*, in http://www.snpcultura.org/principios_e_valores_vida_e_morte_de_uma_civilizacao.html

PIKAZA, XABIER *El fenómeno religioso*, Editorial Trotta, Madrid, 1999.

POSTMAN, Neil, *O Fim da Educação - Redefinindo o Valor da Escola*, Tradução de Cassilda Alcobia, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2002.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan Luiz, *Imagen de Dios – Antropologia teológica fundamental*, Editorial Sal Terrae Santander, 1988.

SAVATER, Fernando, *El Valor de Educar*, Editorial Ariel, S. A., Barcelona, 1997.

TERRA, Domingos, *Devenir Chrétien Aujourd'hui, un discerniment avec Karl Rahner*, L'Harmattan, Paris, 2006.

VAZ, Henrique C. de Lima, *Antropologia Filosófica II*, Edições Loyola, Brasil, São Paulo, 1992.

VIDAL, Marciano, *Dicionário de Moral*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, s. d..

IV - Artigos em revistas

GARCIA AMBROSIO, Juan Francisco, “A educação moral e religiosa católica na escola pública”, *Communio*, nº 5(2001) 437–449.

_____, “Finalidades, Domínios de Aprendizagem e Metas Curriculares”, *Pastoral Catequética* 31/32 (2015) 63-81.

_____, “O amor uma gramática para dizer Deus”, *Communio*
4 (2005) 401-417.

_____, “O Cristianismo e a experiência religiosa”, *Cadernos*
ISTA, 6 (2001) 47- 61.

_____, *Identidade e finalidades de EMRC*, apontamentos
disponibilizados aos alunos em “Didática específica de EMRC”, UCP, 2014.

COUTO, António, “Homem e Mulher Deus os criou – perspectivas bíblicas”, *Communio*, IX
(1993) 213 - 219.

DOMINGUES, Bernardo, “Aspectos do conceito de pessoa humana em S. Tomás de Aquino”,
Didaskalia, XXX III (2003) 467-481.

DUQUE, João, “Contributos para uma hermenêutica cristã da cultura contemporânea,”
Pastoral Catequética, 5 (2006) 27-39.

GARCIA, JESÚS MANUEL, *Horizontes de espiritualidade para los jovens en Europa*,
Roma, s. d., texto fornecido aos alunos, por Teresa Messias, no contexto do Seminário sobre
Espiritualidade e Culturas Juvenis, UCP, 2015.

TEIXEIRA, Alfredo, “A cultura na escola, *Pastoral Catequética*, 5 (2006) 41-67.

V - Estudos inseridos em obras coletivas

BALCIUS, Vidas “Relacionalidade como paradigma ético. Reflexão ético teológica sobre a
vida humana,” Sergio Bastianel, Coord. De, *Entre limites e possibilidades – Uma teologia
moral em demanda*, tradução de Artur Mourão, Editorial Cáritas, Lisboa, 2013, 179-202.

GIGUÈRE, Paul André, “Trabalho autobiográfico e novo nascimento”, in Philippe Bacq e
Christoph Theobald, Dir de, *Uma Nova Oportunidade para o Evangelho*, Paulinas Editora,
Lisboa, 2004, 221-234.

MCPARTLAN, Paul, “Pessoa” in Jean – Yves Lacoste, Coordenação de, *Dicionário Crítico de Teologia*, Jean –
Yves Lacoste, Edições Loyola/Paulinas São Paulo, Brasil, 2004, 1393-1399.

MURILLO, José Ignacio, “Antropologia”, in César Isquierdo (dir), *Diccionario de Teología*, Ediciones Universidad de Navarra, S.A., Pamplona, 2007, 29-51.

PEREIRA, Américo José Pinheira, “A Revolução francesa e a Europa: Unidade revolucionária Vs Unidade Imperial”, in Carlos Morujão e Cláudia Oliveira, coord. de, *A ideia de Europa de Kant a Hegel*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2010, 33 – 62.

ROVIRA BELOSO, Josef M., “Pessoas Divinas – História do termo “pessoa”: sua aplicação à Santíssima Trindade”, in Xabier Pikaza (dir) *Dicionário Teológico: o Deus Cristão*, Paulus, São Paulo, 1988, 699 – 708.

SARDICA, José Miguel, “Messianismo revolucionário e europeísmo francocêntrico: dos Estados gerais a Santa Helena”; in Carlos Morujão e Cláudia Oliveira, coord. de, *A ideia de Europa de Kant a Hegel*, Universidade Católica Editora, Lisboa, 2010, 63 - 92.

TEIXEIRA, Joaquim de Sousa, “Pessoa”, in Roque Cabral, dir de, *Logos, Enciclopédia Luso – Brasileira de Filosofia*, Editorial Verbo, Lisboa/São Paulo, 1992, 95-120.

YAÑEZ, Humberto Miguel, S. J., “O agir moral como construção do futuro do homem,” in Sergio Bastianiel, Coord. de, *Entre possibilidades e limites*, tradução de Artur Mourão, Editorial Cáritas, Lisboa, 2013, 231-256.

VI– Webgrafia:

DELORS, Jacques, *Educação, um tesouro a descobrir, Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI*, in <http://unesdoc.unesco.org>.

[www.youtube.com/país dos poços](http://www.youtube.com/país_dos_poços), adaptado da autoria de Antonio Botana e Feliz Lopez.

www.aesap.edu.pt/portal.htm.

www.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=ine_main&xpid=INE&xlang=ine/publicações.

www2.escoladesantoantonio.edu.pt/prémioporeficaciaeducativa/noticiadopúblico.

www2.escolasdestantonio.edu.pt.

DIÁRIO DA REPÚBLICA, 1ª Série, nº 19, *Lei nº 11º/2013 de 28 de janeiro*.

ANEXOS

GESTÃO DO PROGRAMA DE EMRC - 6º ANO

UNIDADE LETIVA I- A PESSOA HUMANA



GESTÃO CURRICULAR DO PROGRAMA DE EMRC DO 6º ANO
UNIDADE LETIVA 1-A PESSOA HUMANA
PLANIFICAÇÃO NÍVEL I



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – ESCOLA SANTO ANTÓNIO
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
GESTÃO CURRICULAR DO PROGRAMA DE EMRC¹ - 6.º ANO – NÍVEL I – 2015/2016

DOMÍNIOS DE APRENDIZAGEM	METAS TRABALHADAS	AULAS PREVISTAS para cada meta
		UL1
Religião e experiência religiosa	B – Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	3
Cultura cristã/ Visão cristã da vida	E – Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo	1
	G – Identificar os valores evangélicos	4
	I – Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade	Adiada para a UL3
Ética e moral	O – Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	1
Total:		9

¹ PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA, Secretariado Nacional da Educação Cristã, SNEC, Lisboa, 2014.

GESTÃO CURRICULAR DO PROGRAMA DE EMIRC DO 6º ANO
UNIDADE LETIVA 1- A PESSOA HUMANA
PLANIFICAÇÃO NÍVEL II



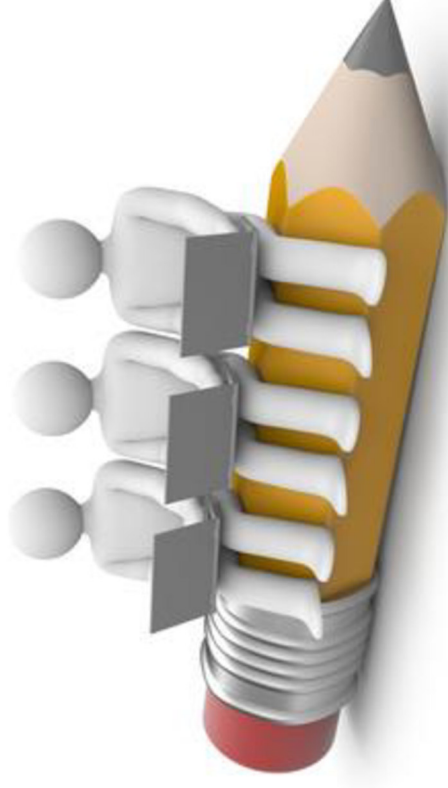
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE - EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

GESTÃO DO PROGRAMA DA UNIDADE LETIVA 1 – A PESSOA HUMANA - 6ºANO – 2015-2016- PLANIFICAÇÃO – NÍVEL – II

1º Período letivo: 21.09 a 14.12 = 13 aulas nas seguintes datas:

21/09 /2015 Apresentação de alunos e professores- dinâmica do novo. Apresentação do programa	28/09 /2015 UL 1 - A pessoa humana	05/10/2015 As várias dimensões da pessoa.	12/10/2015 Somos seres humanos em comunicação.	19/10/2015 A dimensão religiosa da pessoa.	26/10/2015 A felicidade como projeto de vida.
2/11 Ser pessoa é viver em relação: o valor da autenticidade.	09/11 Caminhada ao Castelo dos Mouros – Sintra	16/11 Direitos e Deveres da Pessoa Humana	23/11 Deus é fonte do amor e da pessoa. Síntese de um percurso.	30/11 Ficha de avaliação.	07/12 Advento/Natal. Deus faz-se pessoa em Jesus. Símbolos natalícios. Autoavaliação.
14/12 – Almoço convívio com todos os alunos inscritos em EMRC	Nota: as aulas são dadas à segunda-feira.				

GESTÃO CURRICULAR DO PROGRAMA DE EMRC DO 6º ANO
UNIDADE LETIVA 1 - A PESSOA HUMANA
PLANIFICAÇÃO NÍVEL III



EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA - PLANIFICAÇÃO NÍVEL III

UNIDADE LETIVA I- A PESSOAHUMANA - 1ºTRIMESTRE - 2015/2016

Metas	Objetivos	Conteúdos	Estratégias	Materiais	Aulas previstas	Instrumentos de avaliação
	9					
B - Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	1- Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	<ul style="list-style-type: none"> • Quem é uma pessoa? -Uma unidade irrepetível; -Um ser em relação com os outros.	Dinâmicas de grupo ppt	Puzzles e Ppt	Set - 1	Grelha de observação direta: - Assiduidade, - Pontualidade, - Interesse - Participação.
B - Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2- Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente .	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão física: corpo, fisiologia; • Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão; • Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso; • Dimensão emocional: emoções e sentimentos; • Dimensão social: a relação com os outros; • Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa: (corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade) -A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes; - A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros. <ul style="list-style-type: none"> • Dimensão religiosa: <ul style="list-style-type: none"> - Filiação divina e primado da criação; - Capacidade de amar e de perdoar - Capacidade de se interrogar sobre a existência; - Capacidade criativa e de vivência da liberdade -Capacidade de se abrir à transcendência. 	Visualização de um vídeo sobre a parábola dos poços. Trabalhos de grupos. Escuta de canções. Recurso ao manual. Jogo didáticos. Leitura e análise do texto bíblico. Reflexão a partir da folha branca com ponto negro.	https://www.youtube.com/watch?v=cA2zuHFT9K0 Guia de leitura da parábola dos poços. Manual e fotocópias Manual e fotocópias Folhas brancas com ponto negro	Out. 3 aulas	Empenho e cooperação. Socialização. - Cumprimento das tarefas escolares nos prazos estabelecidos - Trabalhos individuais, binas e de grupo - Organização do caderno diário Capacidade de reflexão e atenção. Participação espontânea e ordenada.

<p>G. Identificar os valores evangélicos.</p>	<p>3 - Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto/vocação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A ruptura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. • É preciso amar: 1 Jo 4,7-21. • A autenticidade: fidelidade ao projeto/vocação. • A vocação da pessoa é a felicidade... <p>-Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; -Ter vontade de ser verdadeiro e procurar a verdade. -A aceitação de si mesmo.</p>	<p>Cenário com o vulcão a ilustrar o conto do amor – cada aluno escreve na cartolina/coração um valor/compromisso.</p> <p>Sopa de letras sobre pessoa autêntica e não autêntica.</p> <p>Uso do manual</p>	<p>Papel cenário com a pintura do vulcão;</p> <p>Cartolinas- formas de coração.</p> <p>Sopa de letras</p> <p>Manual e fotocópias</p>	<p>Out. – 1 aula</p>	<p>Qualidade dos valores anotados e relação com a vivência/compromisso de amor na construção de um mundo melhor.</p>
<p>G. Identificar os valores evangélicos.</p>	<p>4-Identificar os direitos fundamentais e da criança, a partir da noção de dignidade humana.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O ser humano é um ser dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade. <p>- A Declaração Universal dos Direitos do Homem; - A Convenção sobre os Direitos da Criança.</p>	<p>Visualização de vídeos – texto dos DH e Direitos das Crianças</p>	<p>http://www.humanrights.com/pt/what-are-human-rights/universal-declaration-of-human-rights/articles-01-10.html</p> <p>Textos dos Direitos Ppt.</p>	<p>Nov. 3 aulas</p>	<p>Interesse; Empenho; Participação</p>
<p>E - Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.</p>	<p>6- Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Deus esta com todos uma relação pessoal: Sl 139/138. 	<p>Trabalho de grupo.</p> <p>EMRC – QUIZ</p> <p>Utilização do manual</p>	<p>Material para o jogo.</p> <p>Manual.</p>	<p>Nov. - 1 aula</p>	<p>Socialização; Empenho, Participação e relação das questões do jogo com as aulas.</p>
<p>O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.</p>	<p>7- Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Como “ser pessoa” e dar condições para que todos sejam “pessoas”: <p>- Estabelecer relações cordiais e verdadeiras - Escutar, - Partilhar, - Ser atento e amável; - Comunicar bem; - Respeitar os outros - Defender os direitos humanos - Cumprir os seus deveres</p>	<p>Visualização de vídeo. Reflexão...</p> <p>Leitura e análise do texto do manual.</p> <p>Escuta da canção “pedacinhos de Deus” Distribuição de uma folha A3 com uma árvore com folhas onde cada aluno escreve um valor/compromisso que o ajude a crescer como pessoa.</p>	<p>Vídeo trailer de Divertida Mente</p> <p>Manual Cântico</p> <p>Folha A3 com árvore desenhada.</p>	<p>Dez. 1 aula</p>	<p>Capacidade de reflexão e atenção. Participação espontânea e ordenada. Identificação dos valores.</p>

GESTÃO CURRICULAR DO PROGRAMA DE EMRC DO 6º ANO
UNIDADE LETIVA 1 - A PESSOA HUMANA
PLANIFICAÇÃO NÍVEL IV



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE - EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA PLANIFICAÇÃO NÍVEL IV
UNIDADE LETIVA 1-A PESSOA HUMANA – Aula nº1 – 2015/2016 – 28/9

Sumário: Introdução à Unidade Letiva 1: A Pessoa Humana

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	45 M	AVALIAÇÃO FORMATIVA
B- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	1. Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.	<ul style="list-style-type: none"> • - Quem é uma pessoa? -Uma unidade irrepitível; - Um ser em relação com os outros. 	Acolhimento.	Pen USB com o sumário para projetar.	4 m	Verificação de que os alunos já têm o caderno para o registo do sumário.
			Registo do Sumário.	Envelopes com as peças do puzzle (A 2- a1)	9 m	Perceber como decorre a cooperação do trabalho em grupo.
			Construção de puzzle em grupo.	Marcador	4 m	Averiguação de que a noção de pessoa começa a ser construída de modo claro.
			Diálogo: que têm em comum: Stº António e Obama? Madre Teresa e Mafalda Veiga? CR7 e o Papa Francisco? ...são PESSOAS!		9 m	Perceber se os alunos se oferecem para ler espontaneamente...
			Escrever no quadro: Pessoa Humana – chuva de ideias...os alunos vão escrever ao quadro.		16m	Atenção a que todos os alunos escrevem a síntese.
			Diálogo sobre o ser pessoa		3m	
Utilização do manual pp12-14.						
Elaboração da síntese com os alunos.						

Síntese: iniciamos uma reflexão sobre a noção de PESSOA.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º ciclo- Santo António

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA-PLANIFICAÇÃO NÍVEL IV – UNIDADE LETIVA 1- Aula- nº02 - 05.10 – 2015/2016

Sumário: Visualização do vídeo: “O país dos poços”. As dimensões da pessoa humana.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	45 M	AVALIAÇÃO FORMATIVA		
B- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensão física: corpo, fisiologia; • Dimensão intelectual: inteligência, imaginação, razão; • Dimensão moral e volitiva: distinção entre bem e mal, escolha; vontade e compromisso; • Dimensão emocional: emoções e sentimentos; • Dimensão social: a relação com os outros; • Dimensão sexual: a sexualidade abrange a totalidade da pessoa: (corpo, inteligência, emoção, vontade, afetividade) <p>- A vida emocional deve levar à abertura aos outros, que são diferentes.</p>	<p>Acolhimento.</p> <p>Registo do sumário.</p> <p>Retomar a temática: “A pessoa...”</p> <p>Leitura da p 15 do manual</p> <p>Contextualizar a parábola: “O país dos poços” e visualização do vídeo. Em binas os alunos relacionam os elementos que podemos retirar do vídeo para as dimensões da pessoa:</p> <p>1- D física; 2- D intelectual;</p> <p>3- D moral e volitiva;</p> <p>4- D emocional; 5- D social;</p> <p>6- D sexual.</p> <p>Plenário.</p> <p>Leitura do texto do manual.</p> <p>Realização da síntese</p>	<p>manual</p> <p>Pen USB com o vídeo.</p> <p>https://www.youtube.com/watch?v=cA2zuHfT9K0</p> <p>Grelha de leitura do vídeo em anexo</p> <p>(Aula 3 – anexo 1)</p> <p>Fotocópias do manual 16-21</p> <p>Síntese</p>	<p>4 m</p> <p>2 m</p> <p>11 m</p> <p>9 m</p> <p>11m</p> <p>6 m</p> <p>2m</p>	<p>Verificação do registo do sumário pelos alunos.</p> <p>Perceber o interesse existente da parte dos alunos.</p> <p>Atitudes evidenciadas – registar na ficha do aluno</p> <p>Interesse</p> <p>Registo da síntese</p>		
			<p>Síntese: A pessoa humana estrutura-se na harmonia das várias dimensões: física, intelectual, moral, emocional, sexual e social.</p>					

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo- Santo António - EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – UNIDADE LETIVA 1- Aula- nº03 – 12.10.2015

Sumário: Continuação da reflexão sobre as dimensões da pessoa. Somos seres humanos em comunicação e abertos ao transcendente

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	45M	AVALIAÇÃO FORMATIVA
B- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente.	<ul style="list-style-type: none"> • Retomar as várias dimensões da pessoa da aula anterior: • A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros. • Dimensão religiosa: <ul style="list-style-type: none"> - Filiação divina e primado da criação; - Capacidade de amar e de perdoar - Capacidade de se interrogar sobre a existência; - Capacidade criativa e de vivência da liberdade; - Capacidade de se abrir à transcendência. 	<p>Acolhimento.</p> <p>Registo do Sumário.</p> <p>Conclusão da aula anterior com a leitura dos textos já selecionados e projeção das respostas dos alunos em ppt – relacionadas com as várias dimensões da pessoa, síntese incluída.</p> <p>Jogo do telefone estragado: sei comunicar.</p> <p>Leitura do texto - Manual- p18-21 e realização da atividade p. 22-23</p> <p>Escutar a música de Sara Tavares: “Eu sei”.</p> <p>Realização da síntese</p>	<p>Slide</p> <p>Manual do aluno.</p> <p>Ppt.</p> <p>Alunos na disposição que possam comunicar.</p> <p>Manual e cópias do manual</p> <p>http://letras.com/sara-tavares/73967/</p> <p>Síntese</p>	<p>4 m</p> <p>13 m</p> <p>3 m</p> <p>18 m</p> <p>3m</p> <p>3 m</p>	<p>Observação centrada nas capacidades de:</p> <p>atenção / concentração;</p> <p>compreensão oral;</p> <p>entusiasmo;</p> <p>cumprimento de regras;</p> <p>sociabilidade;</p> <p>trabalho em grupo;</p> <p>colaboração;</p> <p>autonomia;</p> <p>desempenho nas tarefas.</p>

Síntese: Não somos o que temos. Somos o que somos. Somos seres em comunicação e estruturalmente criados para cultivar uma relação com o divino. Os cristãos sabem-se filhos de Deus e nessa relação filial, enraíza-se a capacidade de amar, de perdoar e de alicerçar o sentido das suas vidas.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo- Santo António

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA-PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – UNIDADE LETIVA 1- Aula – nº4 – 19.10.2015

Sumário: A dimensão religiosa da pessoa humana

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	45M	AVALIAÇÃO FORMATIVA	
B- Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.	2. Identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente	<p>- A linguagem do corpo ajuda-nos a comunicar com os outros. (síntese da aula anterior – comunicação)</p> <ul style="list-style-type: none"> Dimensão religiosa: Filiação divina e primado da criação; Capacidade de amar e de perdoar Capacidade de se interrogar sobre a existência; Capacidade criativa e de vivência da liberdade; Capacidade de se abrir à transcendência. 	Acolhimento.	Pen USB com o slide do sumário.	4 m	Registo do sumário.	
			Projeção do Sumário.				
			Confirmar a presença dos alunos e quem já têm o manual.	Manual e fotocópias da atividade p21	6 m	Verificar e registar quem já têm o manual...	
			Realização da atividade do manual p 21.			Realização das tarefas que são propostas...	
			Entregar uma folha branca com um ponto negro e pedir aos alunos que escrevam o que vêm na folha...	Folha de papel com ponto negro, uma por aluno.	3 m	Nível de reflexão...	
			Partilha do que escreveram e escrita no quadro...	Caneta para o quadro.	6 m	Interesse...	
			Reflexão sobre o ponto negro e a mancha branca da folha, tendo em conta ao que os alunos deram mais atenção...	Fotocópias da página 22 e 23	3 m	Participação se espontânea ou quando solicitada...	
			Relação a parábola dos poços... água e coisas...	Pen USB com o vídeo da canção.	16 m	Comportamento	
Leitura do manual p 22 e 23 e realização da atividade da página 23.		3 m					
Escutar a música de Sara Tavares: “Eu sei”.		4 m					
Realização da síntese			Slide com a síntese			Registo da síntese	

Síntese: Não somos o que temos. Somos o que somos. Somos pessoas numa dupla dimensão: biológica e social, mas só nos realizamos plenamente, quando tomamos consciência da dimensão espiritual. Esta dimensão, que nos abre ao transcendente, distingue a pessoa dos restantes seres vivos.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo- Santo António

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA-PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – UNIDADE LETIVA 1- Aula nº05 – 26.10.2015

Sumário: A felicidade como projeto de vida

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	45M	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos	3- Promover a autenticidade ao próprio projeto/vocação	<ul style="list-style-type: none"> A vocação da pessoa é a felicidade (realização, bem-estar, produtividade, relação com os outros). 	Acolhimento.	Pen USB com o slide do sumário.	3 m	Observação centrada nas capacidades de: atenção concentração; compreensão oral; entusiasmo; cumprimento de regras; sociabilidade; colaboração; autonomia; desempenho nas tarefas.
			Sumário.	Cópias dos inquéritos;	3 m	
			Preenchimento do mini-inquérito.			
			Vídeo de Sara Tavares: “Eu sei...”	https://www.youtube.com/watch?v=SFZKV4reT0A	9 m	
			Repescar as ideias chaves do ser pessoa... fomos criados para...		4m	
			Chuva de ideias sobre a palavra vocação/projeto.	Caneta para o quadro.	3 m	
			Leitura do conto do Amor manual pp 24-25 e realização da atividade.	Manual e fotocópias da atividade p24-25.	14m	
Elaboração da síntese.	Slide com a síntese.	3m				
Síntese: A vida é uma constante procura da felicidade e deve estar enraizada no amor.						

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo- Santo António

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA-PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – UNIDADE LETIVA 1- Aula - nº06 – 02.11.2015

Sumário: Reflexão sobre o que falta ao mundo para que as pessoas possam viver nos seus países. Visualização do vídeo: “A lagarta Esperança”, uma analogia ao conteúdo de hoje: ser pessoa é viver em relação. Leitura e análise de 1 Jo 4, 7-21. Atividade sobre o valor da autenticidade. TPC.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	45M	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	3- Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto/vocação.	<ul style="list-style-type: none"> • A rutura com o egoísmo e a vivência do amor permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa. • É preciso amar: 1 Jo 4,7-21. • A autenticidade: fidelidade ao projeto/vocação. • A vocação da pessoa é a felicidade: -Procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser; -Ter vontade de ser verdadeiro e procurar a verdade. -A aceitação de si mesmo. 	Acolhimento.	Pen USB com o slide do sumário.	2 m	Pontualidade. Interesse; Participação. Cumprimento das regras em contexto de sala de aula. Sociabilidade e autonomia. Prontidão no desempenho das tarefas.
			Sumário.		3 m	
			Releitura do conto do amor e realização da atividade da p 25; distribuição de um cartão em forma de coração para que cada aluno escreva uma palavra que faz falta ao mundo para que não haja pessoas a deixarem o seu país e partam para o desconhecido, colar no quadro.	Desenho grande com a imagem do vulcão.	7m	
			Visualização do vídeo: “Nascida para voar” Diálogo com os alunos sobre o vídeo e relação com os conteúdos...	Papéis em forma de coração. E bostique.	6+3m	
			Contextualização do texto bíblico que vai ser lido: 1 Jo4,7-21- leitura por um docente.	Pen USB com o vídeo.	11 m	
			Relação do texto bíblico com a temática em reflexão- referência ao manual pp26-29.	Bíblia	4m	
			Realização pelos alunos da atividade p 26.	Manual e fotocópias da atividade p26.	4m	
Entregar o TPC aos alunos: procurar descobrir uma pessoa, atual ou da história, autêntica, que viva o amor e fazer uma pequena biografia.		2m				
Elaboração da síntese.	Slide com a síntese.	3m				

Síntese: O amor é o alicerce para a construção da paz no mundo. Só vivendo no amor somos pessoas autênticas, praticamos a solidariedade e ajudamos a construir um mundo mais justo.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo- Santo António

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA-PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – UNIDADE LETIVA 1- Aula nº7– 16.11.2015

Sumário: Os Direitos Humanos fundamentam-se na DIGNIDADE DA PESSOA HUMANA

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	45M	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos.	4- Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana.	<ul style="list-style-type: none"> • O ser humano é um ser dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade. - A Declaração Universal dos Direitos do Homem; - A Convenção sobre os Direitos da Criança. 	Acolhimento.		2 m	Pontualidade.
			Sumário.	Pen USB com o slide do sumário.	3 m	Sociabilidade e autonomia.
			Corrigir a sopa de letras sobre pessoa autêntica e não autêntica.		4m	
			Os alunos apresentam o trabalho sobre uma pessoa defensora dos Direitos Humanos- apenas nome, país de origem e o que fez na defesa desses Direitos.	Slide com a correção da sopa de letras sobre ser autêntico.	11m	Realização do Tpc.
			O que são os Direitos Humanos?	Quadro e caneta.	4 m	
			Noção de dignidade humana – os alunos escrevem no caderno.	Caderno do aluno	18m	Interesse;
			A apresentação da História que conduziu à Declaração dos DH em ppt, conforme apresenta o manual.	Ppt e Manual.		Participação;
Elaboração da síntese.	Slide com a síntese.	3m	Empenho.			

Síntese: Os Direitos do Homem e da Criança fundamentam-se na dignidade humana. Direitos implicam Deveres.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo- Santo António

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA-PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – UNIDADE LETIVA 1- Aula nº 8 – 23.11.2015

Sumário: Visualização de um resumo dos Direitos Humanos e da Criança. Pequena reflexão sobre Deus- Pessoa. EMRC-QUIZ sobre a UL1.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	45M	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos. E - Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.	4- Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana. 6- Perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.	<ul style="list-style-type: none"> • ser humano é um ser dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade. - A Declaração Universal dos Direitos do Homem; - A Convenção sobre os Direitos da Criança. • Deus estabelece com todos uma relação pessoal: SI 139/138. 	Acolhimento.		2 m	Pontualidade.
			Sumário	Pen USB com o slide do sumário.		
			A apresentação da História que conduziu à Declaração dos DH em ppt.	Ppt e Manual.	3 m	Sociabilidade e autonomia.
			Visualização de 2 pequenos vídeos sobre os DH	http://www.humanrights.com/pt/what-are-human-rights/universal-declaration-of-human-rights/articles-01-10.html	11m	Interesse;
			Leitura do texto da manual página 42 – 44 - recordar a parábola do país dos poços para perceber o que aconteceu quando os poços se esqueceram da existência da montanha.	Manual pp 42-44 e fotocópias.	6m	Participação;
Jogo em grupo de 4 para fazer a sinopse da UL 1	Mini EMRC – QUIS	8 m	Empenho.			
Elaboração da síntese da aula.	Slide com a síntese.	12m	Inter-relação entre os alunos.			
					3m	

Síntese: Os Direitos do Homem e da Criança fundamentam-se na dignidade humana. Direitos implicam Deveres. O Deus dos cristãos é Pessoa e relaciona-se com cada um dos seres humanos.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo- Santo António

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA-PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – UNIDADE LETIVA 1- Aula nº9 – 07.12.2015

Sumário: Visualização do trailer de “Divertida Mente”. Reflexão sobre crescer como pessoa e ajudar outros a serem pessoas. Momento musical: “pedacinhos de Deus”. Entrega e correção da ficha de avaliação.

METAS	OBJETIVOS	CONTEÚDOS	ESTARTÉGIAS	MATERIAIS	45M	AVALIAÇÃO FORMATIVA
O. Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.	7- Promover as condições para que cada um viva como a pessoa que é.	<ul style="list-style-type: none"> • Como “ser pessoa” e promover condições para que todos sejam “pessoas”. - Estabelecer relações cordiais e verdadeiras - Escutar, partilhar, ser atento e amável; comunicar bem; respeitar os outros - Cumprir os seus deveres. 	Acolhimento.	Pen USB https://www.youtube.com/watch?v=xG3yRueRI7o Manual pp 45-46 e cópias www.youtube.com/watch?v=qMatPqowMEU Folha A3 com a árvore desenhada. (Anexo1) Fichas corrigidas	3m	Observação centrada nas capacidades de: atenção / concentração; entusiasmo; cumprimento de regras; sociabilidade; colaboração; autonomia e empenho no desempenho nas tarefas, nomeadamente na concretização do compromisso.
			Sumário.		3m	
			Visualização do trailer de Divertida Mente		2m	
			Reflexão sobre as nossas emoções e as relações que estabelecemos com as outras pessoas.		4m	
			Leitura e análise do texto do manual.		4m	
			Escuta da canção “pedacinhos de Deus”		8m	
			Distribuição de uma folha A3 com uma árvore com folhas onde cada aluno escreve um valor/compromisso que o ajude a crescer como pessoa.		12m	
Entrega e correção da ficha.	3m					
Síntese						

Síntese: Ser pessoa é viver em colaboração com as outras pessoas e promover as condições necessárias para que todos sejamos felizes.

AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – Escola Básica 2º e 3º Ciclo- Santo António

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA-PLANIFICAÇÃO NÍVEL 4 – UNIDADE LETIVA 1- Lição nº13.aula - nº11 – 14.12.2015

Sumário: Visualização de um vídeo sobre as figuras e símbolos do Advento e Natal. O sentido do Natal para os cristãos: o nascimento de Jesus.

Preenchimento da ficha de autoavaliação e o TPC: identifica os sinais cristãos do teu Natal para nos contares em janeiro.

METAS	OBJETIVOS	CONTEUDOS	ESTRATÉGIAS	MATERIAIS	4M	AVALIAÇÃO FORMATIVA
G. Identificar os valores evangélicos	Compreender o sentido do Advento. Identificar as figuras do Advento. Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus.	O nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus chegam até nós. O Advento: tempo de esperança. As figuras do Advento: João Baptista e Maria. Jesus o Salvador; Emanuel, Deus conosco na história: a pessoa de Jesus que encarna numa realidade histórica: Jo, 1-4.14. Natal – Deus faz-Se PESSOA.	Acolhimento. Sumário. Visualização de um vídeo sobre o Advento sobre as figuras e os símbolos do Advento. Breve explicação do seu sentido. Escrever a palavra Natal no quadro – chuva de ideias. Leitura do texto bíblico Pequeno vídeo sobre o Natal: é o nascimento de Jesus. Distribuir alguns símbolos de Natal para os alunos pintarem e afixar na sala. Preenchimento da ficha de autoavaliação. Entrega de uma folha a cada aluno onde irá apontando os sinais cristãos da vivência do seu Natal. Os alunos passam a síntese.	Pen USB Vídeo Caneta Bíblia Vídeo Fotocópias com os símbolos e breve explicação dos símbolos em texto e material para pintar. Fichas de autoavaliação. Folha com a indicação do TPC. Síntese	3m 3m8m 3m 3m 2m 12m 6m 2m 3m	Pontualidade Interesse e Participação ativa; Empenho na realização da tarefa proposta. Coerência na autoavaliação

Síntese: As figuras e os símbolos que nos ensinam o sentido do advento como preparação do Natal/ nascimento de Jesus.

INSTRUMENTOS DE AVALIAÇÃO UTILIZADOS:

- ✓ **Ficha de avaliação – matriz**
- ✓ **Correção**
- ✓ **Grelha de correção**
- ✓ **Autoavaliação**
- ✓ **Grelha com os dados da proposta de avaliação**
- ✓ **Grelha de observação de aula/avaliação contínua**
- ✓ **Relatório da avaliação**





GOVERNO DE
PORTUGAL

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
E CIÊNCIA

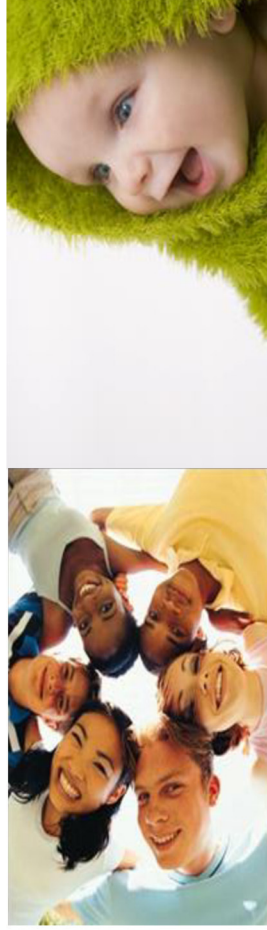
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE – ESCOLA BÁSICA DE SANTO ANTÓNIO
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

FICHA DE AVALIAÇÃO - 6º ANO

Nome: _____ N.º _____ Turma _____

Data: 30/ 11 / 2015 – Classificação _____ Prof. _____ E.E. _____

Unidade Letiva 1: A PESSOA HUMANA. BOM TRABALHO.



1- Pensa no que refletimos nas aulas sobre o significado do ser PESSOA HUMANA e assinala a resposta correta:

- a) ___ A pessoa é um ser vivo igual a todos os outros seres.
- b) ___ O ser humano distingue-se dos outros seres pela sua dimensão racional e religiosa.
- c) ___ A dimensão espiritual é dispensável, não torna mais digna a pessoa humana.
- d) ___ A pessoa é um ser que vive isolado e não tem necessidade de viver em relação.

2 – Assinala com V as respostas corretas e com F as falsas. A dimensão espiritual:

- a) ___ É uma característica comum a todos os seres vivos.
- b) ___ Permite que o ser humano pense e decida de acordo com os valores éticos.
- c) ___ Faculta aos seres humanos a capacidade de amar.
- d) ___ Leva à destruição da obra do Criador.
- e) ___ Possibilita que, pela inteligência, possamos ser egoístas.
- f) ___ Facilita o nosso relacionamento com os outros.
- g) ___ Dificulta o relacionamento do indivíduo com Deus.

h) __Exprime-se na capacidade de amar, que é a marca da presença de Deus em cada ser humano.

i) __Possibilita as descobertas científicas.

j) __Exprime-se também na sexualidade humana, como capacidade de amar e criar laços de comunhão. ($10 \times 2 = 20$)

3 – Explica por palavras tuas, e resumidamente, em que é que o ser humano se distingue das outras espécies animais. (6)

R _____

4 - Recorda o conto do amor, nomeadamente a parte em que o amor pede a Deus que o transforme numa pedra e o colocasse na caldeira de um vulcão para explodir e espalhar amor na terra. Pensa porque é que o amor fez isso e assinala as afirmações corretas: ($3 \times 3 = 9$)

- a) Sem amor no mundo os homens constroem a paz. ____
- b) O amor ajuda as pessoas a construir um mundo mais justo e mais fraterno. ____
- c) O amor podia desaparecer do mundo e os homens eram felizes. ____
- d) Se as pessoas se amarem estão a ser parecidas com Deus que é amor. ____
- e) Só o amor tem o poder de transformar o mundo e terminar com a violência. ____

5- Explica o sentido da frase:

“Cada pessoa vale pelo que é e não pelo que tem.” (6)

R _____



6. Localiza na sopa de letras 10 palavras/valores que devem caracterizar uma pessoa autêntica e transcreve. (10X3=30)

1- _____

2- _____

3- _____

4- _____

5- _____

6- _____

7- _____

8- _____

9- _____

10- _____

W	K	A	L	T	R	U	I	S	T	A
M	N	H	Y	W	H	W	Q	O	Z	G
L	W	K	P	S	I	M	P	L	E	S
X	G	I	Q	T	W	V	P	I	U	W
S	I	N	C	E	R	A	W	D	W	C
F	R	T	W	K	K	V	A	W	O	
R	W	E	K	A	L	E	G	R	E	E
A	K	G	W	W	W	W	I	W	R	
N	Z	R	L	X	X	L	E	A	L	E
C	W	A	W	Q	W	W	W	W	W	N
A	W	Q	W	W	R	F	G	T	W	T
V	E	R	D	A	D	E	I	R	A	E

7 - Os Direitos Humanos fundamentam-se na Dignidade Humana. Como se chama o documento onde ficaram redigidos esses direitos: (3)

1 - Declaração Universal dos Direitos do Homem.

2 - Constituição da República chinesa.

3 – ONU



8 - Como se chama a organização internacional que luta exclusivamente pelos Direitos da Criança? (3)

1 - ONU

2- UNICEF

3 - FMI



9 – Pensa numa situação onde os Direitos da Criança não estão a ser respeitados. Escreve-a e aponta uma solução. (4)

R

10 - Tentamos perceber que “Deus é Pessoa”. Esta afirmação significa que... assinala as respostas corretas: (2×3 =6)

- a) se relaciona com os seres humanos.
- b) nunca entrou em contacto com a humanidade.
- c) comunica com o ser humano e lhe propõe um novo estilo de vida.
- d) não tem qualquer afinidade com o ser humano.

11 – “Deus é Amor.” Esta é a crença dos cristãos. Explica como é que esta afirmação pode ajudar os cristãos a crescerem como pessoas. (5)

R

12 – A Pessoa Humana foi a temática que nos ocupou ao longo destas semanas, a sua dignidade, os seus direitos, os seus deveres, a sua origem em Deus e n’Ele o sentido da vida para os cristãos. Pensa nas pessoas que te rodeiam e nas situações onde não existe vida digna e diz porquê? Se tiveres soluções podes enumerá-las. (4)

R

Terminaste o teu teste. Espero que te tenha corrido bem. Sê uma PESSOA feliz.



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE – ESCOLA BÁSICA DE SANTO ANTÓNIO
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA
FICHA DE AVALIAÇÃO - 6º ANO

Nome: _____ Nº _____ Turma _____

Data: 30/11/2015 – Classificação _____ Prof _____ E.E. _____

Unidade Letiva 1: A PESSOA HUMANA. BOM TRABALHO.



1- Pensa no que refletimos nas aulas sobre o significado do ser PESSOA HUMANA e assinala a resposta correta: (4)

- a) ___ A pessoa é um ser vivo igual a todos os outros seres.
- b) ___ O ser humano distingue-se dos outros seres pela sua dimensão racional e religiosa.
- c) ___ A dimensão espiritual é dispensável, não torna mais digna a pessoa humana.
- d) ___ A pessoa é um ser que vive isolado e não tem necessidade de viver em relação.

2 – Assinala com V as respostas corretas e com F as falsas. A dimensão espiritual:

- a) ___ **É uma característica comum a todos os seres vivos.**
- b) ___ Permite que o ser humano pense e decida de acordo com os valores éticos.
- c) ___ Faculta aos seres humanos a capacidade de amar.

d) __ Leva à destruição da obra do Criador.

e) __ Possibilita que, pela inteligência, possamos ser egoístas.

f) __ Facilita o nosso relacionamento com os outros.

g) __ Dificulta o relacionamento do indivíduo com Deus.

h) __ Exprime-se na capacidade de amar, que é a marca da presença de Deus em cada ser humano.

i) __ Possibilita as descobertas científicas.

j) __ Exprime-se também na sexualidade humana, como capacidade de amar e criar laços de comunhão. (10×2=20)

3 – Explica por palavras tuas, e resumidamente, em que é que o ser humano se distingue das outras espécies animais. (6)

R: A pessoa distingue-se dos outros seres vivos pela sua capacidade de raciocinar, de amar, de se relacionar com os outros e com Deus. Ser pessoa é viver com dignidade e ser autêntica, sendo capaz de orientar a sua ação de acordo com valores éticos.

4 - Recorda o conto do amor, nomeadamente a parte em que o amor pede a Deus que o transforme numa pedra e o colocasse na caldeira de um vulcão para explodir e espalhar amor na terra. Pensa porque é que o amor fez isso e assinala as afirmações corretas: (3×3=9)

- a) Sem amor no mundo os homens constroem a paz. ____
- b) O amor ajuda as pessoas a construir um mundo mais justo e mais fraterno. __V__
- c) O amor podia desaparecer do mundo e os homens eram felizes. ____
- d) Se as pessoas se amarem estão a ser parecidas com Deus que é amor. _V_
- e) Só o amor tem o poder de transformar o mundo e terminar com a violência. _V_

5- Explica o sentido da frase:

“Cada pessoa vale pelo que é e não pelo que tem.” (6)

R - Esta frase quer dizer que cada um de nós deve valorizar-se pela pessoa que é e não investir na acumulação de coisas, como vimos na parábola dos poços. Quando procuramos a felicidade nas coisas nunca a alcançamos, porque queremos sempre ter mais. Ser e não ter.



6. Localiza na sopa de letras 10 palavras/valores que devem caracterizar uma pessoa autêntica e transcreve- (10x3=30)

W	K	A	L	T	R	U	I	S	T	A
M	N	W	Y	W	H	W	Q	O	Z	G
L	W	K	P	S	I	M	P	L	E	S
X	G	I	Q	T	W	V	P	I	U	W
S	I	N	C	E	R	A	W	D	W	C
F	R	T	W	K	K	V	A	W	O	
R	W	E	K	A	L	E	G	R	E	E
A	K	G	W	W	W	W	I	W	R	
N	Z	R	L	X	X	L	E	A	L	E
C	W	A	W	Q	W	W	W	W	N	
A	W	Q	W	W	R	F	G	T	W	T
V	E	R	D	A	D	E	I	R	A	E

- 1- ALTRUISTA
- 2- SIMPLES
- 3- SINCERA
- 4- ALEGRE
- 5- LEAL
- 6- VERDADEIRA
- 7- FRANCA
- 8- INTEGRA
- 9- SOLIDARIA
- 10- COERENTE.

7 - Os Direitos Humanos fundamentam-se na Dignidade Humana. Como se chama o documento onde ficaram redigidos esses direitos: (3)

1 - Declaração Universal dos Direitos do Homem.

2 - Constituição da República chinesa.

3 – ONU



8 - Como se chama a organização internacional que luta exclusivamente pelos Direitos da Criança? (3)

1 - ONU

2- UNICEF

3 - FMI



9 – Pensa numa situação onde os Direitos da Criança não estão a ser respeitados. Escreve-a e aponta uma solução. (4)

R- Muitas crianças passam fome e estão subnutridas que com o passar do tempo ou morrem ou ficam com doenças... No caso dos refugiados há muitas crianças sem condições que passam fome e frio e não vão à escola. Outra situação que conheçam. O caso de crianças que são entregues a instituições porque a família não garante condições de vida digna...

10 - Tentamos perceber que “Deus é Pessoa”. Esta afirmação significa que... assinala as respostas corretas: (2×3 =6)

- a) se relaciona com os seres humanos.
- b) nunca entrou em contacto com a humanidade.
- c) comunica com o ser humano e lhe propõe um novo estilo de vida.
- d) não tem qualquer afinidade com o ser humano.

11 – “Deus é Amor.” Esta é a crença dos cristãos. Explica como é que esta afirmação pode ajudar os cristãos a crescerem como pessoas. (5)

R – Ao acreditar que Deus é amor e que quer que as pessoas se amem, os cristãos crescem como pessoas ajudando quem precisa e assim estão a construir um mundo mais justo e mais fraterno.

12 – A Pessoa Humana foi a temática que nos ocupou ao longo destas semanas, a sua dignidade, os seus direitos, os seus deveres, a sua origem em Deus e n’Ele o sentido da vida para os cristãos. Pensa nas pessoas que te rodeiam e nas situações onde não existe vida digna e diz porquê? Se tiveres soluções podes enumerá-las. (4)

R – Há pessoas que vivem sozinhas com muitos problemas e não tem condições de vida digna, porque ou têm problemas de saúde ou familiares e ainda económicos. A caridade que Jesus nos mandou praticar resolveria estes problemas.

Terminaste o teu teste. Espero que te tenha corrido bem. Sê uma PESSOA feliz.



GRELHA DE CORREÇÃO DA FICHA DE AVALIAÇÃO DO 6º ANO DE EMRC: UNIDADE LETIVA 1: A PESSOA HUMANA

30.11.2015			Questões	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	Total %	71-89	90-100
			Cotação máxima	4	10×2	6	3×3	6	10×3	3	3	4	2×3	5	4	100	B	MB
Alunos	Turma	Nº																
Lúcia	B	14	4	20	6	3	6	30	3	3	4	6	5	4	94		MB	
Madalena A.	B	16	4	14	4	9	6	30	3	3	4	6	5	4	92		MB	
Matilde Mós	B	18	4	20	4	6	3	30	3	3	4	6	5	4	92		MB	
Alcides	D	02	4	20	6	9	6	30	3	3	4	6	5	4	100		EXC	
Alexandre	D	03	4	16	5	9	5	30	3	3	4	3	5	4	91		MB	
Ana Rita	D	04	4	18	6+	9	6	30	3	3	4	6	5	4	98		MB	
Gonçalo	D	12	0	18	6	9	5	24	3	3	4	3	0	0	76	B		
Madalena R.	D	19	4	16	4	9	6	30	3	3	4	0	3	4	86	B		
Tiago	D	29	4	20	3	9	6	30	3	3	4	6	3	3	94		MB	
Inês	D	7	4	20	6	9	5	30	3	3	4	6	5	3	98		MB	
Lara Abreu	F	11	4	16	5	9	5	30	3	3	4	6	4	4	93		MB	
Rodrigo	F	18	4	20	0	9	5	18	3	3	4	3	0	4	73	B		
Vitaliya	F	20	4	16	2	6	4	30	3	3	4	6	5	4	87	B		

EMRC – 6º ANO – Agrupamento de Escolas de Parede – Escola Básica de Santo António

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DE AULA- 1º Período: UL1 – A

ALUNOS	Turma	Nºs	Participação na aula	Análise da situação/problema	Socialização/respeito	Interesse	Comportamento	Assiduidade	Pontualidade	Outra situação
Lúcia	B	14	B	B	B	MB	B	MB	S	
Madalena A.	B	16	B	B	B	MB	B	MB	S	
Matilde Mós	B	18	B	B	B	MB	B	MB	S	
Alcides	D	02	MB	MB	MB	MB	MB	B	MB	
Alexandre	D	03	S	S	MB	MB	B	B	MB	
Ana Rita	D	04	MB	MB	MB	MB	MB	B	MB	
Gonçalo	D	12	S	S	B	B	B	S	MB	
Madalena R.	D	19	S	S	MB	MB	MB	MB	MB	
Inês	D	7	B	B	B	MB	B	MB	MB	
Lara Abreu	F	11	B	S	B	MB	B	MB	MB	
Rodrigo	F	18	B	B	B	MB	B	B	MB	
Vitaliya	F	20	B	B	MB	MB	MB	MB	MB	

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

FICHA DE AUTOAVALIAÇÃO - 5º ANO - 1º PERÍODO



Nome: _____ Nº _____ Turma _____ Data: 14/12/2015

Competências Socio - Afetivas				
	NS	S	B	MB
Responsabilidade, interesse e autonomia				
Relações interpessoais: aceitação e respeito pelas outras pessoas				
Capacidade de saber ser, saber estar e saber agir				
Persistência e empenho nas atividades solicitadas				
Cumprimento das regras				
Assiduidade e pontualidade				
Competências cognitivas				
	NS	S	B	MB
Aquisição de novos conhecimentos				
Interpretação dos conteúdos estudados sobre a pessoa humana.				
Conhecimento de alguns aspectos relacionados com a mensagem bíblica e a vida cristã da realidade.				

Classificação proposta: _____

Ideias/Sugestões:

Legenda:
 NS = Não Satisfeito;
 S = Satisfeito;
 B = Bom;
 MB = Muito Bom;

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO



AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE PAREDE

Ano letivo de 2015 / 2016

CRITÉRIOS DE AVALIAÇÃO

Ensino Básico

Educação Moral e Religiosa Católica /6.º Ano

Instrumentos / Itens de Avaliação	Competencias					
	Cognitivas			Socio afetivas		
	Aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de competências específicas referentes a cada unidade	Aplicabilidade de conhecimentos.	Capacidade de relacionamento de conteúdos.	Empenho / Interesse (4%)	Responsabilidade (3%)	Comportamento (3%)
Testes / Fichas de avaliação/ trabalhos de pesquisa	30%			10%		
Trabalhos na aula (individuais/de grupo)	20%					
Participação nas atividades da aula	10%					
Caderno diário	10%					
Registos de observação em aula	10%					
Visitas de estudo e atividades culturais	10%					
Pesos	90%			10%		

*Nota: parâmetro a adequar à especificidade das disciplinas

RELATÓRIO DA AVALIAÇÃO DOS ALUNOS

Conforme consta no relatório da aula número 11 esta aula teve como finalidade a realização de uma ficha de avaliação, que foi elaborada de modo a avaliar as metas que tinham sido mais trabalhadas, no processo de ensino/aprendizagem em contexto de sala de aula:

- Meta B. *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.*
- Meta G. *Identificar os valores evangélicos.*
- Meta E. *Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.*
- Meta D. *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo².*

A grelha regista os resultados muito bons, que coincidem com o compromisso, o empenho, o interesse, a atenção e o envolvimento dos alunos em contexto de sala de aula. Os dois alunos que tinham faltado à ficha de avaliação, resolveram-na na aula seguinte, apresentando a justificação para a falta. Assim, quatro alunos atingiram a classificação de Bom, oito alunos atingiram a classificação de Muito Bom, e um aluno foi distinguido dos Muito Bom, pela excelência do trabalho apresentado e teve a nota de excelente.

A Professora Cooperante, Luísa Carvalho, disse que a elaboração da ficha de avaliação tinha por base as nossas expectativas em relação aos alunos. A avaliação dos alunos de EMRC não pode cingir-se a uma ficha escrita num momento, contudo, neste caso concreto, os ótimos resultados coincidem com as atitudes reveladas no comportamento dos alunos ao longo do período.

² PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 62-65.



RELATÓRIOS DAS AULAS UL1:

A PESSOA HUMANA

RELATÓRIOS DAS AULAS DA UNIDADE LETIVA 1: A PESSOA HUAMANA

BREVE INTRODUÇÃO

O relatório de cada uma das aulas das unidades letivas que é por nós selecionada para a PES tem como finalidade incentivar uma prática reflexiva que vise uma avaliação objetiva, cujo intuito é incrementar uma melhoria contínua no processo ensino/aprendizagem e que abrange diferentes níveis, tais como: a gestão da planificação da aula; conforme o tempo determinado para alcançar os objetivos propostos; a adequação da planificação à turma concreta que nos foi atribuída para a PES; a forma como é feita a transmissão dos conteúdos, desde a comunicação às diferenciadas estratégias³ e a motivação suscitada nos alunos, refletida na qualidade da sua participação. A coerência na estruturação dos conteúdos a transmitir em cada aula e o possível reajustamento sempre que necessário.

Lição nº1 – 21.09.2015

A lição, vamos chamar lição para distinguir das aulas sobre a UL1, nº 1 foi orientada pela Professora Cooperante e constou da apresentação dos alunos inscritos em EMRC e dos docentes, através da dinâmica do novelo que se destinava a construir a teia da amizade. A Professora Luísa fez uma pequena reflexão sobre o desenho que era o resultado do esforço de cada um dos alunos, questionou os alunos sobre a razão de se inscrever na disciplina e os alunos foram respondendo de forma ordenada e espontânea. De seguida a docente apresentou os conteúdos do programa da disciplina para o 6º ano e ainda os critérios de avaliação. O núcleo de estágio tinha preparado uma ficha de identificação do aluno que os mesmos preencheram. A ficha encontra-se em anexo, (A1-a1). Os alunos, sendo oriundos de várias turmas, não se encontravam ainda todos presentes.

³ RICHARD ARENDS, *Aprender a ensinar*, 102 e s.

RELATÓRIO DA AULA Nº 1 - 28.09.2015

O itinerário do ensino e da aprendizagem, sobre a Unidade Letiva 1: A PESSOA HUMANA, foi iniciado com a meta B proposta no programa: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história*⁴, que era desenhado com um objetivo inequívoco: “Reconhecer a pessoa como ser único que vive em relação com os outros.” O conteúdo situava-nos numa dimensão existencial interrogativa: “Quem é uma pessoa? -Uma unidade irrepitível; - Um ser em relação com os outros.” As linhas mestras estavam delineadas e agora era necessário pensar em estratégias para transmitir os conteúdos de forma a alcançar o intuito planeado.

Nesta perspetiva, após acolher os alunos e projetar o sumário para que o transcrevessem para os seus cadernos diários, procedemos à divisão da turma em grupos para que construíssem um puzzle e descobrissem de quem se tratava: o resultado ia do Papa Francisco ao Cristiano Ronaldo, do Barack Obama à Madre Teresa de Calcutá e não faltava Santo António, patrono da escola. Após alguns grupos terem concluído a atividade foram interrogados sobre o que tinham em comum e os alunos responderam que eram pessoas famosas. Voltamos a questioná-los: e se lá estivesse um refugiado da Síria, um sem-abrigo, ou até mesmo a fotografia deles... será que continuaria a existir algo em comum? A resposta dos alunos coincidiu com a que era por nós pretendida: “eram pessoas.”

A *PESSOA HUMANA* era a temática e então passamos à dinâmica seguinte: foi escrito no quadro: A *PESSOA HUMANA* com a finalidade de suscitar uma chuva de ideias. Os alunos foram informados que o tema proposto era uma reflexão sobre que nos ia ocupar todo este primeiro período. As respostas foram surgindo diversificadas e interdisciplinares, mas ficávamos já com a noção clara de que podíamos adotar o “modelo de ensino centrado no aluno” que eles estavam ali com um enorme potencial que poderia ser parte interessada e implicada no processo de ensino/aprendizagem. Após

⁴ PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA, Secretariado Nacional da Educação Cristã, 62.

esta reflexão inicial, em diálogo participado e interessante, passamos ao texto do manual, que alguns alunos já possuíam e havia fotocópias para os que não o tivessem. A leitura foi feita pelos alunos que se foram disponibilizando espontaneamente para o fazerem e terminamos com a síntese da aula.

Após a aula, a Professora Cooperante fez a observação de que devia ter deixado que todos os alunos concluíssem a tarefa proposta e que deveria estar atenta a todos, visto que um grupo parecia um pouco perdido, enquanto outros descobriram logo a personagem que lhes tinha sido dada para a atividade. De facto, a minha grande preocupação tinha sido cumprir na íntegra a planificação. No futuro teria de definir as prioridades para cada aula de modo a que todos os alunos e não apenas alguns, fizessem o percurso que pretendemos para alcançar os objetivos de cada aula.

RELATÓRIO DA AULA Nº 2 – 05.10.2015

A liderar a aula número 3 continuava a meta B que já marcara presença na aula anterior: *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da História* e os objetivos eram diferenciados, pois consistia em identificar as diferentes dimensões da pessoa valorizando a relação com o transcendente. Nos conteúdos estavam presentes as diferentes dimensões da pessoa: a física, a intelectual, a moral e volitiva, a emocional, a social e a sexual.

Após o acolhimento e a projeção do sumário a aula prosseguiu com a visualização do vídeo da “parábola dos poços” que serviria de analogia para trabalhar não apenas esta aula, mas toda a temática da pessoa, centralizando a reflexão na sua essência: SER. Informe-me se os alunos tinham conhecimento do que era um poço e para que servia? Após ficarmos todos esclarecidos sobre a utilidade de um poço, foi feita a contextualização e projetada a parábola.

Logo após a visualização do vídeo, os alunos foram agrupados em binas e como o som da história não tinha grande qualidade foi distribuído o texto da parábola, com uma questão para que cada par de alunos respondesse, e assim o plenário fosse canalizado para o essencial, para prosseguirmos a reflexão e fazer a analogia entre os poços da parábola e as pessoas.

Os alunos trabalharam muito bem as perguntas e deram uma profundidade às respostas, que ultrapassou mesmo as nossas expectativas, digo nossas, porque a Professora Cooperante tinha considerado as questões difíceis para a idade dos alunos. Como pode perceber que as respostas tinham um grau de profundidade que valia a pena serem escutadas, prolonguei o plenário/debate, e não consegui que fosse cumprida a planificação. Também considerava importante que os alunos se fossem conhecendo, visto que eram oriundos de várias turmas e pretendia-se que formassem uma turma única.

A Professora Luísa perguntou no fim o que é que eu achava da aula e eu disse que eles me tinham surpreendido com a qualidade das respostas, apesar de serem difíceis, contudo não tinha cumprido a planificação. A Docente Cooperante disse que eles tinham trabalhado bem e que tinha de saber bem o que se pretendia alcançar em cada aula, tendo em conta a turma concreta e o trabalho desenvolvido pelos alunos.

RELATÓRIO DA AULA Nº 3 – 12.10.2015

A aula número 4 tinha como finalidade continuar a aprofundar a meta e os objetivos das aulas anteriores, assim iniciou-se, como habitualmente, com o acolhimento aos alunos e com o registo do sumário por parte destes. Após contextualizar o caminho iniciado na reflexão sobre o ser pessoa, sintetizei a parte do plenário já realizado na última aula a fim de o continuarmos. Os grupos de binas que ainda não tinham partilhado as suas respostas, fizeram-no e a qualidade entrava em sintonia com as respostas dadas na aula anterior. Disse-lhes que tinham trabalhados todos muito bem e que tinham apreendido plenamente o que se pretendia.

Tínhamos disposto os alunos na sala de modo a que conseguissem comunicar entre si, pois após concluirmos o trabalho da aula anterior iniciamos a dimensão da comunicação e a estratégia utilizada foi o jogo do “telefone estragado”. Os alunos conheciam-no e a mensagem não chegou ao último destinatário muito deturpada, foi transmitida a noção de como a pessoa necessita de comunicar que até inventa jogos de comunicação. Passamos depois aos textos indicados no manual do aluno, e a propósito do texto bíblico, refletimos sobre a linguagem e a sua diversidade que foram sendo inventadas como instrumento de comunicação. Como há na sala um aluno moldavo pedi-lhe que se expressasse na sua língua natal ao que ele respondeu de imediato com palavras simples de saudação, fazendo a tradução.

Como o ser humano não comunica só através da linguagem passamos ao manual para uma reflexão sobre o nosso corpo como meio de comunicação, percebemos que existem muitas formas de comunicar e que a expressão do nosso rosto é um excelente instrumento de comunicação.

Realizamos a síntese destas duas últimas aulas servindo-nos de expressões que foram utilizadas pelos alunos no trabalho entre pares sobre a pessoa como ser em relação e a comunicação como dimensão constitutiva do ser humano.

RELATÓRIO DA AULA Nº 4 – 19.10.2015

No prolongamento da meta e dos objetivos das aulas antecedentes, os conteúdos para esta 4ª aula são distintos pois visam centralizar a reflexão na dimensão religiosa da pessoa que para os cristãos enraíza-se na filiação divina e no primado da criação. Esta perspectiva religiosa aprofunda na pessoa a capacidade de amar e de perdoar, dando uma perspectiva que rasga fronteiras e projeta-a em horizontes sempre em expansão. É esta dimensão que pode alicerçar o sentido da existência, o apelo à criatividade e à vivência da liberdade e amplia perspectivas dela se abrir à transcendência.

Como dinâmica de motivação entreguei a cada um dos alunos uma folha de papel em branco que continha no centro apenas um ponto negro. Pedi-lhes que escrevessem na folha o que viam naquele papel e ia apontando no quadro o que os alunos dissessem. Sem qualquer exceção todos os alunos concentraram a sua resposta no ponto negro e nenhum na quase totalidade da folha, a mancha em branco, a folha apenas continha um ponto negro. Após verificar as respostas interroguei: então vocês têm uma folha em branco, apenas manchada com um ponto negro e concentram toda a vossa atenção num minúsculo ponto negro, ignorando completamente a quase totalidade da mancha da folha em branco? Será que na vida não fazemos o mesmo? Vamos pensar em situações concretas em que as nossas energias foram concentradas numa pequena dificuldade e esquecemo-nos de tudo o que de bom vamos sendo presenteados no dia-a-dia?

Agora um pequeno exercício de memória: os poços. Para que servem? Qual é a utilidade do poço? Quando é que descobriram a montanha? E nós? Será que ignoramos a dimensão espiritual como os poços ignoravam a montanha? Como fizemos há pouco com a folha em branco e apenas nos interessamos com o ponto negro? Tentei conduzir a reflexão de modo a que os alunos percebessem que a dimensão religiosa é fundamental para conferir sentido às nossas vidas em tudo o que fazemos, utilizamos a analogia da água para os poços.

Passamos ao manual, lemos os textos e realizamos a atividade proposta. A brilhamos a aula com um momento musical, importante a música na dimensão espiritual, escutando Sara Tavares: “Eu sei...” Algumas alunas conheciam a canção e acompanharam-na cantando. Terminamos com a realização da síntese.

A Professora Cooperante disse que a aula tinha corrido muito bem.

RELATÓRIO DA AULA Nº 5 – 26.10.2016

A aula número 6 inaugurava a meta G: *Identificar os valores evangélicos* e os objetivos visavam “Promover a autenticidade como fidelidade ao próprio projeto/vocação.” Os conteúdos delineados era a transmissão da vocação da pessoa como sendo a felicidade, a realização, o bem-estar, a produtividade e a relação com os outros.

Após o acolhimento e os alunos terem registado o sumário nos seus cadernos diários, retomei a reflexão sobre a pessoa humana, repescando sobretudo as ideias chave do ser pessoa criada para a felicidade. Escrevi no canto inferior do quadro as palavras vocação/projeto e no canto superior do quadro a palavra felicidade e pedi aos alunos que dissessem o que lhes sugeriam estas palavras. Os alunos participam sem qualquer dificuldade e foram orientando o debate do sentido de identificar vocação/projeto como a profissão que cada um deles queria ter no futuro e a felicidade como a realização desse sonho que cada um acalentava.

Fomo-nos apercebendo que apesar de iniciar a aula retomando a tese de que fomos criados para... o Criador não entrava na delineação de um projeto de vida, este depende do que cada um pretende ter e definir para si próprio. Os outros também não entravam nos seus próprios projetos, uma característica da sociedade atual e que tínhamos aqui uma oportunidade de desenvolver a pessoa como ser em relação, e que “nenhuma pessoa é uma ilha.”

Como o debate estava concentrado no individualismo passamos à leitura do conto do amor. Devido ao adiantado da hora ficava a promessa de retomarmos este conto na próxima aula, visto que a Professora Cooperante ainda tinha de distribuir aos alunos o desdobrável, com a adequada explicação, sobre o Peddy Paper que se realizará daqui a duas semanas e que os alunos devem entregar na próxima aula para sabermos quantos vão participar na atividade. Terminamos com a elaboração da síntese.

RELATÓRIO DA AULA Nº 6 – 02.11.2015

A aula com o número perfeito visava aprofundar a meta G: *Identificar os valores evangélicos*, já iniciada na aula anterior e o objetivo era “Promover a autenticidade como fidelidade ao projeto/vocação”. A nível de conteúdos a proposta incidia na “ruptura com o egoísmo e a vivência do amor que permitem o crescimento saudável e a realização plena da pessoa, cuja vocação é a felicidade, porém para tal é preciso amar; procurar a coerência entre o que se é e o que se aparenta ser, para tal é necessário ter vontade de ser verdadeiro e procurar a verdade; a aceitação de si mesmo.”

O itinerário de cada aula é iniciado pelo acolhimento e pela projeção do sumário para que os discentes o registem nos seus cadernos diários. Só depois é que introduzimos as estratégias que continuam a reflexão da temática que estamos a desenvolver. Na situação concreta desta aula havia uma ponte entre a aula anterior e esta, e essa arquitetura era alicerçada no conto do amor. Afixei na parede uma imagem grande de um desenho do vulcão em erupção a ver se os alunos sabiam recontar o conto ou se havia necessidade de o mandar reler. Mal viram a imagem pronunciaram logo: “o conto do amor”, pedi então aos alunos que me recontassem essa história que já não me lembrava. Perceberam a ironia, mas acederam a contar o conto do amor.... Lancei a pergunta: “Imaginem-se uma centelha de amor a explodir do vulcão e que são enviados à terra com uma missão: construir um mundo mais justo e mais fraterno.”

Pensem numa palavra/valor que sintetize o compromisso da missão na edificação de um mundo mais solidário e vou distribuir um coração a cada um e a cada uma de vós para registarem essa palavra e que vai ser afixada no vulcão. Pensem em situações concretas e o que faz falta para que não existam pessoas com necessidade de abandonar o seu país e procurar lugares estranhos para viverem...

Os alunos rapidamente tinham pensado na sua palavra, escreveram-na no cartão que foi sendo afixado. Quando já todos tinham terminado um aluno reparou que havia palavras importantes que faltavam e então continuaram a escrever outras que faziam falta na construção da paz no mundo. Claro que fomos sempre aludindo a situações concretas que cada um de nós pode colaborar para minimizar essas situações difíceis. O agrupamento celebrou a “Semana Contra a Pobreza e a Exclusão Social” e os alunos colaboraram ativamente e foi utilizado como exemplo de colocar o nosso pequeno esforço na arquitetura da solidariedade.

A aula prosseguiu com a visualização do vídeo: “Nascida para voar”. A lagarta Esperança farta já de só viver para comer, a dada altura começa a pensar que tem de lutar por outros objetivos e ao descobri-los vai logo partilhar com as outras lagartas. A grande transformação acontece, quando a lagarta inicia uma relação de partilha e nunca enquanto está sozinha. A história pretende fazer um apelo a uma vida em relação e em partilha daquilo que nos abrem os horizontes para o sentido existencial. Após o diálogo com os alunos sobre esta analogia passamos à contextualização e leitura do texto bíblico proposto 1 Jo 4,7-21, conforme o proposto no *Manual do Aluno*⁵.

Rapidamente os alunos perceberam que este texto estava ligado ao conto do amor e assim identificados os valores evangélicos que são orientadores da nossa ação, mas que só é possível esta vivência se formos pessoas autênticas na vivência do amor que permite o crescimento saudável que alicerça a plena realização do “tornar-se pessoa”.

Passamos ao manual e foi proposto aos alunos que realizassem a tarefa da página 26 que era uma sopa de letras sobre uma pessoa autêntica. Transmitem-lhes que existiam pessoas assim e que essas pessoas eram autênticas e como tais defensoras dos Direitos Humanos. Neste contexto pedi-lhes que fizessem uma pequena pesquisa biográfica sobre uma dessas pessoas que previamente já preparara e que serviria de introdução à temática dos Direitos Humanos. Terminamos a aula com a realização da síntese.

⁵ Secretariado nacional da Educação Cristã, *Estou Contigo! Manual do 6º ano/EMRC*, SNEC, 2015.

LIÇÃO Nº 2 - PEDDY PAPER AO CASTELO DOS MOUROS – SINTRA

A lição número 2, conforme já constava no plano de atividades de EMRC, coincidiu com a caminhada num modelo de Peddy Paper desde a estação dos comboios ao Castelo dos Mouros em Sintra. A atividade foi proposta e desenvolvida pela Professora Cooperante com uma outra Docente de EMRC da zona, que já organizam a digressão há algum tempo e que chamam de caminhada de São Martinho, porque é numa data aproximada e na própria dinâmica é incluída a biografia do Santo, a lenda explicativa do verão desta época, assim como a parábola do bom Samaritano, que como que sintetiza a vida de São Martinho.

Os alunos foram organizados em grupos de idades e escolas diferenciadas para cultivarem novas amizades e ao longo de um dia inteiro usufruíram de um evento educativo, revestido de grande significado, onde o lindo dia quis aliar-se à beleza da paisagem e a atenção ao meio envolvente, desafiava a sua cultura geral. Foi uma atividade interessante que tinha como finalidade ajudar a desenvolver competências e mobilizar princípios e valores éticos para a orientação do comportamento em situações vitais do quotidiano, em que a entreajuda, o recurso ao adulto e o sentido da corresponsabilidade estiveram bem presentes. Alcançada a meta os alunos tiveram a oportunidade de se juntar aos seus amigos e fazer a visita ao Castelo dos Mouros.

A avaliação foi considerada muito positiva tanto para alunos como para docentes. Nos anexos encontram-se algumas fotografias e um pequeno vídeo da caminhada.

RELATÓRIO DA AULA Nº 7 - 16.11.2015

A aula número sete, após o acolhimento, o registo do sumário e a avaliação do PeddyPaper pretendia continuar na senda das aulas anteriores e eleger a meta G: *Identificar os valores evangélicos*, “visando atingir os seguintes objetivos: “Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana”. Os conteúdos a lecionar seriam na senda do ser humano como um ser dotado de direitos e deveres, reconhecidos pela sociedade, para abordarmos a Declaração Universal dos Direitos do Homem e a Convenção sobre os Direitos da Criança.

Como estratégia e uma vez que já se passaram duas semanas, após a última aula, optei por retomar a aula sobre ser uma pessoa autêntica com a correção da pessoa de letras projetada, cuja finalidade era avivar a memória sobre a temática em reflexão

Feita a contextualização do ser pessoa autêntica os alunos apresentaram os seus trabalhos sobre alguns paradigmas de pessoas que eram defensoras dos Direitos de outras pessoas. Os exemplos iam desde Malala Yousafzai ao Papa Francisco, sem esquecer Mahatma Gandhi, Carlos Ximenes Belo, entre outros. Nem todos os alunos tinham feito o trabalho, mas o que o apresentaram tinham apreendido o que se pretendia que era introduzir a noção de Direitos Humanos e que existiam pessoas que dedicavam a sua vida a defender os Direitos de outras pessoas, visto que esses Direitos se alicerçavam na própria dignidade do ser pessoa.

Os alunos foram convidados a escrever o conceito nos seus cadernos e já não tivemos tempo para apresentar um pouco da História que conduziu a humanidade a escrever uma Declaração Universal dos Direitos Humanos, conforme tinha planificado. Elaboramos uma pequena síntese.

RELATÓRIO DE AULA - AULA Nº 8 – 23.11.2015

A aula número 8 pretendia terminar a meta G e apresentar a meta E: *Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo*. Os objetivos previstos eram: “Identificar os direitos fundamentais da pessoa e da criança, a partir da noção de dignidade humana”, que seriam retomados em síntese e perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano.

Iniciei a aula como sempre com o acolhimento e projetei o sumário para que os alunos o registassem no caderno diário.

De seguida apresentei uma síntese da história que conduziu à Declaração Universal dos Direitos Humanos e à Convenção dos Direitos da Criança e dois pequenos vídeos sobre esses mesmos Direitos. Vimos que os Direitos previstos ainda não são usufruídos pela totalidade da população e demos alguns exemplos de situações em que esses Direitos simplesmente não existem. Informamos que o agrupamento de escolas de Parede irá celebrar o dia aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos e que teremos uma iniciativa nessa data e que voltaríamos aos Direitos da Criança mais próximo do Dia da Criança.

Relativamente à meta E: *Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo* com o objetivo de perceber como o elemento fulcral da mensagem cristã é o caráter pessoal da relação de Deus com cada ser humano retomamos a dimensão religiosa da pessoa e a parábola dos poços, agora centrando a reflexão na vertente dos cristãos.

Utilizamos o texto do manual do aluno e fomos relacionando com a experiência de vida que se não tivermos bem alicerçada essa relação pessoal com Deus pode-nos acontecer como os poços, que foram-se enchendo de coisas e viviam numa insatisfação contínua.

Os poços ignoravam a montanha e nós quando ignoramos Deus podemos assemelhar-nos a eles. O *Salmo* 139/138 foi referido como o exemplo de que Deus conhece cada um de nós como é porque se relaciona com cada pessoa. O sentido das nossas vidas pode ser clarificar nesta relação com Deus que é Pessoa porque se relaciona com cada pessoa e no Natal celebraremos esse Deus que Se faz Pessoa no Menino que nasce em Belém.

Os últimos minutos da aula foram dedicados a um EMRC – QUIZ. Os alunos foram organizados em grupos de 4 para fazerem o jogo que tinha como objetivo fazer a síntese da Unidade Letiva 1 e assim prepararem-se para a realização da ficha de avaliação que está calendarizada para a próxima aula. Os alunos mostraram-se muito entusiasmados com a iniciativa e conseguiram, com a rapidez desejada, realizar a tarefa. Elaboramos a síntese e terminamos a aula.

Foi uma aula muito preenchida e terminei com a sensação de que tinha concluído uma maratona e expressei isso mesmo à Professora Cooperante, ela disse que os alunos tinham acompanhado e que tinha sido muito bem.

RELATÓRIO DA AULA Nº 9- 30.11.2015

A aula número 9 teve como finalidade a realização de uma ficha de avaliação, que foi elaborada de modo a avaliar as metas que tinham sido trabalhadas em sala de aula:

- ❖ Meta B. *Construir uma chave de leitura religiosa da pessoa, da vida e da história.*
- ❖ Meta G. *Identificar os valores evangélicos.*
- ❖ Meta E. *Identificar o núcleo central do cristianismo e do catolicismo.*
- ❖ Meta D. *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.*

Estas quatro metas foram as mais trabalhadas e reconheci que deveriam ser as que seriam submetidas à avaliação. Assim, a Meta I. Conhecer o percurso da Igreja no tempo e o seu contributo para a construção da sociedade foi apenas enunciada e não trabalhada, ficando o seu aprofundamento adiado para a Unidade Letiva 3, logo esta Meta não foi proposta para a avaliação, para que os alunos não se deparassem com uma situação nova no processo avaliativo.

À entrada dos alunos para a sala de aula pedi-lhes que se sentassem um por mesa, devido a este dia estar destinado a ser um momento de avaliação. Todos o fizeram sem qualquer perturbação e já em silêncio. Faltaram dois alunos, sobre um deles os colegas avisaram que se tinha magoado e não poderia vir e o outro não sabiam explicar.

Após o acolhimento pretendia projetar o sumário, mas a maioria dos alunos disse que não tinha consigo o caderno diário, então ficou adiado para a próxima aula. Passei então à fase da distribuição das fichas e quando já todos os alunos se encontravam na posse da ficha informei-os que podiam começar. Esclareci que estivessem atentos ao enunciado e que os exercícios seriam semelhantes aos realizados em contexto de sala de aula.

Apenas dois alunos pediram esclarecimento no vocabulário de uma questão e decidi explicar à turma toda, para não beneficiar ninguém. Passados trinta e cinco minutos os alunos começaram a terminar o teste, ainda tinha planeado uma atividade se todos terminassem antes do tempo regulamentar, mas quando os últimos alunos acabaram a atividade avaliativa, fomos surpreendidos com o toque de saída.

RELATÓRIO DA AULA Nº 10- 07.12.2015

A aula número 10 seguia-se a uma avaliação que poderia suscitar um interesse menor nos alunos, visto que os critérios de avaliação que lhes foram apresentados incidem fortemente numa ficha de avaliação. Porém havia conteúdos ainda por lecionar e esta aula destinava-se a aprofundar a Meta O: *Amadurecer a sua responsabilidade perante a pessoa, a comunidade e o mundo.*

Tratava-se de uma formalidade porque desde o princípio da Unidade Letiva que tivemos omnipresente a preocupação de ir percebendo a pessoa como um ser em relação. Os objetivos: “Promover as condições para que cada um, viva como a pessoa que é.” Os conteúdos previstos: “Como “ser pessoa” e promover condições para que todos sejam “pessoas”. Estabelecer relações cordiais e verdadeiras; escutar, partilhar, ser atento e amável; comunicar bem; respeitar os outros e cumprir os seus deveres.

A aula foi iniciada com um momento de acolhimento e com a curiosidade dos alunos em saberem se iam receber a ficha de avaliação. Como na aula anterior tinham faltado dois alunos que estavam presentes e iam fazer o teste disse-lhes que sim, mas no fim da aula. Foi projetado o sumário da aula anterior e de seguida o de hoje para que os alunos mantivessem o caderno diário organizado.

De seguida procedeu-se à visualização do trailer de “Divertida Mente”, uma pequena reflexão sobre as emoções, visto que é sobre elas que fundamentamos as nossas relações com os outros. A maioria dos alunos já conhecia o filme completo o que facilitou a reflexão que se pretendia e fomos convidados a tentar perceber quem comanda a nossa vida:

- Nós ou as nossas emoções?

➤ Que tipo de relações é que nós cultivamos e desenvolvemos? Porquê?

Fiz uma pequena retrospectiva para lembrar que a nossa vida é feita de relações de uns com os outros, somos pessoas em relação e que todos ambicionamos um mundo mais justo e mais fraterno. Cada um de nós pode contribuir para a construção desse mundo se for concretizando pequenos gestos. Recordei eventos concretos como a “Semana de Luta Contra a Pobreza e a Exclusão Social” que eles tinham preparado e ainda a angariação de alimentos para os cabazes dos alunos mais carenciados que está a decorrer. Compete a cada um de nós ver o que pode fazer.

Passamos de seguida ao texto do manual e usufruímos de um momento musical, conforme era sugerido no manual do aluno com o cântico: “pedacinhos de Deus,” que alguns alunos já conheciam e acompanharam cantando. Para terminar pensei que era importante ficar um compromisso para a ação e distribui uma folha A3 com uma árvore desenhada com folhas, em cada folha cada um dos alunos escreveu uma palavra/valor que seria um compromisso que ao colocar em prática o ajude a crescer como pessoa. O resultado deste trabalho vai ser a árvore dos valores que vamos trabalhar no 3º período.

Passamos à segunda parte da aula tão esperada pelos alunos que era a entrega e correção das fichas de avaliação. Os dois alunos já tinham terminado e então entreguei-lhes as fichas. Ficaram todos muito contentes e entusiasmados com os resultados. Como a classificação era muito boa a mais baixa era Bom 73% e a mais alta Muito Bom 100 % projetei a correção que tinha preparada e passamos à síntese da aula, terminando assim o nosso trabalho deste dia, em velocidade de maratona.

RELATÓRIO DA AULA Nº 11 – 14.12.2015

A planificação desta aula tinha sido pensada com o preenchimento da ficha de autoavaliação e um convívio natalício. Só que no próximo dia 16 de dezembro os alunos inscritos em EMRC, a partir do 2º ciclo, vão reunir-se na Escola na Escola Lopes Graça para o já tradicional almoço-convívio de Natal e algum gesto alusivo ao significado desta quadra para os cristãos. Então alterei e pensei ocupá-la com uma reflexão sobre o Advento e sobretudo o Natal, como Deus que Se faz PESSOA em Jesus que nasce em Belém. A Meta que elegi foi a G. *Identificar os valores evangélicos*. Os objetivos: Conhecer a situação histórica do nascimento de Jesus: a Palavra e o amor de Deus chegam até nós. Como conteúdos: “O Advento: tempo de esperança; as figuras do Advento: João Baptista e Maria. Jesus o Salvador; o Emanuel, Deus conosco na história: a pessoa de Jesus que encarna numa realidade histórica: *Jo*, 1-4.14. Natal – Deus faz-Se PESSOA em Jesus.

Assim após o acolhimento e o registo do sumário nos cadernos diários, procedeu-se à visualização de um vídeo sobre o Advento e o Natal. Houve uma breve explicação sobre o Advento e depois escrevi a palavra Natal no quadro com a finalidade de suscitar uma chuva de ideias. O nascimento de Jesus colheu a unanimidade dos alunos e como já tinha no horizonte a unidade Letiva 2 referiu o texto de *João*, 1, 1- e centralizei a noção que em Jesus Deus faz-Se PESSOA e assim ficava a ponte lançada entre a primeira e a segunda unidade programática. Analisamos alguns símbolos de Natal alusivos ao nascimento de Jesus que devido ao pouco tempo foram entregues aos alunos para que os pintassem e assim decorássemos a sala de aula.

Após esta atividade os alunos foram preenchendo a ficha de autoavaliação e por fim foi entregue uma folha com um TPC: identifica os sinais cristãos do teu Natal para nos contares em janeiro, um exemplo encontra-se anexado a este texto. Terminamos até quarta-feira dia do almoço convívio de Natal e a alguns dos alunos que não iam estar presentes desejamos Santo Natal.

NATAL:

JESUS NASCEU PARA TI. ACOLE-
O! SANTO E FELIZ NATAL.
QUE A ESTRELA DE BELÉM
ILUMINE A TUA VIDA AO LONGO DE 2016.



Nome: _____



Na primeira aula do Janeiro vamos podê-las: conta-nos o teu NATAL.

Assentamento ou situação	Idade	Símbolo crastão do teu Natal	A tua referência / opinião

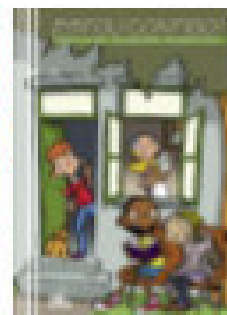
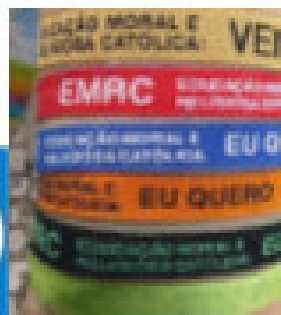
Outras coisas interessantes que queiras registar:

MATERIAIS PEDAGÓGICOS ANEXOS:

Unidade Letiva 1: A PESSOA HUMANA



Cartão de Cidadão do Aluno de



Nome do Aluno _____	Nº do Aluno _____
Enc. Educ. _____	Tel. _____
Morada _____	Cód. Postal _____
Pai _____	Profissão _____ Tel. _____
Mãe _____	Profissão _____ Tel. _____
Nº de irmãos _____	Idades _____ Com quem vives _____

Qual é a qualidade que te define?	Quais são os teus objetivos para este ano?
Gostas de ler?	Gostas de ver televisão?
Quais são os teus passatempos preferidos?	Gostas da escola?
Qual é a tua profissão de sonho?	Sabes o que queres para a tua vida?
Um símbolo:	Uma Palavra:

Avaliação Global do Aluno

		1º Período				2º Período				3º Período			
		N.S.	Sat.	Bom	Exc.	N.S.	Sat.	Bom	Exc.	N.S.	Sat.	Bom	Exc.
Assiduidade													
Atenção													
Expressão	Oral												
	Escrita												
Aplicação de conhecimentos													
Conhecimento e compreensão de conceitos e métodos													
Perseverança e empenho na resolução das tarefas													
Autoconfiança													
Autonomia													
Sentido de responsabilidade													
Participação	Em pontuais												
	Solicitada												
	Recusa												
Cooperação nas atividades													
Espírito Crítico													
Caderno diário													
T.P.C.													
Trabalho/teses	Individual												
	Grupo												
Textos/ Trabalhos													
Avaliação													
Auto avaliação													
	Classificação	Assiduidade				Observações							
1º Período													
2º Período													
3º Período													

Aula 2 – anexo 1



(Aula 3- anexo 1)

PARÁBOLA: “O PAÍS DOS POÇOS”

Era o país dos poços. Qualquer visitante estranho que chegasse aquele país, só enxergava poços: grandes, pequenos, feios, bonitos, ricos, pobres... À volta dos poços, pouca vegetação. A terra estava seca!

Os poços falavam de si, mas à distância; sempre havia um pedaço de terra entre um e outro. Na realidade quem falava era a boca do poço...a conversa acontecia na superfície da terra. E dava a impressão que ao falar ressoava um eco, porque na verdade a fala provinha de lugares ocultos. Como a boca dos poços estava oca, os poços davam a sensação de vazio, de angústia...e cada um procurava encher esse vazio como podia: com coisas, ruídos, sensações raras, livros, sabedorias.... Havia poços com a boca tão larga que permitia colocar nela muitas coisas. As coisas, com o tempo, passavam de moda: então, com as mudanças chegavam continuamente coisas novas aos poços, coisas diferentes... e quem possuía muitas coisas era o mais respeitado, admirado..., mas, no fundo, o poço nunca estava contente com o que possuía. A boca estava sempre ressequida e sedenta. Bem...no fundo...a maioria dos poços, pelas frechas deixadas por entre as coisas acumuladas na boca, deixava perceber algo misterioso... os seus dedos roçavam, uma vez por outra, a água no fundo do poço.

Diante desta sensação tão rara, uns sentiam medo e procuravam não voltar a senti-la. Outros, encontravam tantas dificuldades por causa das coisas que abarrotavam das suas bocas, que se punham a rir e logo esqueciam aquilo que se "encontrava no fundo"... Falava-se também na superfície da terra, daquelas experiências profundas que muitos sentiam...mas havia quem risse bastante e dissesse que tudo era ilusão...

Até que houve alguém que começou a olhar mais para o fundo do poço e, entusiasmado com aquela sensação que experimentou no seu interior, procurou ficar quieto... mas, como as coisas que abarrotavam da sua boca incomodavam procurou libertar-se delas. E, aos poucos, os ruídos silenciaram, até chegar o silêncio completo. Então, fazendo-se silêncio na boca do poço, pôde escutar-se o barulho da água lá no fundo...e sentiu uma paz profunda, uma paz que vinha do fundo do poço. Então o poço experimentou que esta justamente a razão de ser. No fundo, ele sentia-se ele mesmo. Até então acreditava que a sua razão de ser era ter uma boca larga, rica e embelezada, bem cheia de coisas...

E assim enquanto os outros poços tratavam de alargar a sua boca, para que nela coubessem mais coisas, este poço, olhando para o seu interior, descobriu que aquilo que ele tinha de melhor estava bem no fundo e que, quanto mais profundidade tivesse mais poço seria. Feliz com a sua descoberta, procurou tirar água do seu interior, e a água, ao sair, refrescava a terra e tornava-a fértil e logo as flores brotavam ao seu redor...

A notícia espalhou-se rapidamente.... As reações foram diversas: uns mostravam-se céticos, outros sentiam saudade de algo que, no fundo, percebiam também... outros ainda desprezavam "aquele lirismo" e outros acharam perda de tempo tirar água do seu interior. A maioria optou por não fazer caso, pois na verdade estava muito ocupada em trocar as coisas na entrada da boca do poço... muitos estavam satisfeitos com as sensações experimentadas fora.

Sem dúvida alguns tentaram fazer a experiência de se libertar das coisas que enchiam a boca... e encontravam água no seu interior. A partir de então, as surpresas destes foram aumentando. Comprovaram que, por mais água que tirassem do interior do poço, este não esvaziava. A seguir, aprofundando mais para o interior, descobriram que todos os poços estavam unidos por aquilo que lhes dava razão de ser: a água.

Assim começou uma comunicação profunda entre eles, porque as paredes dos poços deixaram de ser barreiras entre eles. Comunicaram-se em profundidade, sem se preocuparem com a abertura da boca. A descoberta mais sensacional veio depois, quando os poços já viviam em profundidade: chegaram à conclusão que a água que lhes dava vida não nascia lá mesmo, em cada poço, mas vinha, para todos, procedente de um mesmo lugar...e procuraram seguir a corrente da água. E descobriram o manancial! O manancial estava bem longe: na montanha do país dos poços...e ninguém sabia da sua presença. Mas estava lá! A montanha sempre esteve lá. Uma vez apenas visível entre as nuvens, outras, mais radiante... e nunca perceberam a montanha.

Desde então os poços que haviam descoberto a razão do seu ser, esforçaram-se por aumentar o seu interior e aumentar a sua profundidade, para que o manancial pudesse chegar mais facilmente até eles. E a água que tiravam de si mesmos, tornou fértil a terra ao seu redor. Enquanto isso, lá fora, na superfície, a maioria dos poços continua aumentando as suas bocas, procurando ter sempre mais coisas.

Roteiro para o trabalho sobre o vídeo “O País dos Poços”

1. O que mais vos chamou a atenção na parábola? Será que podemos relacionar esta história dos “poços” com a vida das pessoas? Expliquem.
2. À primeira vista, qual parece o significado desta parábola? Enumerem os diversos elementos que descrevem a dimensão física dos “poços”.
3. Enumere os diversos elementos que intervêm na parábola (poço, borda, terra seca, superfície, profundidade, vazio, coisas “para encher”, água, flores, corrente interna, o “sabor” da água, manancial, montanha...) tente explicar o simbolismo de cada um dos elementos enumerados.
4. Analisem as diversas atitudes que se manifestam na parábola:

- | | |
|---------------------------|----------------------------|
| viver fora | - viver dentro |
| - falar “ôco” | - falar “a fundo” |
| - separados na superfície | - unidos na profundidade |
| - desiguais na aparência | - semelhantes no essencial |
| - ruído | - silêncio |
| - estar sedento | - brotar água |
| - sentir-se “ôco” | - sentir-se “ele mesmo |
| - aumentar a borda | - mergulhar no interior |
| - encher-se de “coisas” | - esvaziar-se |
| - olhar a si mesmo | - olhar a Montanha |

- 4.1 Qual é a conclusão que podemos tirar? Será mais importante ter coisas ou SER? Justifiquem com expressões do texto.
5. Os poços relacionavam-se uns com os outros. Distingam os dois tipos de relação/comunicação e justifiquem com expressões do texto.
6. A dimensão espiritual está bem presente na parábola. Expliquem quando é que ela é descoberta pelos poços e como é que essa descoberta vai transformar as suas vidas.



AS VÁRIAS DIMENSÕES DA PESSOA HUMANA



PESSOA HUMANA:

- ✓ Quem é?
- ✓ Quem sou eu? De onde vim? Para onde vou?
- ✓ Quais são as minhas características?



DIMENSÃO BIOLÓGICA



❖ **Biológica** – caracteriza todos os seres vivos; contudo

- ❖ **Ser humano**: cérebro humano; inteligência; raciocínio, vontade.
- ❖ Cada ser humano apresenta características biológicas únicas;
- ❖ Herança paterna – informação genética que define a nossa identidade sexual: masculina e feminina;
- ❖ A inteligência permite à pessoa pensar, confere-lhe autonomia, liberdade, capacidade de decisão e de ação sobre o mundo, visando a sua transformação.



DIMENSÃO SOCIAL

- Ser único e irrepetível- **DIGNIDADE**
- Identidade pessoal;
- Cidadania;
- Bom nome;



o Vocação humana:

Sociedades orientadas para a realização de cada pessoa e para o BEM COMUM.

o Herança da sociedade – somos devedores:

Direitos e deveres.



DIMENSÃO SOCIAL

- A **PESSOA** é um ser em relação;
- Nasce numa família...
- Nome - identidade
- Afirma-se nos mais diferentes grupos:
- Sociais;
- Culturais;
- Religiosos.
- Deus conhece cada um pelo seu nome.



DIMENSÃO ESPIRITUAL E COMUNICAÇÃO



(Aula 5 – anexo 1)



(Aula 6 – anexo 1)

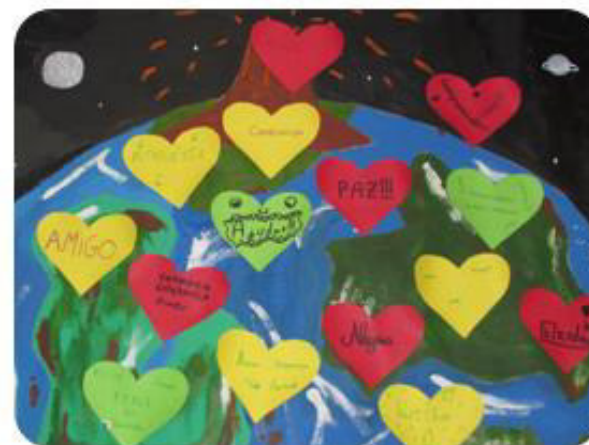
AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DA PAREDE – ESCOLA BÁSICA 2,3 DE SANTO ANTÓNIO
EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA – 6º ANO – 2015/2016 – mini-inquérito

1 - Nome		2 - Data de nascimento	D	M	A
3 - Naturalidade - (tua)	País		Município		
4 - À que distância vives da Escola?		5 - Que meio de transporte utilizas na deslocação para a Escola?		6 - Que mais gostas da Escola?	
<input type="text"/>		A pé? <input type="checkbox"/> Camião da família? <input type="checkbox"/> Transporte público? <input type="checkbox"/>			
				7 - Que menos gostas da Escola?	
8 - Já tens alguma retenção no teu currículo? Não. <input type="checkbox"/>		Sim <input type="checkbox"/>		9 - Beneficês da ASE? Não <input type="checkbox"/>	
		Que ano? <input type="text"/>		Sim <input type="checkbox"/> Escalão <input type="text"/>	
10 - Disciplinas preferidas.		11 - Dão p-l nas que tens mais dificuldades.		12 - A família ajuda-te no estudo? Não. <input type="checkbox"/>	
				Sim. <input type="checkbox"/>	
				Quem? <input type="text"/>	
13 - Habilitações de a tua pais: Ensino básico - pai					
		Secundário	Su perior		outra
		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Mãe		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
E tu queres tirar?		<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
14 - Inscrição em EMRC:					
		Escrito: dos meus pais <input type="checkbox"/>		Minha <input type="checkbox"/>	
Porque sou católico. <input type="checkbox"/>		Ando na catequese <input type="checkbox"/>		Sou <input type="checkbox"/>	
Escuteiro <input type="checkbox"/>		Acho importante para a minha formação. <input type="checkbox"/>			
Outra razão para a inscrição em EMRC. <input type="checkbox"/>		Qual? <input type="text"/>			
15 - Se não és católico, professa outra religião? Qual? <input type="text"/>					
16 - É a tua família? <input type="text"/>					
17 - Consideras que a dimensão religiosa é importante na tua vida? <input type="checkbox"/>					
Porquê? <input type="text"/>					
Muito obrigada pela tua colaboração!					

(Aula 7 – anex01)



(Aula 7 – anexo1 concluído pelos alunos)



(Aula 9 – anexo 1- se existir acesso à Net na sala de aula pode ser feita on line)

UMA PESSOA AUTÊNTICA/UMA PESSOA NÃO AUTÊNTICA

X	V	Q	I	F	F	I	N	G	I	D	O
Z	E	W	O	U	C	N	B	M	N	I	R
U	R	E	P	T	V	C	N	C	T	T	S
F	D	U	V	I	D	O	S	O	E	L	I
R	E	R	A	L	K	R	Q	N	G	E	N
A	I	T	S	G	L	R	A	S	R	A	C
N	R	Y	D	H	Z	E	Z	U	O	L	E
C	O	U	F	J	X	T	S	M	G	M	R
O	F	A	L	S	O	O	D	I	H	Q	O
V	A	I	D	O	S	O	F	S	J	P	Y
O	H	O	N	E	S	T	O	T	K	O	T
J	G	E	G	O	I	S	T	A	L	I	E
E	S	O	L	I	D	A	R	I	O	T	G

(Aula 10 – anexos 1)



1 - Esta imagem mostra-nos algo em comum. Assinala a afirmação correta, de acordo com o que aprendeste em EMRC:

1. É uma multidão.
2. Estão num concerto.
3. São pessoas.



2 - Qual é o significado do ser pessoa? Assinala a resposta correta:

- 1- A pessoa é apenas um ser vivo, portanto igual aos outros todos.
- 2- A pessoa é um ser distinto dos restantes seres vivos, porque é enriquecido pela razão e pela dimensão espiritual.
- 3- A dimensão espiritual é dispensável, não torna mais digna a pessoa humana.

EMRC- QUIZ

6ºUL1

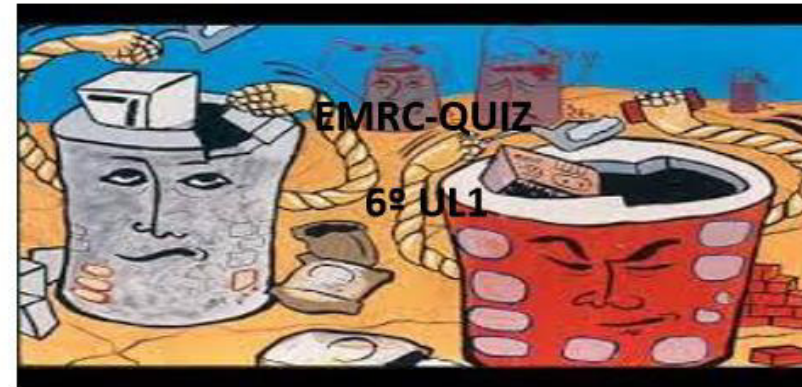


3 - Recorda a parábola dos poços e assinala a sua mensagem:

1- Quanto mais coisas tivermos, mais felizes seremos.

2- Não necessitamos dos outros.

3- Somos o que somos e não somos o que temos.

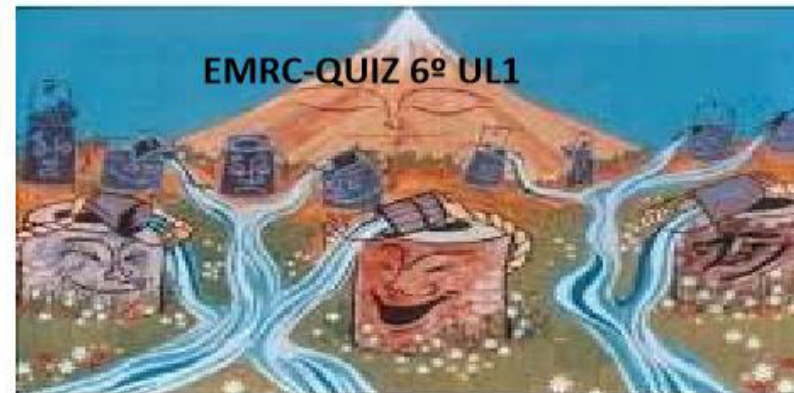


4 - A montanha na parábola dos poços simboliza:

1 - Que a fonte transmitia a água que dava sentido à existência dos poços.

2- Os poços não necessitavam da montanha.

3 - A montanha significa para os poços o mesmo que o religioso para a pessoa.



5 - O ser humano é complexo e distingue-se dos outros seres nas suas diferentes dimensões. Que dimensões são estas?

1. A dimensão física, artística e pessoal.

2. A dimensão biológica, social e religiosa.

3. A dimensão psicológica e biológica.



7-Recorda o conto do amor e a parte em que o amor pede a Deus que o transforme numa pedra e o colocasse na caldeira de um vulcão. O amor fez isso porque:

a) Sem amor no mundo os homens constroem a paz.

b) O amor ajuda as pessoas a construir um mundo mais justo e mais fraterno.

c) O amor podia desaparecer do mundo e os homens eram felizes.

d) Se as pessoas se amarem estão a ser parecidas com Deus que é amor.

e) Só o amor tem o poder de transformar o mundo e terminar com a violência.



8 - Durante as aulas falamos na importância de sermos autênticos. Indica um sinónimo de ser autêntico.

1. Ser autêntico é ser falso.

2. Ser autêntico é ser fingido.

3. Ser autêntico é ser verdadeiro.

(Aula 12 – anexo I)



Celebração do Dia dos Direitos Humanos – marcadores distribuído nas Escolas ás pessoas que lá iam levar os alunos

{ **Artigo 1.º** }

Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 6.º** }

Todos os indivíduos têm direito ao reconhecimento como pessoa perante a lei.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 15.º** }

Todo o indivíduo tem direito a ter uma nacionalidade.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 18.º** }

Todas as pessoas têm direito à liberdade de pensamento, de consciência e de religião...



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 21.º** }

Toda a pessoa tem direito de acesso, em condições de igualdade, às funções públicas do seu país. – 2)



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 2.º }

Todos os seres humanos
podem invocar os direitos
e as liberdades... sem
distinção alguma.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 7.º }

Todos são iguais
perante a lei e, sem
qualquer discriminação,
têm direito a igual
proteção da lei.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 11.º }

Toda a pessoa acusada de
um ato de delito presume –
se inocente, até que a sua
culpabilidade fique
legalmente provada, no
decorso de um processo
público em que todas as
garantias necessárias de
defesa lhe sejam
asseguradas.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 16.º }

A partir da idade núbil, o
homem e a mulher têm o
direito de casar e de
constituir família, sem
restrição alguma de raça,
nacionalidade ou religião.

1)



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 19.º }

Todo o indivíduo tem
direito à liberdade de
opinião e de expressão,
...independentemente
das fronteiras.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 3.º** }

Todas as pessoas têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 8.º** }

Todas as pessoas têm direito a um recurso efetivo dado pelos tribunais nacionais competentes contra os atos que violem os seus direitos fundamentais...



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 12.º** }

Ninguém deverá ser submetido a interferências arbitrárias na sua vida privada, família, domicílio ou correspondência, nem ataques à sua honra e reputação.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 16.º** }

A família é o elemento natural e fundamental da sociedade e tem direito à proteção desta e do Estado. 2)



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ **Artigo 20.º** }

Toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacíficas. 1)



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 4.º }

Ninguém pode ser mantido em escravidão ou em serviço; a escravidão e o comércio de escravos, sob qualquer forma, são proibidos.



ONU, comissão e dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 8.º }

Ninguém pode ser arbitrariamente preso, detido ou castigado.



ONU, comissão e dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 13.º }

Toda a pessoa tem o direito de livremente entrar e sair do seu país, bem como de visitar outros países.



ONU, comissão e dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 23.º }

Toda a pessoa, como membro da sociedade, tem direito à segurança social, e pode legitimamente exigir a satisfação dos direitos económicos, sociais e culturais indispensáveis.



ONU, comissão e dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 23.º }

Toda a pessoa tem direito ao trabalho, à livre escolha do trabalho, a condições equitativas e satisfatórias de trabalho e à proteção contra o desemprego. 1)



ONU, comissão e dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 5.º }

Ninguém será submetido a tortura nem a punição ou tratamento cruéis, desumanos ou degradantes.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 10.º }

Todas as pessoas têm direito, em plena igualdade, a uma audiência justa e pública julgada por um tribunal independente e imparcial em determinação dos seus direitos e obrigações.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 14.º }

Toda a pessoa sujeita a perseguição tem o direito de procurar e de beneficiar de asilo em outros países.



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

{ Artigo 21.º }

Toda a pessoa tem o direito de tomar parte na direção dos negócios públicos do seu país, quer diretamente, quer por intermédio de representantes livremente escolhidos. 1)



EMRC celebra o dia 10 de Dezembro
Dia dos Direitos Humanos

Deus fez-Se PESSOA EM JESUS⁶.

Símbolo fundamental do natal cristão distribuído a todos os alunos de EMRC,
no almoço de Natal a 16.12.2015, na Escola Lopes Graça



⁶ Para os alunos do sexto ano seria retomado na Unidade Letiva 2: *Jesus, um homem para os outros* que "a pessoa [sobretudo o cristão] só encontra a resposta de quem é no mistério do Verbo Incarnado." GS 22.

FIM.

